

Geraldo Sampaio Júnior

Existe vida após a morte?

*Conheça as respostas do Espiritismo sobre: Mediunidade,
Vida após a morte, Psicografia, Reencarnação e Histórias reais*



UNIVERSO DOS LIVROS

Geraldo Sampaio Júnior

Existe vida após a morte?

*Conheça as respostas do Espiritismo sobre: Mediunidade,
Vida após a morte, Psicografia, Reencarnação e Histórias reais*



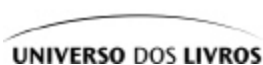
UNIVERSO DOS LIVROS

Geraldo Sampaio Júnior

Existe vida após a morte?

Conheças as respostas do Espiritismo sobre: Mediunidade, Vida após a morte, Psicografia, Reencarnação e Fatos reais

São Paulo
2010

**UNIVERSO DOS LIVROS**

© 2010 by **Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial **Luis Matos** | Assistente Editorial **Noele Rossi** e **Talita Gnidarchichi** | Preparação **Juliana Mendes** | Revisão **Guilherme Laurito Summa** | Arte **Stephanie Lin** | Capa **Marcos Mazzei**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S192e Sampaio, Geraldo.

Existe vida após a morte? / Geraldo Sampaio. – São Paulo :
Universo dos Livros, 2010.
128 p.

ISBN 978-85-7930-139-1

1. Espiritismo. 2. Espiritualismo. 3. Vida após a morte. I. Título.

CDD 133.9

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua Haddock Lobo, 347 – 12º andar • Cerqueira César

CEP 01414-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3217-2600 • Fax: (11) 3217-2616

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Agradecimentos

*Ofereço esse livro a **Nossa Senhora Aparecida**,
luz amorosa e protetora a guiar a minha vida;*

*e à minha querida mãe, Maria Ap. Sampaio e
(In memoriam) ao meu querido pai Geraldo Sampaio.*

*Agradeço muito ao meu grande amigo Reinaldo Sampaio
pelo constante incentivo dispensado, há vários anos,
sendo o motivador desse meu sucesso;*

*À minha querida esposa Sheila, pela
atenção e carinho dispensados;*

*E aos meus queridos irmãos, Paulo, Júlio
e Carla, pelo amor que nos une.*

Introdução

A ideia de escrever este livro nasceu em mim após os primeiros contatos que tive com a Filosofia. Essa disciplina, totalmente cética em questões de espiritualidade, mostrou-me uma nova maneira de entender a realidade humana. Ela, ao mesmo tempo em que me desestimulava a crer em coisas que não eram apreensíveis pelos cinco sentidos físicos, como a vida após a morte, por exemplo, mostrava-me outra realidade: as limitações da razão humana.

Nessa época, em 2004, eu vivia numa mentalidade voltada para questões espirituais, apresentadas por Allan Kardec e pelos demais escritores e médiuns espíritas, não me preocupando muito com as limitações da razão humana. Ao tomar contato com os livros de Filosofia (totalmente voltados para a racionalidade), passei a me questionar mais sobre o que lia, não tão crente em tudo o que chegava às minhas mãos.

Foi a partir daí que pensei em encontrar um meio-termo entre a Filosofia e o Espiritismo. Digo isso porque percebi que havia adquirido os pontos centrais dos questionamentos filosóficos e também os mecanismos que a Filosofia usa para questionar. Em Espiritismo, reconhecia possuir um grande conhecimento. Então, percebendo que a Filosofia não está totalmente errada com o seu ceticismo, e também, em grande parte, por existir há 2.500 anos aproximadamente, o que faz dela uma fortíssima área do conhecimento humano, pensei ser possível mesclar conceitos, ideias, princípios e postulados de ambos e projetá-los no papel, para tentar granjear a atenção dos leitores mais exigentes com as questões racionais.

É óbvio que não me considero um especialista em Filosofia a ponto de escrever com toda a tranquilidade possível sobre as aporias filosóficas em confronto com o pensamento lúcido de Allan Kardec, mas percebo que, sem iniciativas, nada se consegue. Confesso ainda desconhecer qualquer obra,

na literatura espírita, que tenha feito o que estou tentando fazer: confrontar Espiritismo e Filosofia.

Quero informar ainda que, entre os anos de 2004 e 2005, mantive um longo contato semanal, via e-mail, com Reinaldo Sampaio, um primo que, na época, estava se doutorando em Filosofia pela Unicamp. Durante esses anos, nos e-mails, trocávamos informações sobre a vida humana e o seu sentido mais profundo, principalmente a ligação do ser humano com Deus e com a espiritualidade.

Para Reinaldo, totalmente cético em espiritualidade, talvez em razão das fortes regras acadêmicas na maneira de se adquirir conhecimento seguro, e também, talvez, pela forte influência do pensamento aristotélico, informações sobre vida após a morte e reencarnação eram questões totalmente obscuras e quase inalcançáveis pela razão humana.

Para mim, as questões apresentadas e que envolviam espiritualidade eram normais, fazendo parte do meu dia a dia; mas percebia que todas as vezes que tentava convencê-lo sobre essa realidade, ele se mantinha endurecido em aceitá-las. Acredito que isso decorria da falta de argumentação lógica de minha parte, nos moldes acadêmicos, sobre a maneira correta de se entender o mundo e a realidade humana. Relatar apenas a vida no mundo espiritual ou falar das consequências da reencarnação sem antes “justificar” ou “provar” que ambas as possibilidades existem e são reais aparentou-me ser o motivo do endurecimento dele em crer naquilo que eu lhe apresentava.

Com isso, fui percebendo que, para se conquistar a atenção de um estudioso em Filosofia (que, para mim, representa a classe dos intelectuais, pouco maleáveis às informações espíritas), é preciso muita perspicácia no momento em que se escreve sobre espiritualidade. Para nós, espíritas, crentes nas informações de Kardec e Chico Xavier, não existe a necessidade da “justificativa”, ou mesmo a “comprovação” daquilo que lemos, mas para pessoas como Reinaldo, totalmente céticas e racionais, aparenta-me serem necessárias provas para tudo aquilo que não esteja ao alcance dos cinco sentidos físicos.

Outro motivo que me levou a trabalhar neste livro foi a questão que envolve as provas científicas (que existem em abundância nos dias atuais) sobre a origem do Universo e da vida no planeta Terra. Para a ciência, o Universo surgiu após uma grande explosão – o Big Bang – que deu origem

às galáxias, sistemas solares, planetas e, por fim, à vida humana, aqui no planeta Terra.

Com essa teoria sobre o princípio do Universo, fica provada (para a ciência) a não necessidade de um Deus criador. Quanto à origem da vida, conforme apresentada pela ciência e também pela teoria evolucionista de Charles Darwin, também é descartada a necessidade de Deus. Sobre a questão da vida em outros planetas, além da Terra, a ciência não apresenta nenhum elemento favorável a isso, e também não encontra solução para uma suposta possibilidade, em virtude das grandes distâncias interplanetárias e intergalácticas.

Se pensarmos sobre os postulados e princípios kardecistas a respeito de reencarnação, vida após a morte e espiritualidade parece-me que ficaremos diante de um grande paredão erigido pela ciência e pela Filosofia, impedindo-nos a passagem para outra dimensão, qual seja, a espiritual. Assim, diante de duas realidades: a espiritual – apresentada por Allan Kardec – e a material – mostrada pela Física –, senti a necessidade de expor o meu pensamento.

Como pude perceber, por meio dos meus estudos de Filosofia e principalmente nas conversas com Reinaldo, o ser humano, desde os mais remotos tempos, busca algo mais que esteja além da mera vida física. O enigma da morte sempre atraiu a atenção dos homens de gênio; para o vulgo e apreciador dos prazeres físicos essa busca é desnecessária e até mesmo inviável, considerando que os prazeres do corpo são únicos e insubstituíveis. Mas, para aquele que não se sente satisfeito com essa vida apenas, a morte aparenta ser uma porta mágica que não se abre para quem ainda não morreu, exigindo dele uma grande parte de seu tempo em estudos e especulações os mais diversos, para se poder fazer uma ideia dos seus mistérios.

Nos dias atuais, as pessoas têm estado em constantes questionamentos e buscas sobre a possibilidade de a vida se estender para além da morte do corpo físico. Se aquele que buscar algo de natureza espiritual não optar pela literatura espírita ou espiritualista, mas sim aventurar-se pelos caminhos da ciência, irá se deparar com aquele grande “paredão”; se optar por outros caminhos, quais sejam, os da Filosofia, encontrará um grande “matagal” que irá deixá-lo perdido em meio a uma “floresta” de questionamentos insolúveis.

Portanto, em meio a essas realidades, resolvi trabalhar minhas indagações subjetivas em um nível racional e realista, para tentar alcançar o interesse dos intelectuais que, talvez, ainda não tenham encontrado o que estão procurando ao se mostrarem interessados pela busca espiritual. Com isso, percebo que este livro destina-se mais aos não espíritas, pois ao longo dele uso de argumentações lógicas que não são, nem um pouco, necessárias para aqueles que são adeptos do Espiritismo.

Geraldo Sampaio Júnior

Existe vida após a morte?

Eis a questão que acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Essa é uma indagação que, se bem respondida, é capaz de resolver a maior parte dos problemas da humanidade. Acredito que não exista um único ser sobre a Terra que ainda não tenha se questionado sobre essa possibilidade. Quando somos jovens, não nos preocupamos tanto com questões dessa natureza, pois estamos descobrindo a vida; tantas coisas e pessoas a conquistar; a vida se nos apresenta como uma caixa de surpresas, e a cada nova descoberta experimentamos novas sensações, na maior parte das vezes agradáveis. Quando estamos um pouco mais maduros (para não dizer velhos) e já descobrimos uma grande parte das coisas boas que a vida tem para nos oferecer, passamos a refletir sobre o seu significado: para que (ou por que) vivemos? Será apenas para trabalhar, divertir-nos, ganhar o próprio sustento ou sustentar uma família e depois nos aposentarmos e ficarmos lembrando o passado?

Quando estamos nessa fase da vida, percebemos o quanto ela é breve. Ao lembrarmos-nos dos vinte anos sentimos a diferença: naquela época, tudo acontecia mais lentamente, existia um “tempo maior” para curtir os bons momentos, éramos mais saudáveis, as doenças ainda passavam longe de nós; no entanto, agora, já maduros, percebemos que as coisas acontecem rápido demais, além de termos tantas contas a pagar, muitas responsabilidades, e de as doenças estarem por todos os lados, nos espreitando para o ataque. Nesse período de nossas vidas temos de fazer exames de saúde periódicos, sem contar que muitas vezes, apesar de toda a prevenção, os exames de sangue acusam alterações que nos obrigam a dosar a alimentação (coisa que praticamente não existia aos vinte anos). Enfim, essa é a nossa realidade: a realidade da vida física.

Quem assistiu ao filme *Luzes do além* teve a oportunidade de ver, logo no início, uma estatística sobre a EQM (Experiência de Quase Morte) nos EUA.¹ É assustador ver quantas pessoas passam, diariamente, naquele país, pela EQM.

Para quem não sabe o que é a experiência de quase morte, basta imaginar que a pessoa, quando a experimenta, “morre” por alguns minutos, perdendo pulsação, temperatura, batimentos cardíacos, ou seja, o coração simplesmente para de pulsar, e a vida se extingue do corpo. Alguns minutos após a morte, os médicos, com a ajuda dos equipamentos necessários e contando também com a longa experiência da equipe, conseguem trazer de volta à vida aquele que já estava morto. Durante esses poucos minutos em que o paciente esteve morto, a sua consciência passa por um estado consciente no qual, de acordo com os depoimentos, registra imagens de um local estranho, incomum... Alguns dizem ter atravessado um longo túnel com uma luz branca muito intensa; outros dizem ter visto o corpo deitado na maca e a equipe médica toda ao redor, fazendo o possível para trazê-lo à vida; outros ainda informam ter visto pessoas da família já falecidas. Enfim, são depoimentos dos mais variados, relatados por aqueles que a experimentaram. Pergunto: se o corpo estava morto, quem viu e registrou todas as imagens relatadas? As funções cerebrais estavam paralisadas naqueles momentos; o coração não batia e, conseqüentemente, não impulsionava o sangue a percorrer as veias e levar vida aos órgãos. Então, o que restou do paciente que estava naquela condição para fazer o registro das cenas vivenciadas? Se não for algo de natureza espiritual, o que mais poderia ser?

No movimento espírita, encontramos pessoas que dizem ter passado pela experiência de “sair do corpo” no momento em que dorme, ou em momentos de profundo relaxamento. Yvonne do Amaral Pereira, médium espírita, relatou, em seus livros, dados impressionantes sobre o que via no momento em que estava na outra dimensão, muitas vezes interagindo com outros seres sem o corpo físico. Isso, em Espiritismo, chama-se *desdobramento*. Pergunto novamente: o que (ou quem) é que interage nessa outra dimensão ou realidade?

Para pessoas que buscam respostas para as questões da alma ou do Espírito e na maioria das vezes não as encontram, ou se as encontram, são insuficientes, lanço uma provocação: será que tudo o que vivemos durante a vida cotidiana é a realidade total do que existe? Ou será que existe algo mais por trás de toda essa brevidade de vida?

Reconheço que essas são perguntas comuns, que muitas pessoas têm feito a si. O que está em jogo é se a resposta nega (ou afirma) a outra realidade. Se ela negar outra dimensão, além da dimensão física, não precisarei dar

continuidade a este capítulo, encerrando-o agora, mas se levantar alguma possibilidade...

É nesse momento que se inicia a busca pelo entendimento ou pela aceitação de outra realidade que não a mera vida cotidiana.

Desde épocas remotas, mais precisamente na Grécia Antiga, há aproximadamente 2.500 anos, os homens se questionavam sobre o que falo agora; e mesmo naquela época tão distante, era especulada a possibilidade de se viver além da vida física. Os gregos antigos, chamados de pré-socráticos, como também Sócrates e Platão, perguntaram e debateram, durante toda a vida, sobre a possibilidade de uma continuação da vida após a morte do corpo físico. Para Platão, o mundo físico nada mais era que um simulacro da realidade total. Tudo o que os olhos viam nada mais era que uma ilusão (ou distorção), uma aparência imperfeita daquilo que ele chamou de *Mundo das Formas* ou *Mundo das Ideias*. Nessa dimensão, a alma poderia contemplar a realidade de tudo o que viria a encontrar no momento em que se encarnasse. A diferença é que, na dimensão física, tudo aquilo com que o ser humano fosse tomar contato nada mais seria do que uma reprodução muito imperfeita daquela *forma primeira* (ou modelo) que ele, como *alma*, havia contemplado. Um exemplo disso seria o contato com um cão: esse animal, visto na vida física, nada mais seria que um tipo (ou aparência) bem imperfeito da *forma* (ou modelo) de cão, existente apenas no *mundo das formas*, acessível somente por meio da razão, ou da alma desligada do corpo físico. Essa dimensão, toda racional, possuiria em sua essência apenas o pensamento, seguido das ideias, para todos os modelos virtuais que viriam a se concretizar no mundo material. Para entendermos bem isso, basta imaginarmos uma casa. Esta, antes de aparecer no mundo concreto, inicia-se na mente do arquiteto, que a imagina/cria em seu pensamento para depois projetá-la no papel. Depois de feita a planta, ela é levada ao engenheiro civil para dar prosseguimento à obra, concretizando-a em nossa realidade física. Dessa maneira, é possível perceber que algo de natureza concreta tem o seu início no “*mundo mental*”, ou na *ideia* do arquiteto. Assim, Platão vai apresentando a origem de todas as coisas materiais. A grande diferença é que, nesse *mundo das ideias*, a alma vive apenas de forma racional, sem o corpo físico, vivenciando tudo aquilo que encontrará quando estiver encarnada.

Com isso, teríamos duas realidades distintas: a *dimensão física*, da vida humana, imperfeita, onde o ser espiritual usa um corpo físico para interagir

na matéria, e a *dimensão racional*, da alma, perfeita – assim como Deus –, das *formas primeiras* para tudo o que existe na matéria.

Ainda em Platão, a alma seria de essência divina, assim como Deus, possuindo em si apenas a inteligência – ou *racionalidade* –, seguida da busca pelo belo e pelo virtuoso. No momento em que essa alma resolvesse vir ao mundo material, para participar das coisas físicas, ela se distanciaria bastante daquela realidade do mundo imaterial, ficando obscurecida pela transitoriedade da matéria, que a “revestiria” com o corpo físico, um grande bloqueio para ela.

Com esse pensamento, estudado com muita perspicácia e racionalidade, a questão da existência da alma atravessou os séculos e levou muitos outros filósofos a se perguntarem a respeito.

Alguns séculos depois, Jesus veio à Terra trazer a belíssima mensagem sobre o *amor*, o *perdão*, a *misericórdia*, a *justiça*, o *pacifismo* e, principalmente, a promessa de uma vida além dessa, em um lugar que Ele chamava de *Reino dos Céus*, onde reinava com total soberania e amor. Jesus ensinava que a vida na Terra era um acontecimento muito breve e de pouca importância, se comparado à realidade do *Reino dos Céus*, que seria o lugar onde a alma (dos bons) vive após a morte. Durante todo o período em que esteve ensinando os seus apóstolos e discípulos, mostrou-lhes que deveriam, a todo custo, levar uma vida voltada para o *amor ao próximo*, agradável aos olhos de Deus. Assim, Jesus ia preparando a alma daquele que o ouvia e assimilava os Seus ensinamentos, preparando-o para uma nova vida, em um novo local, em um novo reino – o *Reino dos Céus*! Momentos antes da sua morte, quando ele se encontrava pregado na cruz, com dois condenados, eis que um deles se vira, depois de repreender o outro que provocava Jesus, e lembrando-se da promessa que o Nazareno fazia para os bons, sobre um local maravilhoso para se viver, faz uma súplica ao mestre: “Senhor, lembra-te de mim quando entrares em teu reino!”. Jesus, olhando para o moribundo, que por haver praticado muita maldade merecia a morte que lhe fora destinada, e talvez observando o seu coração e vendo brotar o arrependimento pelas faltas cometidas, aliado a um profundo desejo de habitar um mundo melhor, onde ele pudesse viver mais dignamente, devolve à súplica do agonizante uma consolação, seguida de uma promessa: “Ainda hoje estarás comigo no Paraíso”. Bonito, não?

No século XIX, mais precisamente em 1857, era lançado em Paris, na França, um livro espetacular chamado *O livro dos espíritos*, que tratava de

questões sobre *espiritualidade* e tudo o que tivesse ligação com ela. As questões que haviam incomodado os filósofos de todas as épocas apareciam ali, naquele livro, de uma maneira clara e lógica, com detalhes minuciosos sobre a vida após a morte. O livro continha pouco mais de quinhentas questões,² que Allan Kardec – o autor – havia formulado aos espíritos sobre a problemática que envolve a vida humana, a sua finalidade e destinação. No livro, o mundo espiritual era apresentado a nós, os encarnados, de uma maneira que chegava a impressionar, mostrando a vida do espírito, sua origem e destinação, com todas as suas peculiaridades e multiplicidades de adaptação e vivência. Aquilo que os pré-socráticos, Sócrates, Platão, Jesus e tantos outros líderes religiosos, em várias partes do mundo, haviam falado sobre a existência de outra realidade, imaterial (ou espiritual), melhor e mais aprimorada que a realidade física era apresentado de maneira contagiante, desejável e ao alcance de todos, desde que procurassem viver uma vida de amor ao próximo. Esse livro deu início a uma nova doutrina religiosa, denominada *Espiritismo*.

No século XX, em 1910, nascia em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, aquele que levaria o Espiritismo à sua expressão máxima, provando, pela experimentação, a veracidade das informações kardecistas sobre assuntos espirituais e também estendendo, por meio da mediunidade, um vasto campo de estudos sobre a vida além da matéria. Esse homem era Francisco Cândido Xavier.

Chico Xavier, como ficou conhecido, escreveu, dentre os mais de quatrocentos livros psicografados, uma série intitulada *André Luiz*, cujo autor espiritual – de mesmo nome – relata a vida na espiritualidade a partir de experiências dos próprios encarnados, permitindo a ele usar delas para ensinar aos leitores a melhor maneira de se viver uma vida saudável, do ponto de vista espiritual, aproveitando melhor a reencarnação presente.

Nos dias atuais, num século em que a ciência (cada dia mais materialista e cética em questões de Deus e espiritualidade) informa que não existe espaço para algo do tipo espiritual, trazendo com isso a não necessidade de um Deus criador, vemos cada vez mais pessoas buscando respostas para indagações de gênero espiritual. Ao que me parece, essas pessoas não se sentem satisfeitas com as informações científicas (que, por sinal, são precisas), por não apresentarem algo satisfatório sobre a destinação dos seres humanos.

Por meio de suas descobertas, a Física informa que os seres humanos existem por acaso, por força da natureza, assim como os planetas, chegando a afirmar que os homens são filhos das estrelas – “poeira das estrelas”.

Essa informação, aos meus olhos, diz respeito apenas ao corpo físico e à vida que se restringe a ele. Mas, se voltarmos os olhos para a alma ou o espírito, perceberemos que informações de natureza científica não têm alcance no nível espiritual, pois os instrumentos usados para as observações e pesquisas estão restritos apenas à matéria e à energia. Questões como *consciência*, *espírito* e *alma* ainda são da área religiosa e da Filosofia, por trabalharem a introspecção humana, fazendo uma busca interior em cada ser humano, sem a necessidade da tecnologia moderna, apenas pela fé daquele que a exercita.

Outro ponto que me leva a pensar sobre a possibilidade de outras dimensões, onde a alma possa viver sem a interferência do corpo físico, diz respeito à paixão. Quem é que durante a vida não se apaixonou “perdidamente” por outra pessoa? Quem já experimentou esse sentimento me entenderá e também perceberá que, quando se está apaixonado, vive-se em outra realidade: tudo parece mais belo e agradável, a vida se torna mais doce, as pessoas aparentam ser boas, e a maldade, como num toque de mágica, desaparece da face da Terra. Pergunto: por que as coisas se processam em nós dessa maneira quando estamos apaixonados? Acredito que seja porque somos dotados de algo mais que a mera intelectualidade: *somos dotados da faculdade de amar*. Disso surge a questão que justifica a minha afirmativa sobre a diferença entre corpo e espírito: o *cérebro* gera a intelectualidade, assim como a *alma* gera as emoções e o amor. Se a ciência provou que todas as moléculas do corpo humano tiveram início com a morte de uma estrela, em um processo que envolve bilhões de anos, para gerar os primeiros seres humanos, eu me pergunto: de onde surgiram o amor e a paixão? Acredito que, se o corpo físico vivesse sem a alma (como a ciência quer), nem que lhe fosse dado viver centenas de vezes o tempo já passado ele seria capaz de produzir algo que estivesse próximo do amor. Para tanto, basta observarmos os robôs que os japoneses estão fabricando: estão fazendo grande parte das coisas que o homem faz, apesar de *jamais* conseguirem sentir algo próximo à sensação do amor e da paixão; muito menos possível é imaginar um robô com *consciência de bem e mal*, certo e errado. Quanto a imaginá-lo inteligente, isso me parece bem natural, desde que contenha uma programação em seu sistema operacional, assim como os

softwares; mas daí a imaginá-lo com a faculdade das emoções espontâneas é algo ainda inconcebível.

Acredito na informação de que a morte de uma estrela gera a vida humana e o cérebro, mas me sinto melhor imaginando que a vida da alma, o seu princípio, a sua destinação e as suas faculdades inerentes são obras de um criador, dotado de inteligência, amor, paixão pela sua criação, bondade, justiça e outros atributos mais, que conseguem fazer a criatura sentir, amar e intelectualizar as coisas à sua volta da mesma maneira que o seu criador é capaz (é óbvio que em sentido bem mais simples).

Dessa maneira, percebo que o ser humano comporta em si a *razão* (ou faculdade intelectual) e as *emoções* (que geram o amor e as paixões), de uma maneira que elas fluem por órgãos diferentes: o cérebro e o coração. Apesar de o cérebro desencadear sensações de prazer e tristeza no corpo, não acredito que seja ele a “fonte” dessas sensações. Acredito firmemente que as *emoções* se originam em outra região, apesar de fluírem através dos órgãos físicos para se exteriorizarem.

Se, nessas especulações, você, leitor, concordar comigo, terá de ceder à ideia de que não somos apenas um corpo físico, tampouco um produto do cérebro. Se não somos produto do cérebro e possuímos uma “fonte” que gera a sensibilidade emocional, e esta não é física, assim como o que ela produz também não o é, forçosamente concluirá comigo que existe a *alma* (ou ser pensante), e que ela é imaterial (ou espiritual), e também, por *não ser* produto do cérebro, sobrevive à morte dele, e se sobrevive à morte dele, logicamente vive antes e depois de sua criação.

Seguindo essa cadeia de raciocínios, sou levado a ver no ser humano uma alma – ou espírito – guiando esse corpo e continuando a viver após a morte dele, pois a alma, sendo imaterial e vivendo após a morte do corpo físico, apresenta a nós a possibilidade da imortalidade – no sentido espiritual.

* * *

Deixando um pouco de lado a racionalização e passando para a experimentação, vou apresentar a você, amigo leitor, uma experiência acontecida comigo, no ano de 1995, quando, em uma madrugada, fui levado a um local desconhecido, que considereei uma dimensão espiritual, como você mesmo constatará após o relato.

Em uma noite de quarta-feira, depois de um dia cansativo e também muito valioso para mim, pois passei o dia distribuindo alimento para famílias pobres, como tínhamos – eu e minha família – o hábito de fazer, às quartas-feiras, senti-me bastante cansado e com sono logo às oito da noite. Sem entender bem o que se passava comigo, fui me deitar. No meio da noite, senti a presença de alguém próximo à minha cama, dizendo que iríamos dar uma volta. Não consegui reconhecer quem era; apenas sentia a sua presença. Logo em seguida, ele me puxou pelas mãos (imagine duas pessoas deitadas de bruços no chão, uma de frente para a outra, com os braços esticados para a frente, e nessa posição, elas se seguram pelas mãos. Nessa posição é que fizemos todo o passeio).³

Apesar de ele estar bem de frente para mim, eu não via o seu rosto, apenas percebia que ele me puxava pelas mãos. De início, percebi o momento em que atravessamos o telhado do quarto em que estava dormindo e, logo em seguida, subimos muito rapidamente, sem que eu pudesse observar o que deixava para trás. Foi uma subida vertiginosa. Sentia a brisa da noite em meu rosto. Não sentia frio, apesar da altura em que estava, mas sim um agradável frescor, no rosto e no corpo, em virtude deste voo noturno. Depois de alguns momentos vi-me chegando a um enorme campo aberto, com muitas árvores altas e notei que lá era dia, mais precisamente, manhã. Estava um sol bem suave e uma manhã belíssima. Fiquei impressionado com o que via. De repente, ele soltou minhas mãos, e tive a sensação de que cairia, pois estávamos voando na altura das árvores. Nesse momento, ele começou a sorrir da minha preocupação por estar solto, e logo em seguida, agarrou-as novamente. O incrível de tudo isso é que eu não conseguia ver o seu rosto. Sentia apenas ser um jovem de, aproximadamente, vinte anos. Logo a seguir, comecei a ver alguns casais que também estavam voando próximo às árvores. (Digo casais porque eles voavam de mãos dadas.) As roupas que usavam eram mantas longas e brancas, deixando aparecer apenas as mãos e os cabelos. Eu os via por trás. Esse passeio deve ter durado alguns minutos apenas. Logo após, ele me disse que iríamos penetrar em outra região. Aos poucos, fui percebendo que saíamos daquele jardim e entrávamos em outro local, com uma luminosidade diferente; já não havia a luz do sol como estávamos vendo, talvez fosse um lugar fechado, não saberia dizer. Essa luminosidade era um tanto acentuada na coloração dourada. Aos poucos, fui ficando inebriado por uma fortíssima sensação de AMOR. Esse amor me penetrava

de tal maneira que, se eu pudesse mantê-lo vivo em mim, depois dessa experiência, seria capaz de passar a vida toda fazendo o bem para as pessoas e seres vivos que existem no planeta. Outra coisa que me chamou a atenção, naquele momento, foi que eu não sentia o corpo da maneira como o sinto aqui, no planeta Terra. Lá, eu me sentia apenas energia; era como se o meu corpo não tivesse uma forma física – carne, ossos, músculos etc.: ele se irradiava! E eu percebia que, se quisesse me locomover com bastante velocidade, conseguiria. Então, meio abobalhado com tudo aquilo, perguntei o que estava acontecendo. Ele me disse:

– Você está sentindo um pouco da presença de Deus. Existem alguns lugares aqui, no Mundo Espiritual, em que sentimos a presença de Deus com mais intensidade. Você está em um deles nesse momento.

Então disse a ele:

– Como fazer para manter isso vivo em mim?

Ele respondeu:

– A questão não é manter isso vivo em você, e sim mostrar essa realidade àqueles com quem você convive. Você percebe como sua família se preocupa tanto com coisas passageiras (lá na Terra), acabando por se desentender por pouca coisa? O tempo no período da encarnação é muito breve, se comparado ao nosso aqui; vocês precisam aproveitar melhor esse tempo.

Nesse momento, comecei a lembrar-me de alguns problemas que nos afligiam em nossa vida cotidiana e que nos levavam ao desentendimento. Passei a ver a minha casa e meus familiares em um dia comum, quando estávamos todos reunidos, como nos finais de semana, e percebi que estávamos muito distantes de sentir a realidade que eu presenciava naquele momento. Foi então que ele me disse:

– Registre muito bem tudo isso que você está vendo e sentindo aqui, para quando voltar ao corpo físico passar a eles, de uma maneira que os motive a enfrentar melhor os problemas, sabendo que existe um lugar maravilhoso para se encontrar quando terminarem a jornada na Terra. Depois disso, senti que estava sendo deslocado daquele lugar. Não pude registrar, em detalhes, o que acontecia, por ser tudo muito rápido. De repente, vi-me descendo em direção ao telhado da minha casa, e subitamente, senti que estava me acomodando em minha cama. Confesso que senti certo desconforto quando me vi atravessando o telhado do quarto; apesar de muito rápido, pude perceber. Então, acordei! Sentei-me

na cama e senti o corpo todo “eletrizado”. Ele estava todo “formigando”. Sentia alguém de pé, ao lado da cama, apesar de não conseguir enxergá-lo. A partir daí, passei a sentir uma profunda tristeza e pedi para voltar àquele lugar maravilhoso de onde acabara de chegar. Nada aconteceu. Fiquei alguns minutos ali, na cama, e depois fui ao banheiro lavar o rosto. Senti-me mais desperto, e quando voltei, percebi que estava só. Não sentia a presença de mais ninguém ali comigo. Uma nostalgia muito forte me envolveu naquele momento. Fiquei observando o quarto e analisando a diferença entre a realidade da vida aqui na Terra e o outro tipo de vida que havia experimentado, minutos antes, naquele maravilhoso lugar. Eram cinco horas da manhã.

* * *

Depois de uma experiência como essa, vivenciada há quatorze anos, reflito sobre a realidade dela e questiono-me se o local para onde fui levado é realmente uma dimensão espiritual ou algum lugar material, localizado em alguma parte do nosso planeta. Mas ao lembrar que me vi atravessando o telhado ao sair do quarto e nele reentrar; o momento em que deslizava próximo às grandes árvores, percebendo nitidamente que estava voando, com a ajuda daquele que me puxava pelas mãos; e por fim, ao lembrar que no início da experiência era noite e logo após percebi estar em um lugar com um belíssimo sol, aparentando ser manhã, para depois, no final, observar, no relógio do quarto, cinco horas da manhã, sou levado a refletir sobre a possibilidade de essa experiência ter acontecido “fora do corpo” (ou em desdobramento), confirmando com isso que existe a *alma* e que ela vive em *dimensões não físicas* (apesar de saber que a ciência não encontrou ainda nenhum vestígio de um local assim).

Quando passei por essa experiência, já era espírita e aceitava a *vida após a morte*, a *reencarnação* e outras coisas mais da doutrina espírita. Alguns dias depois, refleti sobre a utilidade de uma experiência como essa. Eu acreditava em tudo o que lia sobre espiritualidade; não eram necessárias provas para me convencer: eu realmente acreditava em tudo aquilo. Hoje, passados tantos anos, e depois da minha imersão em Filosofia (mais detidamente na Filosofia empírica⁴ de David Hume), vejo que aquela experiência era necessária para não me deixar perder a crença na realidade espiritual, em períodos do tipo que vivo atualmente.

Quando estudamos Filosofia, somos levados, naturalmente, a *descrever* em quase tudo aquilo que não podemos experimentar por meio dos sentidos físicos. Esse é um caminho natural da Filosofia e também da ciência.

Trazendo ao texto outra experiência, ligada à espiritualidade, vou mostrar como os espíritos atuam junto de mim, para me dar a certeza de que *existe vida além da matéria!*

Em outubro de 1996, no aniversário da minha sobrinha Isabela, eu estava com uma filmadora em mãos registrando aqueles momentos em que toda a família estava reunida. Em certo momento, em que filmava algumas pessoas no quintal de casa, ao dar um close no rosto do meu pai, senti “soprar” em meus ouvidos o seguinte:

– Registre bem essa imagem, pois ela é a última que você registra dele. Estremeci! Não podia acreditar naquilo que ouvia (ou melhor, sentia dentro de mim, pois a recepção de informações vindas do mundo espiritual vem de dentro de nós, e não externamente, como estamos acostumados a pensar). Meu pai estava sorrindo enquanto eu registrava a sua imagem. Senti-me muito triste, pois apesar de não querer acreditar naquilo, sabia que era real o que acabara de receber. Em mediunidade, quando nos acontece algo de natureza espiritual, a certeza é tão grande que não há como negar; o nosso íntimo nos faz ter essa certeza. Pois bem, isso foi em outubro de 1996; ao chegar o dia das mães (em maio de 1997) meu pai teve uma hemorragia no estômago, por causa de uma excessiva automedicação feita durante a noite, e ao se levantar pela manhã, estava muito pálido. Levamo-lo às pressas ao hospital. No dia seguinte, depois de muito trabalho dos médicos para conterem a hemorragia, às 19h30min, ele falecia por insuficiências renal, respiratória e cardíaca.

De acordo com o Instituto de Estatística Norte-americano (North American Statistics Institute – 2002), 10 mil pessoas morrem diariamente nos EUA, e grande parte desses falecimentos acontece nos grandes centros urbanos. Já o Centro Nacional de Estudos da Mortalidade (National Center For Mortality Studies – 1992) informa que 774 pessoas, aproximadamente, passam pela EQM (Experiência de Quase Morte) diariamente nesse país.

Após a primeira edição, por causa do sucesso do livro, Kardec, sugestionado pelos espíritos, resolveu aumentá-lo, fazendo que, a partir da segunda edição, o livro apresentasse 1.019 questões, assim como encontramos nas versões atuais.

As imagens mostradas no clipe da música *Off the ground*, de Paul McCartney, passam uma ideia de como foi essa minha experiência, quando ele desliza sobre as águas, próximo de árvores e montanhas.

Empirismo é uma ramificação da Filosofia que afirma que o conhecimento real só se adquire por meio da experiência, feita com a ajuda dos órgãos físicos, ou seja, só conhecemos algo a partir do momento em que o experimentamos com os sentidos físicos. Essa forma de se adquirir conhecimento ficou conhecida como *a posteriori*.

A interação entre espírito e homem

É possível a interação entre espírito e homem?

Seguindo as informações do capítulo anterior, sobre a continuação da vida após a morte, sou levado a acreditar que existe a possibilidade de os espíritos atuarem em nossos meios. Para tanto, basta analisar a informação que recebi sobre o falecimento de meu pai.

Vale dizer que, quando defendemos alguma tese sobre coisas que ainda não são indubitáveis, falando sobre elas sem nenhuma experiência empírica, apenas por meio da teorização própria ou de terceiros, somos levados a pensar que talvez possamos estar equivocados; mas quando passamos por *alguma experiência* ligada ao assunto da tese, e principalmente se essa experiência propicia todas as *confirmações* daquilo que defendemos, penso que podemos nos sentir tranquilos no momento que falamos. Da mesma maneira que a ciência tem autoridade de apresentar as suas descobertas, a partir das experimentações realizadas, assim nós, por meio de experiências próprias, confirmadas pelos acontecimentos, somos também autoridades para falar sobre o assunto.

Seguindo a linha de raciocínios do primeiro capítulo e tendo apresentado algumas possibilidades da existência de vida além da matéria, estendendo-se para a continuação após a morte, agora é hora de pensarmos se é possível, realmente, acontecer uma interação entre um espírito desencarnado e um encarnado, durante uma reunião mediúnica.

Se a vida prossegue após a morte, numa outra dimensão, de natureza imaterial, em que os seres inteligentes que nela vivem são os mesmos que viviam na matéria, antes da morte, usando um corpo físico, sou levado a pensar que talvez eles desejem se comunicar com os familiares e amigos que ficaram; e se assim for, é preciso pensar nessa possibilidade, ou seja, uma interação entre “eles” e nós.

Para Sócrates e Platão, a alma, quando se desligava do corpo físico, passava a viver na *dimensão racional* apenas, ou no *mundo das ideias*.

Na época em que Sócrates viveu, usava-se consultar as pitonisas¹ para se obter informações que não estavam ao alcance dos simples mortais. Houve até uma vez em que um amigo e admirador de Sócrates foi ao Oráculo de Delfos e perguntou se havia, naquela época, alguém mais sábio que Sócrates. A resposta, vinda da pitonisa (portanto, alguém que consultava os mortos), foi que não havia homem algum, naquelas terras, que fosse mais sábio que ele. Sócrates, quando soube da indagação e da resposta, estranhou a informação, pois ele, apesar de perceber o quanto era inteligente e perspicaz, sabia que quanto mais compreendia as coisas, mais se distanciava da realidade delas pelo fato de perceber a multiplicidade e a complexidade na natureza.

Outro dado importante sobre a possibilidade da comunicação entre pessoas vivas e seres de outra dimensão é a questão do *daimonion*, apresentado por Sócrates. Nos comentários de filósofos que viveram à sua época, era informado que ele dialogava e, na maior parte das vezes, recebia conselhos de seu *daimonion* – um ser conselheiro de natureza divina.

Platão não fez referências à possibilidade da interação entre a alma (quando desligada do corpo físico) e o homem, mas tratou da questão da vida além da matéria de uma maneira que se aproxima bastante da ideia espírita. Para ele, no *mundo das ideias* ou racional, a alma vive apenas da contemplação, sem sentir nada; apenas *intelectualiza* as coisas ou as contempla (imagino que seria o mesmo quando estamos assistindo a algum bom filme e, durante ele, passamos a viver na sua realidade virtual, experimentando sensações a partir de nossa visão apenas).

A diferença entre essa realidade racional e a realidade física é que, para Platão, nessa dimensão tudo o que é contemplado é real, verdadeiro e não sofre as alterações ou deformidades que acontecem no momento em que usamos os sentidos físicos para observá-las; ele informa ainda que, nessa realidade, estamos mais próximos do divino (ou da divindade), por não estarmos mais em contato com a transitoriedade da matéria e também por estarmos usando apenas a parte racional e intelectual da alma, que é, em essência, a mesma de Deus.

Essas informações nos mostram como realmente existe a possibilidade da vida além da matéria, e em realidades muito melhores e verdadeiras do que essa que vivemos, aqui na Terra. A diferença que o Espiritismo apresenta e

que representou um grande passo para a humanidade, a partir de Allan Kardec, foi a questão da existência do corpo energético, que Kardec chamou de *perispírito*.²

Com essa descoberta, o sábio mestre lionês apresentou a *oportunidade* que os espíritos desencarnados teriam para poder se manifestar nos meios físicos, mesmo estando desligados do corpo físico. Essa descoberta não foi apenas uma teorização de uma realidade, mas sim uma experimentação, realizada durante vários anos e com diversos médiuns de *efeitos físicos*³, sob os cuidados de Kardec. Assim, além de o espírito viver em uma dimensão espiritual logo após a morte, ele teria a oportunidade de fazer contato com a realidade física, usando como *fio condutor* para a interação o seu perispírito.

Allan Kardec trabalhou essa possibilidade – a *interação entre homem e espírito* – durante toda a sua trajetória no Espiritismo. Em toda a sua obra, encontramos farto material a respeito dessa possibilidade, mais detidamente na obra *O livro dos médiuns*. Ele ensinou que, no momento da morte, o espírito se desliga do corpo físico, onde se encontrava “preso”, vivendo na realidade física, e passa, logo após a morte, a viver na *dimensão espiritual*, pelo fato de estar livre do corpo físico.

Dimensão espiritual, segundo o Espiritismo, não é um lugar *espacial* propriamente falando, apesar de estar intrinsecamente ligado à dimensão material, mas sim *outra dimensão* ou realidade, invisível aos nossos olhos. Um exemplo para entendermos bem a questão é pensar na realidade da *eletricidade* e das *ondas*. Essas duas são realidades *não materiais*, reais e que estão em interação constante com a realidade física. Entenda bem que essa *interação* necessita de “meios físicos” que propiciem o acontecimento. Exemplifico: para a energia elétrica *interagir* nos *meios físicos*, ela necessita de um *fio condutor*. Basta pensar que, para ligar o computador que uso, nesse momento em que escrevo, é preciso que ele esteja *ligado a um fio*, que por sua vez, esteja ligado a uma rede elétrica, para, somente assim, receber o “auxílio” da eletricidade. *Sem os fios* usados, o computador *jamais* poderia fazer uso da eletricidade.⁴

Assim, percebo claramente duas realidades – *eletricidade e matéria* – interagindo.

Segundo exemplo: no caso das *ondas*, elas estão por toda parte; basta prestarmos atenção no celular, no controle remoto, na televisão, na internet... Tudo isso é processado em *ondas*. Mas, para que elas possam

atuar na matéria (melhor dizendo, para deixarem de estar *esparsas* e serem *canalizadas*), é preciso um *veículo condutor*, que são as antenas de emissão e captação de sons e imagens, seguidas dos aparelhos receptores. Sem as antenas, ficamos com os aparelhos inoperantes, quer sejam celulares, televisores ou mesmo computadores. Se invertermos e tirarmos os aparelhos receptores e mantivermos as torres emissoras das ondas, também não receberemos nada.

Dessa maneira fica mais fácil entender a *realidade espiritual*. Allan Kardec foi quem mais detalhou informações sobre essa realidade. Trabalhou incansavelmente a possibilidade do intercâmbio entre vivos e “mortos”, e após esse longo trabalho experimental, chegou à conclusão de que somos espírito imortal, dotado de faculdades de *sentir* e *pensar*, podendo viver tanto na realidade física quanto na *espiritual*.

Assim, Kardec ensina que, quando uma pessoa morre, o seu espírito se desliga do corpo físico e passa a viver na *dimensão espiritual*. Nessa dimensão, além de se *contemplar* as coisas (como queria Platão), vive-se também de *sensações exteriores*, em razão do *corpo energético* – o perispírito – que a pessoa “morta” ainda continua usando, mesmo desencarnada. Kardec informa ainda que, após a morte do corpo físico, o espírito passa a viver nessa dimensão espiritual, *consciente ou não* dessa realidade. Isso implica em dizer que esse ser “morto na matéria” *não consegue* mais atuar nela, como fazia quando estava vivo, pela falta do corpo físico, apesar de, na maior parte dos casos, sentir vontade de falar ou de tocar em um encarnado.

Segue-se então que a única maneira de o espírito atuar nos meios materiais, segundo Kardec, seria por meio do seu corpo energético, pelo fato de ele ainda continuar usando esse corpo. Para tanto, ele *necessitaria* de outro ser encarnado, médium, e que este, num momento de desligamento físico (por exemplo, durante uma reunião mediúnica), possibilitasse ao espírito a interação. Esse momento é o que chamamos de *fenômeno mediúnico*, que acontece durante uma *reunião mediúnica*.

O objetivo de uma reunião mediúnica, segundo os ensinamentos espíritas, é proporcionar aos espíritos desencarnados uma oportunidade para se comunicarem com os familiares encarnados. Outro objetivo é tentar *aliviar* o sofrimento desses espíritos, que são chamados de *sofredores*, por não saberem ainda que já estão desligados do corpo físico. Um terceiro objetivo de uma reunião mediúnica seria a possibilidade de os espíritos trazerem, até

os encarnados, informações sobre o mundo espiritual, ajudando a humanidade a viver melhor, enquanto encarnada, para depois *viver ainda melhor* desencarnada.

Esses ensinamentos, que são oferecidos por espíritos evoluídos em sabedoria, têm a finalidade única da *melhoria moral* do ser humano. Em nenhum momento dos meus estudos espíritas, encontrei a informação de que os espíritos têm a pretensão de apresentar novas descobertas nos meios científicos; sempre ficou clara a informação de que o objetivo dos ensinamentos espirituais é, única e exclusivamente, de *teor moral*. Descobertas científicas estão totalmente vinculadas ao meio científico, amparado por toda a moderna tecnologia. Acredito que todas as vezes que um espírito desencarnado, muito evoluído em inteligência e que tenha intenções de alavancar o progresso do planeta, pede e espera pelo momento de uma nova reencarnação para levar a cabo as suas descobertas, quando isso acontece, vemos surgir no planeta seres como Albert Einstein, Johann Sebastian Bach, dentre outros.

Assim, fica claro que a doutrina espírita tem um papel específico de *melhoria moral* dos habitantes do planeta Terra: nada mais! É preciso frisar também que uma reunião mediúnica não é algo em que você, ao realizá-la, recebe o *que quer* ou *deseja* receber em informação. Elas provêm dos espíritos (na certeza de ser uma reunião mediúnica), e eles não estão a todo momento ao nosso lado, nos acompanhando e dando as respostas que queremos, na hora em que queremos.

Um último comentário a respeito da reunião é a maneira como se processa: logo no início, os frequentadores são induzidos, por meio de música suave, olhos fechados, relaxamento, leitura de textos meditativos de teor moral, a um *profundo desligamento*. Logo depois desse primeiro momento, é dada a oportunidade, àqueles que são médiuns, da possibilidade de interação entre eles e os espíritos. Esse contato pode ser tanto de *ajuda* como de *ensinamento*. Nos centros espíritas, trabalha-se mais a questão da ajuda, ficando para o final da reunião a oportunidade àqueles Espíritos que queiram se manifestar por meio de um médium que psicografe ou mesmo fale algo de teor instrutivo. Uma reunião mediúnica dura entre sessenta e noventa minutos.

Dessa maneira, fica claro que, assim como as *ondas necessitam* de torres e aparelhos receptores e a *eletricidade*, de fios, os *espíritos* necessitam de

médiuns para se manifestarem nos meios físicos. Sem eles, segundo Kardec, é *impossível* que algo aconteça entre encarnado e desencarnado.

Deixando de lado a reunião mediúnica (que é o tema central deste capítulo) e trazendo a questão da interação entre algo *material* (o ser humano) e *imaterial* (o espírito desencarnado) para a moderna tecnologia, veremos que a possibilidade existe e está diante de nossos olhos. Para isso, basta observarmos um micro-ondas.

No ano de 2004, em que estive dialogando com um amigo filósofo, por e-mails, abordávamos, com muita seriedade, a possibilidade de algo material afetar algo de natureza imaterial (e vice-versa). Após várias exigências do filósofo feitas a mim, para provar que fosse possível essa relação, eu, procurando encontrar algo que justificasse essa possibilidade, observei, em uma manhã, o meu micro-ondas, enquanto ele esquentava um copo de leite para o meu café da manhã. O que eu via ali, diante dos meus olhos, era a demonstração dessa possibilidade. Ao terminar o café, fui até o quarto e peguei o manual do aparelho para ver se encontrava alguma informação a respeito do funcionamento dele. O que encontrei foi:

Micro-ondas são ondas eletromagnéticas de alta frequência, similares às do rádio ou da TV. A frequência das ondas determina a sua aplicação. Hoje, utilizam-se micro-ondas com frequência que alcançam os 2.450 MHz para cozinhar alimentos. Todo alimento, como toda matéria, é composto de moléculas com cargas positivas e negativas. Assim, o contato das micro-ondas sobre os alimentos desencadeia um processo vibratório nas moléculas, o que provoca um atrito, gerando calor. Essa agitação molecular proporciona um cozimento rápido e eficiente.

De posse dessa informação técnica me perguntei: se algo imaterial – *ondas eletromagnéticas* – pode agir nas moléculas (portando matéria) do alimento, causando-lhes uma grande agitação e levando o alimento ao aquecimento, por que um espírito, que está numa condição mais próxima das *ondas* do que, propriamente, da *matéria*, não poderia atuar em nossas moléculas, principalmente nas cerebrais, alterando nossos pensamentos e raciocínios a ponto de causar uma ligação entre as duas realidades – *física e espiritual* –, permitindo, assim, por essa conexão, enviar o que eles desejam?

Estendendo um pouco mais a analogia entre coisas corriqueiras e informações espíritas, podemos pensar também sobre a interação entre um espírito desencarnado e um encarnado como correlata ao uso do computador.

Vejam os:

1 – Ao fazermos uso de um computador (que é algo material) para produzirmos algum texto e depois imprimi-lo, em primeiro lugar é preciso que exista uma pessoa – um ser pensante – e que este tenha algo a dizer;

2 – Para que essa pessoa realize o seu desejo, é necessário que ela se sente diante do computador, ligue-o, acione o Word – que é um programa específico para a elaboração de textos – e, logo em seguida, comece a escrever aquilo que tem em mente.

3 – Depois de escrito o texto, a pessoa precisa clicar em “arquivo>imprimir”; a impressora precisa estar conectada ao computador e ligada, e conter também um programa de acionamento para a impressão. Depois disso, o texto que a pessoa produziu sairá impresso, por meio da impressora, contendo a quantidade de páginas geradas durante a escrita.

Nesse processo, percebemos nitidamente o uso de coisas materiais e imateriais agindo em conjunto e, portanto, mostrando que é possível a interação.

Vamos citar as coisas e seres *imateriais* e aquelas que são feitas de *matéria*:

Imaterial é a mente que produziu o texto; a eletricidade que fez o computador funcionar; o programa Word que elaborou o texto; e finalmente, o programa HP PSC & Office Jet que comandou a impressora e a impressão.

Material é o cérebro da pessoa que produziu o texto; o computador, o teclado, o mouse e o monitor; e finalmente, a impressora que, comandada pelo programa de impressão, gerou o texto impresso.

Vamos ao correlato com o fenômeno mediúnico:

Primeira etapa: é necessário que exista um espírito, ou ser pensante – na analogia, a pessoa que escreve – e que este tenha algo a dizer;

Segunda etapa: é necessário que exista um médium (na analogia, o computador). Comparo o médium ao computador apenas para alertar que ele – o médium – possui um corpo físico, portanto matéria, enquanto o espírito não possui. Este precisa entrar em sintonia fina com o médium, e isso se dá por meio do corpo energético – ou perispírito –, necessitando, para isso, que o médium esteja em estado de transe. O médium precisa ter, em sua mente, uma série de programações: conhecimento (ainda que superficial, do assunto a ser tratado), habilidade para entrar em transe e, principalmente, uma predisposição orgânica para a sintonia com o espírito – na analogia, os softwares.

Terceira etapa: é aquela na qual o médium, totalmente imerso na realidade espiritual, em virtude do seu desligamento parcial do corpo físico, por meio do transe, e também em contato profundo com a mente do espírito, pela interação entre os perispíritos ou corpos energéticos que ambos possuem, começa a receber (ou captar) as sensações e informações que o Espírito lhe transmite. O médium, “bombardeado” de sensações e informações recebidas do espírito, começa a escrever – na analogia, a impressora –, para depois finalizar esse momento mágico com o texto psicografado.

Essa é uma maneira bem fácil e próxima aos nossos dias para se comparar e entender como se dá o fenômeno mediúnicos.

* * *

Seguindo o mesmo modelo do capítulo anterior, apresentando um fato acontecido comigo, de ordem espiritual e que tenha ligação com o tema estudado, apresento uma mensagem psicografada por mim, em um período em que estava buscando explicações para o fenômeno mediúnicos.

Nessa época (em 2004), estive muito influenciado pelas ideias empíricas do filósofo escocês David Hume, o qual encaminhava todos os seus leitores a buscar na *experimentação* a certeza sobre aquilo que desejassem conhecer

de forma segura. Após vários meses sem contato com o exercício psicográfico, voltei a exercitar a mediunidade, apenas com o desejo de tentar entendê-la por meio da experimentação.

O texto a seguir foi extraído dos diálogos que mantive com Reinaldo em 2004⁵ e narra em detalhes como aconteciam nossas reuniões mediúnicas.

Geraldo: Caro Reinaldo, depois de tudo o que estou aprendendo com o Hume, resolvi voltar a exercitar a psicografia (após algum tempo afastado) como uma forma de análise. Estou tentando me organizar com dias e horários regulares, para tentar receber “algo” que possa suprir as minhas necessidades investigativas.

No dia da primeira reunião mediúnica experimental, eu nem imaginava que talvez algum espírito, com inclinações filosóficas, estivesse disposto a me ajudar. Realmente não pensei nessa possibilidade, até porque eu nunca havia recebido nada, mediunicamente, que tivesse relações diretas com a Filosofia (talvez isso prove a minha tese de que o médium, necessariamente, consegue informar apenas aquilo que o seu entendimento consegue abarcar). E qual não foi a minha surpresa: após uma rápida comunicação do meu pai, senti que alguém se aproximava de mim; aparentou-me ser um homem idoso, magro, com cabelos ralos e compridos, até o ombro, com aparência séria e preocupada, lembrando um profundo estudioso, que gasta a maior parte do tempo em contato com livros e estudos. Ao se aproximar, ele “pegou” em minha mão com certa firmeza que me assustou. Senti-me até um pouco amedrontado, pelo fato de, talvez, não ser capaz de traduzir em palavras o que ele me ditaria ao cérebro. Quando digo que ele pegou em minha mão, é isso mesmo que quero dizer; no momento da psicografia, sinto que o Espírito “se senta” na mesma cadeira que eu; posiciona o seu braço e a sua mão em direção à caneta e ao papel, como se fosse ele quem escrevesse. A impressão que fica é a de que existem duas pessoas juntas, ao mesmo tempo, fazendo as mesmas coisas (escrevendo). Digo isso, mas imagino também que, apesar dessas impressões, tenho plena certeza de que o espírito não escreve (literalmente falando): ele “fala” comigo em meu cérebro e eu escrevo. Agora, o porquê de ele se apresentar à minha intuição da maneira como fez – sentando-se comigo à mesa – é algo que ainda não compreendo. Considero melhor narrar-lhe com mais detalhes todo o momento que antecedeu a comunicação desse espírito, para que você tenha uma ideia

mais clara sobre como acontece a psicografia.

Estávamos eu, Carla e Paulo na residência de Carla. Eram oito da noite quando começamos. Nos dez primeiros minutos, fizemos preces e leituras de teor moral, a fim de deixar o ambiente mais calmo e reflexivo para o intercâmbio, pois percebemos que as nossas sensações interiores se modificam ao ouvirmos a leitura de mensagens de conteúdo moral e também, e em grande parte, no momento das orações. A partir daí comecei sentir as alterações orgânicas. Tudo começa com alguns “choques elétricos” no corpo. Logo depois, meus batimentos cardíacos aumentam muito. Em seguida, as mãos começam a formigar (talvez em virtude das emissões de ondas que recebo da dimensão espiritual), e meu braço direito fica “inquieto”, totalmente diferente do esquerdo. O próximo momento é o das sensações íntimas: sinto uma emoção muito forte, e se não me seguro, muitas vezes começo a chorar de emoção no momento em que escrevo. Tudo isso leva menos de cinco minutos, mas ao me observar nos minutos que antecederam esses cinco, creio que qualquer pessoa perceberá que estou totalmente diferente. Como poderia explicar esse fenômeno? Como é possível estarmos nós três ali, iguais ao começar a reunião, e logo em seguida, um dos três modificar-se totalmente, sem nenhum motivo aparente? Deixemos de lado esse primeiro momento e passemos adiante. Quando eu já estava totalmente alterado, eis que percebi (senti) meu querido pai aproximar-se de mim. Eu estava com os olhos fechados e tentando controlar todo aquele “descontrole” que se passava comigo, e mesmo assim, pude perceber (sentir) nitidamente quando ele se colocou atrás de mim e, abrindo os braços para me abraçar, começou a emitir aquilo que desejava dizer a nós, e eu, rapidamente, tentei reproduzir em palavras aquelas sensações. Foi uma mistura de choro, emoção acentuada, muita saudade, felicidade extrema (dele) em ver os três filhos ali, sentados ao redor de uma mesa, buscando entender as questões da vida além da matéria; e ele lá, no local que era o objeto de estudo de nossas pesquisas. Resumindo: um pouco ele falou, outro pouco chorou, e eu também. Sua comunicação durou menos de dez minutos. Logo a seguir, senti que ele havia se afastado de mim, pois, subitamente, a emoção passou e o descontrole desapareceu; apenas as mãos continuavam “formigando”. Assim que me tranquilizei, Paulo fez um pedido para que, se houvesse espíritos amigos ali, nos ajudassem a encontrar o melhor caminho do estudo da mediunidade. Ele frisou que precisávamos entender melhor o

processo mediúnico, pois ele, na condição de doutrinador em um centro espírita, necessariamente, deveria entender bem esse processo. Assim ele solicitou, e assim nós aguardamos. Apagamos as luzes, que até então estavam acesas, e procuramos desligar-nos de todo e qualquer tipo de pensamento. Necessitávamos ficar bem neutros para tentar receber alguma informação. Eis que, após uns breves minutos de recolhimento, começo sentir novamente os mesmos processos fisiológicos citados anteriormente, eliminando a sensação de emoção. De repente, percebo a aproximação do Espírito comunicante (aquele citado em parágrafos anteriores). Ciente de que ele primeiro tem de escrever – enviar o seu pensamento em minha mente – para que eu reescreva a informação, aguardei o momento da percepção do tema a ser desenvolvido. Passados alguns segundos, eis que percebo nitidamente o título: O papel do médium na comunicação mediúnica.

Segue então, caro primo, anexo ao e-mail, a mensagem psicografada.

O PAPEL DO MÉDIUM NA COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

É de suma importância o papel de um intermediário, portador de um corpo físico, dotado de fisiologia predisponível para receber impressões vindas do mundo extrafísico.

Que os seres vivem além da esfera física é um fato comprovado por si, sem que haja a necessidade de eu discorrer a respeito.⁶ Mas na questão da veiculação das informações de uma realidade para outra, é de grande importância o papel do médium.

O médium é aquele que possui a faculdade de ativar, inconscientemente, as funções cerebrais para a recepção de uma informação derivada de uma inteligência que não faz uso direto da matéria encefálica física.

O fenômeno já está sendo comprovado pela Física como totalmente “vazado” através de ondas magnéticas vibratórias, desencadeadas na ação espiritual, ativadas por um ser dotado de capacidade para usá-las, da dimensão espiritual, que chamamos de “ondas atemporais”, que se unem àquelas usadas pela produção do cérebro/mente do médium. Não digo que sejam de mesma origem e gênero, mas sim que têm a propriedade de se unirem no momento e no local apropriados.

Feita a ligação entre as ondas emitidas pelos dois seres, torna-se fácil a transmissão. A forma como é grafado no papel fica totalmente na condição

da liberdade que o médium propicia, gerando uma ideia, muitas vezes, equivocada daquela desejada pelo espírito.

Alerto para que isso não deva, jamais, servir de desestímulo para o praticante, mas apelo para a capacidade da faculdade humana do ser, como encarnado. Como Jesus bem frisava, não devemos nos deter tanto na questão das palavras, mas sim buscar o espírito que vivifica. Sempre existirão os sábios, que com o seu amplo potencial intelectual, desbravarão fronteiras que são inacessíveis ao entendimento momentâneo. Mas isso não implica em desestímulo.

Observai o momento da comunicação de seu pai. A comunicação dele é de muito mais importância que as muitas palavras que eu possa expressar. Assim, alerta para a necessidade da busca moral. Investiguem, analisem, mas em momento algum se detenham apenas no labor mental.

Mediunidade é intuição, e intuição é coração.

Vocês devem estar bem atentos para aquilo que se faz necessário, liberando-me assim de uma indicação. Observem e analisem por vocês mesmos e tenham a certeza de que descobrirão qual o melhor caminho, ou seja, o caminho mais proveitoso.

Digo essas palavras porque, durante a minha longa existência carnal, dediquei-me muitíssimo à busca do conhecimento. A Filosofia seduziu-me, e eu me perdi. Pensei que estava compreendendo e descobrindo verdades que muitos ainda não imaginavam descobrir. Achava que poucos eram aqueles que poderiam compreender o que eu compreendia. Mas tudo foi uma grande ilusão.

Não digo que todo o esforço mental despendido por mim, para chegar aonde cheguei, era sem importância. Não, não é bem isso, mas a realidade que se me apresentou, quando deixei o mundo físico, levou-me a perambular muitos anos pela Terra. Encontrei um mundo bem diferente daquele que julgava ser o “mundo da verdade” e do conhecimento.

A verdade, meus amigos, é Deus!

Descobrir a verdade é descobrir Deus!

Quanto mais um filósofo tenta compreender o princípio de tudo, sem ligar esse princípio a Deus, mais ele se afasta da verdade.

Conhecer o mundo de Deus sem conhecer Deus é nada conhecer.

Não quero, com essa afirmativa, desencorajar a busca filosófica desenvolvida nas universidades, mas quero, e desejo muito, abrir os olhos

espirituais daqueles que começam a se aprofundar em conhecimento, desvinculando-se da realidade maior – Deus.

Finalizando este pequeno discurso, friso a questão levantada, da necessidade ou não, ou mesmo da importância ou não, dessas reuniões. Digo que são de grande importância e necessidade, mas devem deixar de lado a análise e a investigação. Isso fica para os cientistas e para o futuro. Para vocês, que são discípulos do Nazareno e que buscam o avanço moral, que se restrinjam à busca da ajuda ao próximo.

Dar a oportunidade ao vosso pai de comunicar-se, quando ele há muito desejava, torna-se muito mais necessário, belo e grandioso do que qualquer outra coisa. Deixem que a inteligência venha ao lado, em segundo plano, pois é assim que “ela” deve caminhar. Deixem que o amor e a moral guiem as suas vidas e os seus labores, pois assim, com certeza, chegarão bem mais depressa ao “Reino dos Céus” que Jesus prometeu. Um amigo de vocês.

Bebedouro, 01 de novembro de 2004.

* * *

Essa, realmente, foi uma mensagem muito profunda. Não esperávamos, em momento algum, algo desse teor. No dia em que nos reunimos, Paulo disse que talvez eu nem fosse psicografar, pois já fazia algum tempo que não exercitava. Fizemos a tentativa, e ela aconteceu. As breves e profundas palavras desse espírito deixaram-nos a nítida sensação de que a *experimentação* da mediunidade, com o objetivo de entendê-la, não é algo que esteja ao alcance dos médiuns. Para tanto, basta pensarmos que, se esse experimento fosse adaptado à maneira científica, necessitaria de um tempo muito longo para seu correto entendimento. Se o objetivo é entender, com bastante precisão, o fenômeno mediúnico, simplesmente considero impossível analisá-lo apenas pela óptica da observação. Acredito ser necessário o uso de toda uma aparelhagem ligada ao cérebro, à pulsação e a outros órgãos do médium, para registrar todas as alterações fisiológicas. Acredito ainda que, no futuro, existirão aparelhos que registrarão *aquilo que o médium pensa, no momento em que faz a ligação com o espírito*. O ato de escrever ou falar *gera uma perda enorme* nas informações que chegam ao cérebro do médium, no momento do exercício mediúnico. Estou muito

familiarizado com o fenômeno e sei que isso acontece. Algumas vezes tentava escrever o mais rápido que podia para não perder informações. O resultado era que a mensagem ficava ininteligível. A letra tornava-se um monte de rabiscos (pois escrevo em letra de forma), parecidos com as anotações de um eletroencefalograma. Aquele que já teve oportunidade de ver imagens de Chico Xavier psicografando, lá pelos anos de 1950 a 1955, perceberá a velocidade em que ele escrevia. Nas primeiras vezes em que vi aquelas imagens, não entendi muito bem o porquê daquilo. Ao longo do tempo, em que fui exercitando a psicografia, passei a entender: imagino que ele não queria perder nenhuma informação; quanto mais rápido escrevesse mais informações registrava.

Pitonisa era uma pessoa que, naquela época, conseguia fazer contato com a dimensão imaterial; seria o mesmo que o médium de hoje.

Perispírito, segundo Kardec, é o envoltório que acompanha o espírito durante toda a sua jornada (terrena e espiritual), tendo por constituição apenas energia. Nas palavras dele, seria um segundo corpo, ou corpo espiritual.

Médium de efeitos físicos, segundo Kardec, é a pessoa que tem uma predisposição em liberar ectoplasma em grande quantidade, durante uma reunião mediúnica, capaz de “materializar” um espírito desencarnado ou mesmo algum objeto, criado pelo espírito, a partir da realidade espiritual, em conjunto com esse ectoplasma do médium desse tipo de efeito.

Em 11 de março de 2008, tive a informação de que já está em fase de testes o uso da “eletricidade a distância” e sem o uso de fios, apenas *através do ar*. É algo espantoso pensar nessa possibilidade. A captação da energia se daria por meio de um campo magnético; teríamos um *emissor* e um *receptor* de campos magnéticos, localizados em alguns lugares de nossas casas, que enviariam a energia elétrica para os aparelhos eletrônicos.

Esses diálogos aconteceram durante doze meses aproximadamente, resultando na troca de 105 e-mails entre Reinaldo e eu.

Nesse momento, o espírito comunicante dirige-se a nós com a informação da não necessidade de discorrer sobre o assunto, pois sabia, por antecipação, que nós críamos nessa possibilidade. Acredito que, se ele estivesse se dirigindo a terceiros, teria, por necessidade especulativa filosófica, obrigação de esmiuçar o assunto.

A psicografia

A psicografia nada mais é do que uma escrita em conjunto – *interação* – entre um espírito desencarnado e um médium. Quando a estou exercitando, sinto nitidamente o momento em que o espírito se aproxima; na maior parte das vezes, ele vem pelas costas; em outras, senta-se na mesma cadeira que eu e também coloca o seu braço sobre o meu, como se quisesse segurá-lo no momento em que for escrever. A impressão que me fica é a de que o espírito é quem escreve, quando, na realidade, ele apenas envia o seu pensamento ao meu e me faz escrever o que deseja.

Um segundo ponto que percebo claramente, no momento em que estou psicografando, diz respeito às emoções: aquilo que o espírito sente, no momento em que interage comigo, eu também sinto; se está eufórico ou mesmo febril, sou capaz de sentir também essa sua emoção. Se está calmo, mergulhado em uma profunda paz interior, também sinto essa mesma paz e tranquilidade. Tanto que, muitas vezes, desejo que a psicografia se estenda por um tempo maior, apenas para usufruir dessa leveza. Isso é bem compreensível, pois estamos unidos por nossos perispíritos, e isso permite uma ligação íntima entre os dois, fazendo ambos sentirem as mesmas emoções. Com isso, imagino que ele também sinta as minhas inseguranças ou emoções quando escrevo.

Um dado muito importante que preciso informar, a partir de minhas próprias experimentações, diz respeito à *capacidade de entendimento por parte do médium* e também às *interferências do médium no momento em que escreve*.

Tudo aquilo que um médium psicógrafo escreve precisa estar dentro do seu próprio entendimento. Entenda-se bem que existe uma leve diferença entre *entender* e *conhecer*. Posso não conhecer os aspectos de uma bela cidade, e no momento em que psicografo, escrever sobre eles, quando o espírito comunicante os conhece e dita-mos ao pensamento, pois para isso,

basta que a informação chegue à minha mente. Isso não necessita de *entendimento*. Entretanto, quando eu *não compreendo* uma expressão filosófica, por exemplo, como a questão da *origem das ideias*, se elas são inatas ou se adquiridas por meio da experiência, realmente, nesse momento, existe um bloqueio de minha parte para escrever sobre isso. Se eu não tiver alguma ideia formada a respeito do assunto, dificilmente escreverei. Outro exemplo poderia ser a questão da *teoria da relatividade*: Einstein informou, nessa teoria, que o tempo é diferente para alguém que esteja sobre a Terra e alguém viajando no espaço cósmico, à velocidade da luz (300 mil km/s). Se não for capaz de criar em minha mente essa realidade, da maneira como o cientista a concebeu em sua mente, dificilmente poderei desenvolvê-la na psicografia, mesmo ditada por um espírito que a domine. Então, entenda-se bem: para psicografar mensagens que tratem de lugares, situações ou mesmo acontecimentos gerados no mundo espiritual, não existem obstáculos para o empreendimento; é necessária uma boa desenvoltura do médium para entrar em *sintonia fina* com o espírito e dar-lhe total liberdade, deixando a mensagem fluir, bem próxima do pensamento primeiro do Espírito. Mas, se pensarmos que Albert Einstein ou mesmo Aristóteles desejassem desenvolver teses que deixaram incompletas, quando encarnados, acredito que somente aqueles que dominam esse assunto seriam capazes de psicografá-los, necessitando, com isso, a habilidade mediúnica deles, pois não basta dominar um assunto para receber a informação espiritual: é necessário habilidade para entrar em transe, e isso é algo que nasce com a pessoa.

A segunda questão, observada por mim, nos momentos em que psicografo, diz respeito às interferências do médium. Tenho observado em mim, e também em dezenas de livros psicografados, que boa parte dos médiuns interfere naquilo que escreve. Isso é algo compreensível, pois, como disse anteriormente, a mediunidade é uma *interação*, ou seja, dois *agentes ativos* trabalhando simultaneamente. A ideia de que o médium é *passivo* não me soa muito clara. É óbvio que eles existem – os *médiuns passivos* –, mas são poucos. A maioria possui *muita atividade* aliada a *pouca passividade* no momento mediúnico. Isso decorre do *grau de habilidade em fazer o transe*. Um transe profundo, que desliga o médium totalmente da realidade física, propicia uma grande liberdade ao espírito comunicante. Para tanto, basta observarmos Chico Xavier no momento em que psicografava mensagens familiares, por volta dos anos 1970. O médium mineiro informava detalhes

minuciosos que ele mesmo desconhecia, como nomes, datas, expressões afetivas, dentre outros. Já na mediunidade popular, que existe em grande quantidade pelos centros espíritas da atualidade, os médiuns psicógrafos não conseguem fazer um transe tão profundo quanto aquele que Chico fazia; o desligamento é parcial, propiciando ao médium participar de ambas as realidades, a espiritual e a física, ou seja, ele recebe o pensamento do espírito, sente as sensações dele, mas também sente o que acontece ao seu redor, aparentando estar numa leve sonolência, sem ao menos distinguir o que é de ordem física do que é de ordem espiritual. Essa condição permite a ele refletir sobre as informações que lhe chegam à mente. E, querendo ou não, passará um pouco dessa reflexão no momento em que grava o pensamento do espírito. Essa modalidade é a que experimento; dessa maneira é que recebo as mensagens espirituais.

Essas informações são minhas, extraídas da minha própria vivência mediúnica. Não quero, com isso, lançar uma nova ordem de ideias sobre a mediunidade; tampouco desejo passar qualquer tipo de descrença ao fenômeno psicográfico. Antes, desejo apenas mostrar aquilo que eu mesmo vivencio.

Partindo para os efeitos mais profundos da psicografia, que são aqueles que trazem uma enorme ajuda às pessoas que perdem familiares queridos em acidentes violentos, mortes prematuras e inesperadas, deixando um enorme “buraco” no coração dos que ficam, vamos refletir um pouco sobre a grandeza espiritual e mediúnica do nosso saudoso e querido Chico Xavier, a partir da obra de Paulo Severino Rossi, intitulada *A vida triunfa*.¹

A função da psicografia (assim como o livro mostra) nada mais é do que mostrar aos encarnados a possibilidade de se fazer contato com a realidade espiritual, trazendo dela as palavras de consolo e ajuda para aqueles que perderam entes queridos em mortes trágicas, ficando em total abandono mental e emocional, a ponto de desejar o suicídio, por não suportarem a falta dos que se foram.

Como o autor mesmo menciona (logo na introdução), no início das visitas, ele nada mais percebia nas mensagens do que algum consolo e lenitivo para aqueles que iam à busca de auxílio espiritual. Mas, com o passar do tempo, e também em virtude de uma observação mais profunda dos nomes e detalhes contidos nas mensagens, logo percebeu que havia algo mais além de simples conforto espiritual: havia a possibilidade da comprovação da sobrevivência do ser após a morte! Sim, a grande quantidade de informações

desconhecidas do médium, aliada à emoção dos familiares, no momento da leitura, não deixavam dúvidas sobre a sua autenticidade.

É na psicografia que os desencarnados encontram a oportunidade de enviar mensagens da dimensão em que estão até a nossa, possibilitando a eles confortar os familiares que ficaram inconformados, após o seu falecimento.

Allan Kardec classificou a mediunidade psicográfica em três modalidades: mecânica, semimecânica e intuitiva. A mediunidade mecânica, segundo Kardec, é aquela que possibilita ao médium não interferir em nada daquilo que escreve. Os movimentos do seu braço e de sua mão não são controlados por sua vontade, antes pela do espírito, gerando, com isso, uma mensagem neutra por parte do médium, pois, nesse caso, o médium não tem a menor noção daquilo que a sua mão escreve. Na semimecânica, Kardec informa que o médium toma conhecimento do que escreve, apesar de não conseguir controlar os movimentos do braço e da mão, ou seja, o seu braço se move sem a sua intenção (ou vontade), mesmo tendo consciência (ainda que parcial) daquilo que escreve. Dessa maneira, o médium participa de ambas as modalidades. Já na mediunidade intuitiva, não existe nada mecânico (segundo a terminologia kardecista), tudo o que o médium escreve lhe é inspirado pelos espíritos, possibilitando uma escrita em conjunto.

Voltando a Chico, segundo consta no livro, Paulo esteve ao lado do médium por diversos anos, acompanhando todo o trabalho psicográfico, e o próprio Chico o informava de que, na maioria das sessões, o processo de recepção era *mecânico*, e algumas vezes, o semimecânico. O autor não faz nenhuma menção a respeito da *psicografia intuitiva*, deixando, com essa ausência, a ideia de que, em momento algum, Chico Xavier usava da mediunidade *intuitiva* para receber mensagens familiares.

Em 1993, estive em Uberaba tentando fazer contato com Chico Xavier. Não conseguindo, fui até o local onde Carlos Bacelli e Celso Afonso trabalham mediunicamente, assim como Chico fazia. Nos dois dias em que estive presente no local, pude perceber a realidade da comunicação realizada pelos desencarnados, que enviavam, por meio dos médiuns, mensagens aos seus familiares. Pude registrar também a emoção sentida por todos aqueles que recebiam as mensagens. Tanto Bacelli quanto Celso receberam, no dia em que estive presente, oito mensagens, levando aproximadamente duas horas escrevendo, sem interrupções. No local estavam muitas pessoas (algumas centenas), lotando os lugares, e muitas

ficavam de pé até o final da reunião. Lá, pude conversar bastante com as pessoas presentes e percebi que mesmo aquelas que se diziam católicas mostravam uma grande fé no fenômeno mediúnico.

Hoje, passados tantos anos, percebo que não existe crença, “endurecimento de coração” e nem mesmo ideologias ou ideias formadas a respeito da morte que não se abalem no momento em que se perde um ente querido (principalmente se ele for jovem e desencarnar por meio de morte trágica). Isso mostra que o coração “fala” mais alto do que a razão nos momentos dramáticos. Então, se assim me aparentou, chego à conclusão de que pessoas que possuem a faculdade mediúnica psicográfica bem-desenvolvida, a ponto de psicografar esse tipo de mensagem (o que, por sinal, é difícilíssimo), devem agradecer a Deus por esse dom, que tanto beneficia e recompensa aquele que dá e o que recebe.

* * *

Apresentarei agora outra mensagem recebida, por meio da psicografia, e que trata de questões de entendimento espiritual *em sentido interior* de cada um. Essa mensagem aconteceu numa noite em que eu e minha família estávamos reunidos orando em favor de um cunhado falecido em acidente automobilístico.

A ESPIRITUALIDADE NO ÍNTIMO DE CADA CRIATURA HUMANA

Boa noite, amigos.

Eis que estamos aqui, ao vosso redor, aguardando a oportunidade de dizer-vos da nossa felicidade em poder trabalhar na grandiosa obra de redenção da humanidade por meio da informação do mundo espiritual. Isso nos faz sentirmo-nos como seres agraciados, principalmente por poder desfrutar de todas as belezas e lugares que são a recompensa daqueles que fizeram jus a isso.

Caríssimos irmãos, sou um amigo que deixou o corpo físico muito cedo, e mesmo sabendo da realidade espiritual após a vida na matéria, tive um grande deslumbramento ao contemplar as coisas e os seres que são desse nosso mundo.

Aqui não existem as diferenças que existem aí, quais sejam, a dor e a alegria, os momentos de felicidade e os aborrecimentos. Temos constante paz e harmonia. Nossos corpos espirituais funcionam de uma maneira diferente do vosso. Temos os órgãos, mas quase sempre não os usamos. O que movimenta nossas ações é a constante sensação de paz e leveza, unidas por um intenso “Amor Divino” que nos inebria, levando-nos a distribuir a todos que encontramos em nosso caminho essa felicidade sem fim.

Assim todos os encarnados pudessem saber e sentir o que sentimos, pois seriam infinitamente mais felizes e mais crentes. Mas, infelizmente, a maioria das pessoas desconhece essas grandezas, em virtude de um arcaico pensamento de que a vida se restringe apenas ao corpo físico. Quando Jesus afirmou que enviaria outro consolador, que nos daria o consolo em recompensa a tantas tribulações que Ele já previa acontecer, fazia alusão ao despertar do espírito, na condição de encarnado. Esse despertar acontece nos momentos em que a criatura se depara com as seguintes questões: de onde vim? Para onde vou? Por que estou aqui? Qual o objetivo dessa vida? Essas interrogações acontecem quando o ser começa a penetrar na realidade espiritual que está no seu mundo interior. Deus está no interior de cada um.

Toda a realidade – bela e grandiosa – que encontramos aqui, desse outro lado da vida, nada mais é que o íntimo de Deus, nos estimulando a conhecer o nosso íntimo. Cada um, intimamente, intui, a priori, sua condição de ser espiritual. E nesses muitos momentos de sua vida, entre os vários períodos seculares em que se reencarna, a semente da espiritualidade procura em seu interior o solo fértil para a devida germinação, e só o encontra no momento em que a criatura oferece condições propícias para tal, ou seja, “aguardando-a” com a sua fé. Digo fé, pois esta palavra designa o estado de crença que todas as criaturas devem ter para poder penetrar no conhecimento da realidade espiritual, antes mesmo de percebê-la pelos sentidos físicos.

O mundo espiritual reside dentro de cada criatura. Ele é uma grande “caixa de surpresas”, que todos encontrarão quando deixarem o corpo físico. Descobrirão suas sutilezas e encantos de acordo com a sensibilidade desenvolvida ao longo da vida no corpo.

Não vou me estender mais, pois passo a palavra ao meu amigo Felício, que também deseja se pronunciar.

Bebedouro, 14 de junho de 2004.

* * *

No começo dos meus estudos espíritas, sempre lia a informação de que o médium precisa estar em constante disciplina emocional, física e espiritual para poder desenvolver um bom trabalho com a mediunidade. Aprendi também que, em razão desse esforço do médium, ele estaria em constante proteção espiritual por parte daqueles que o acompanhariam durante a sua existência física, amenizando os ataques maléficos de espíritos com tendências ao mal, que fazem de tudo para desmotivá-lo.

Sim, isso foi o que aconteceu comigo durante os anos de 2005 a 2008, quando estive distante das reuniões mediúnicas, paralisando com isso a minha mediunidade. Durante esses anos, nem mesmo me dava conta de que estava envolvido em uma constante insatisfação interior, e muitas vezes eu era influenciado por espíritos malévolos que só queriam o meu mal. Tudo isso acarretava problemas em minha vida pessoal e profissional. A partir de fevereiro de 2009, ao retomar o exercício mediúnico, pude sentir, aos poucos, as transformações íntimas acontecendo comigo e com minha família. Com isso, pude ter certeza e uma profunda convicção daquilo que havia lido, há tantos anos, sobre a necessidade da disciplina e da assiduidade mediúnica por parte do médium durante toda a sua vida.

A explicação para isso é simples: ao redor desse nosso mundo Terra, existem espíritos malévolos e perturbadores em quantidade muito maior do que de bons. Esses espíritos são os homens e as mulheres que viveram aqui na Terra, assim como vivemos, e que, após a morte, por terem vivido uma vida repleta de maldade e desequilíbrios de todo tipo, partem para o mundo espiritual totalmente desequilibrados e atormentados, tornando-se verdadeiros “andarilhos espirituais”. Como aprendi também, por meio da obra de Kardec e de Chico Xavier, há toda uma hierarquia e instituições no mundo espiritual voltadas para o mal (assim como vemos as quadrilhas de traficantes, assaltantes, e outras mais, em nossa sociedade) que usam esses espíritos que desencarnam atormentados e sem preparo para a vida espiritual, e que na maioria das vezes não encontram amigos ou parentes que vêm em seu auxílio no momento da morte. Dessa maneira, eles ficam por conta dos “controladores do mal”, que estão apenas aguardando o momento certo para se apoderarem de seus novos desencarnantes despreparados.

Após a “submissão forçada” a esses infelizes, as quadrilhas espirituais dão ordens para que esses “escravos espirituais” façam de tudo para afastar aqueles que são médiuns das suas tarefas. O motivo dessa decisão diz respeito ao bem que é proporcionado, por meio dos médiuns, para os próprios recém-desencarnados que ainda estão desorientados, pois estes são levados às reuniões mediúnicas para receberem algum alívio para as suas necessidades espirituais, e isso acontece no momento em que ouvem as preces e leituras feitas pelos presentes à reunião mediúnica.

Da mesma maneira que, ao frequentarmos uma missa e ouvirmos os comentários do sacerdote sobre os textos bíblicos lidos, recebemos conforto espiritual e forças para continuar vivendo, com todos os nossos problemas e inquietações íntimas, assim os espíritos recém-desencarnados e que estão perturbados com a morte, desconhecida para eles, acabam recebendo o alívio necessário no momento da reunião mediúnica. Como os “controladores” das quadrilhas malévolas do mundo espiritual detestam ver seus “submissos” serem aconselhados e ajudados por pessoas do bem, fazem de tudo para afastar esses trabalhadores espíritos de suas funções. Quando conseguem esse intento, fazendo algum médium ou trabalhador espírita se ausentar das reuniões, obsediam (exercem uma profunda influência psíquica malévola) esse trabalhador espírita, levando-o a um total descontrole psíquico e emocional.

Isso tudo que estou informando parece algo sem sentido e até mesmo imaginário (para aquele que não é participante do movimento espírita), mas posso garantir que é a mais pura verdade. Digo isso, pois durante esses vinte e três anos em que estou envolvido com a doutrina espírita, tenho observado por diversas vezes esse acontecimento, e nos últimos anos, o fato se deu comigo.

* * *

Finalizando este capítulo, desejo mostrar que a psicografia é, na atualidade, a maior ferramenta de comprovação sobre a continuação da vida após a morte. Para todo aquele que não aceita essa realidade, ou que, aceitando, apresenta dúvidas sobre a maneira como deve ser essa condição, sugiro a leitura do livro *A vida triunfa*.

Como informado nos parágrafos anteriores, o livro mostra dezenas de mensagens contendo as mais diversas informações sobre as pessoas

envolvidas; isso tudo sem contar os vários detalhes que cada espírito comunicante descreve, sobre a maneira como se encontra na vida além-túmulo. Esses depoimentos variam de espírito para espírito, mostrando que Chico realmente se anulava no momento em que psicografava, pois as mensagens diferem radicalmente entre si, no estilo da escrita, na forma descritiva de situações, nas figuras de linguagem etc., trazendo ao leitor um vasto campo de análise textual e comprovando, com isso, a certeza da continuação da vida após a morte.

Questionar uma informação mediúnica de um texto psicografado, quando ele disserta sobre qualquer assunto que não contenha nomes, locais e datas que possam ser pesquisados em arquivos aqui do nosso mundo é algo aceitável e até desejável, pois isso torna a mensagem legítima. Mas ao contestar uma mensagem mediúnica que apresenta vários nomes de pessoas já desencarnadas, que constam dos cartórios de registro de pessoas civis ou mesmo de locais como cemitérios de cidades distantes, ou ainda de rodovias próximas à cidade do desencarnado, realmente é algo sem fundamento. A quantidade de dados informados nas mensagens, que aparecem no livro citado, são provas suficientes para não deixar qualquer tipo de dúvida sobre a veracidade delas. Enfim, a melhor maneira de entender tudo o que desejo mostrar é ler o livro.

Julguei adequado inserir detalhes sobre essa obra. O que me levou a isso foi o fato de Paulo Rossi ter acompanhado Chico por mais de uma década, estando ao seu lado no período mais fecundo de sua mediunidade, na década de 1970. Isso tudo associado ao espírito neutro e pesquisador de Paulo.

Deus

Se alguém me pergunta o que é Deus, confesso que não sei – mas, se ninguém me pergunta, eu sei.

(Santo Agostinho)

No livro *Investigação acerca do entendimento humano*, David Hume mostra que a mente cria ideias a partir das sensações, experimentadas pelo contato físico por meio de algum dos cinco sentidos. Ele afirma que a ideia de algo nunca visto ou experimentado somente é possível pela *associação de ideias* já existentes no cérebro.

Um exemplo disso poderia ser o seguinte: se falo a respeito de uma *montanha de ouro*, a minha mente associa a ideia do *ouro* com a da *montanha*, e a partir dessas duas ideias, já existentes no cérebro, formo uma terceira: *a montanha de ouro*. Entretanto, essa montanha de ouro, criada pela minha mente, não me remete a uma montanha formada *a partir* do elemento ouro, e sim a uma grande quantidade dele, sobreposto; essa montanha, que deveria ser de propriedades químicas similares às do ouro, compacta, aglutinadas as moléculas, dá lugar a uma grande quantidade de ouro.

Outro exemplo que poderia citar, para deixar bem clara essa tese humeana, diz respeito ao movimento da Terra ao redor do Sol, junto dos demais planetas do nosso sistema solar. Quando vejo imagens em computador que simulam tal movimento, ou mesmo quando leio algo a respeito, ou ainda quando vejo alguma foto em uma revista científica, a minha mente cria uma ideia de como deve ser esse movimento. Para tal empreendimento, a mente busca ideias de *movimentos rápidos*, já existentes no cérebro, e associa *grandes objetos redondos* movendo-se ao redor de um eixo, ou seja, em movimentos circulares. Dessa união de ideias e imagens mentais surge aquela que me remeterá ao movimento dos astros. Entretanto, essa ideia que criei em minha mente em *hipótese alguma* é a correta, ou seja, se eu pudesse ser levado à periferia do nosso sistema solar e lá, como

num passe de mágica, pudesse contemplar o movimento dos planetas ao redor do Sol, *com certeza* diria que a ideia primeira que eu havia criado *jamais* se aproximaria daquela que eu *teria* ao *contemplar o movimento dos astros*, naquele local distante. Como isso é impossível – deslocar-me à periferia do nosso sistema solar, e principalmente conseguir ver, na sua totalidade, o movimento dos astros –, tenho de me contentar com as supostas imagens que a minha mente é capaz de criar, usando da *associação de ideias*, já existentes no cérebro.

Todas as vezes que vamos falar sobre a *paz*, o nosso pensamento “busca” as sensações que ficaram registradas no momento em que a sentimos, desde as primeiras vezes, e em épocas em que não sabíamos definir o que era aquela sensação prazerosa de *calma e leveza interior*, quando nossos pais (ou aqueles que estavam juntos de nós nos anos de infância) nos ensinaram que *aquela sensação* era chamada de paz.

Quando refletimos sobre o que seja o *bem* (no sentido cristão) ou *ser bom*, a nossa mente “vai em busca” de velhas e antigas recordações daqueles momentos em que fizemos uma boa ação, ou fomos obedientes aos nossos pais, ou ainda quando observávamos alguém de nossa família, ou qualquer outra pessoa, praticando boas ações.

Quando estamos nos iniciando em uma religião e nos é apresentado Deus, como o nosso criador, e também o criador de todo o Universo, e logo em seguida, para um melhor entendimento nosso, Ele é associado à *bondade* e à *paz*, logo criamos uma ideia de Deus associada a essas sensações.

Depois, com o passar dos anos, vamos associando, à imagem divina, outros atributos, como justo, inteligente, todo-poderoso, criador de tudo o que existe e outras qualidades mais. Isso porque, ao observarmos o planeta em que vivemos, a vida, o corpo humano, a fauna, a imensidão do Universo e tantas outras coisas mais existentes, teremos de remontar essa criação a uma entidade dotada de todas as qualidades descritas, pois pela grandeza e pela sofisticação da criação, imagina-se o criador.

Assim, vamos tentando imaginar o inimaginável, ou mesmo explicar o inexplicável... E eu aqui, tentando descrever o indescritível...

Se pensarmos ainda na questão da vida após a morte, sobre a maneira como seremos recebidos no local para onde vão as almas dos que faleceram e a maneira como viveremos, a partir da morte física, é ainda mais gratificante pensar que Deus existe, é bom e justo.

Associar a *paz de espírito* e principalmente o *amor* com a presença de Deus em nós é realmente muito gratificante. *O ser humano necessita de paz na alma, amor no coração* e também de acreditar que todas essas coisas boas sejam obras de um criador bom, que seja Deus. Sem esse pensamento, ficamos muito endurecidos e depressivos.

Uma reflexão mais profunda sobre a existência de uma divindade superior, criadora do Universo, dotada de amor, justiça, bondade e inteligência é aquela que brota em mim todas as vezes que reflito sobre a origem da sensação do amor, da paixão, da paz e principalmente do prazer intelectual. Se tudo o que existe no Universo, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente, surgiu a partir do *Big Bang*, o grande iniciador de toda a matéria e de toda a energia, questiono-me sobre como algo material pode gerar sensações, emoções e intelectualidade se não as possui.

Um astro como o nosso Sol, que não possui sensações, emoções, razão e noções de ética, mas apenas traz em si elementos químicos como o hélio e o hidrogênio, fazendo dele um poderoso astro incandescente, gerando calor, energia e luminosidade em altíssimo grau, como seria possível brotar de suas propriedades mais íntimas, melhor dizendo, como brotar de suas partículas elementares o amor, a razão, a noção de certo e errado, dentre outras coisas?...

Se, como vimos até agora – *por meio de um encadeamento de ideias* –, matéria gera matéria, então, logicamente, o espírito (com os atributos da inteligência, do amor, da bondade, da justiça, moral etc.) é gerado por outro espírito. Se assim é, eu me pergunto: onde está a sua fonte geradora? Se o espírito é imaterial, logicamente ele não pode ter surgido a partir de um *princípio material* (que é aquele que a ciência já encontrou); se, então, ele não teve o seu início na matéria, onde poderia estar a fonte que o gerou?

Imaginando uma fonte imaterial, criadora de tudo aquilo que *difere* da matéria, e associando essa fonte criadora às sensações experimentadas por mim, como o amor, a paixão e a intelectualidade, e sabendo que essas sensações não são produzidas pelo meu físico, e sim pela minha alma, que não está em parte alguma do meu corpo, mas sim, irradiando-se por todo ele, similar à luz de uma lâmpada, logicamente, para se conseguir algum entendimento sobre Deus, *terei de procurá-lo dentro de mim!*

Huberto Rohden,¹ um dos mais fecundos escritores brasileiros (dentre os que já li) a dissertar sobre a divindade, descreve no livro *Em comunhão com Deus*² a sua experiência com a divindade. Rohden, um apaixonado por

Deus, em sua autobiografia *Por um ideal*, v. 1, descreve a sua primeira experiência com a divindade interior, num momento em que esteve, em um colégio jesuíta, exercitando a meditação e orações constantes. Após três dias de profunda introspecção, sentiu toda a pujança da divindade. Então, durante os anos posteriores, esforçou-se ao máximo para descrever essa experiência, que lhe havia mostrado a veracidade da realidade divina em todo ser humano.

No relato da experiência, o autor informa que, depois de todos os anos estudando *racionalmente* Teologia e Filosofia escolástica, percebeu que o encontro com Deus acontece quando a criatura se entrega à busca interior, por meio da fé e da intuição, descartando com isso a possibilidade de se conhecer Deus *por meio da razão*. No relato, fica nítida a informação de que existem realidades que não são apreensíveis pelos sentidos físicos, e sim por meio de uma profunda introspecção na alma humana, em momentos de profundo desligamento. Assim como Platão informava que a assimilação do *mundo da ideias* somente seria possível por meio da *razão* (quando o ser se desliga do corpo físico), descartando a possibilidade da *experiência sensitiva*; Rohden, também, deixa claro que o conhecimento de Deus somente acontece no interior da criatura humana, nas profundezas de sua alma e de seu coração, descartando a possibilidade de se conhecer ou mesmo encontrar Deus por meio de qualquer aparelhagem tecnológica, ou ainda nas pesquisas científicas.

Antes de expressar a minha ideia sobre Deus, quero apresentar algumas palavras desse grande filósofo brasileiro, que durante toda a sua vida tentou mostrar a essência da alma humana e, principalmente, o *local* onde se deve procurar Deus.

Logo no início da obra *Em comunhão com Deus*, Rohden informa:

O ponto de contato com Deus não é lá fora, na Lua, no Sol, na estratosfera, nem em alguma via láctea do Universo – o ponto de contato com Deus é dentro de ti, no foco do teu Eu, no centro de tua alma.

Mais adiante...

A fé é o primeiro passo [...]

[...] o céu não é um lugar geográfico ou astronômico, mas sim um estado da alma [...]

[...] A experiência com Deus, porém, é semelhante a uma linha “vertical”, que vem de ignotas alturas e vai a misteriosas profundezas.

[...] A evolução sensitiva do homem remonta a milhões de anos; por meio dela é ele um membro do mundo orgânico vegetativo-animal [...]

Bem mais recente é no homem a evolução intelectual [...]

[...] A inteligência existia no homem sensitivo, assim como a árvore existe na semente, mas em forma potencial, e não atualizada como hoje em dia. Semelhantemente, existe também no homem sensitivo-intelectivo de hoje, o homem espiritual de amanhã. [...] É esta espiritualidade latente ou potencial a que Jesus alude quando afirma que “o reino de Deus está dentro de vós”.

Prossegue dizendo:

Há coisas que não se podem ensinar nem aprender – só se podem viver... Também, para que provar a imortalidade? Quem a experimenta em si não necessita de provas – e quem não a experimenta não se rende a prova alguma.

[...] O mundo, é verdade, continua a ser o mesmo que dantes – mas eu já não sou o mesmo, e, como não vemos as coisas como elas são, mas como nós somos, vejo tudo numa nova luz, desde que em mim despontou a grande alvorada...

[...] Para um homem espiritual todas as coisas aparecem espiritualizadas...

E, com leve beleza, conclui:

[...] Escutei o que me dizia a voz taciturna: “O meu reino não é deste mundo! O meu reino não vem de fora [...] não é percebido pelos sentidos, nem é concebido pelo intelecto [...] o meu reino brota das íntimas profundezas do teu ser, da essência divina de tua alma, imagem e semelhança minha! [...] abisma-te na luminosa escuridão de tua alma eterna – e lá me acharás... porque eu sou a essência de todas as coisas, eu sou a alma de tua alma [...]

E assim, o grande teólogo desliza sua pena, suave e romântica, com toda a beleza de uma grande alma, descrevendo a sua experiência com Deus.

Estou citando Rohden por sentir nele (por meio de toda a sua obra) uma grande oportunidade para se exercitar o encontro com a nossa essência espiritual.

Como descrevi em capítulos anteriores, existe uma grande diferença entre *pensar* algo e *senti-lo*. Faço referência, aqui, aos *estados de elevação* em que nos encontramos quando, muitas vezes, precisamos nos valer das emoções para bem conhecer esse algo, deixando o intelecto em segundo plano. Para me entender, amigo leitor, pense em como seria chato um professor nos ensinar o que é amar, se nos fosse vedada a experiência sensitiva.

Deus, em meu *coração*, aparenta ser algo que somente entenderemos no momento em que nos entregarmos à sensação de paz, que provém daqueles momentos em que estamos sozinhos, de preferência em altas horas da madrugada, fazendo uma introspecção profunda, por meio da leitura de obras que falem de Deus, ou mesmo pela meditação, no meio da madrugada, em completa solidão e silêncio, sentindo a brisa da noite tocar o nosso corpo... Assim eu experimentava, noites e noites seguidas, lendo as obras de Rohden, deixando o meu Espírito se levar pelas belíssimas palavras do autor... As horas passavam, silenciosamente... A brisa noturna, que entrava em meu quarto, àquelas horas da madrugada, fazia-me imaginar que Deus estava presente naquele frescor noturno... O quarto, como num passe de mágica, perdia as dimensões físicas, aparentando ser um lugar sagrado, pronto para receber o ser que me criou... Em alguns momentos eu ouvia o som das árvores, movendo os seus galhos e folhas, como se estivessem saudando aquele que chegava... E assim, quanto mais lia, mais desejava ler e saborear aqueles momentos únicos, somente meus, proporcionados pela leitura de livros como *O som do silêncio*, *Deus*, *Em comunhão com Deus*...³ Fazendo-me ouvir uma voz suave, deliciosa, que me dizia ser ali, naquele estado de contemplação, o local onde Deus reside e tem a sua existência... *Somente a alma humana* é capaz de produzir tal estado contemplativo, propiciando a chegada da divindade... A felicidade, a realização interior, a paz profunda, brotam das entranhas da alma, que, a exemplo da flor, abre-se no momento em que o ser humano propicia tal liberdade... E assim, nesse estado indescritível, eu me encontrava com Deus... Ouvia Sua voz pelas letras impressas no livro... Recebia conselhos belíssimos e maravilhosos sobre o

Amor... Sentia a força gigantesca que a alma possui, quando se encontra consigo... Inebriava-me de sensações gratificantes, que me incentivavam a voltar à vida cotidiana e passar aos meus essa realidade grandiosa... Então, sem perceber, voltava aos poucos para a minha realidade física, cercado pelas paredes do quarto, com a penumbra da luz do abajur, a porta e a janela entreabertas e as sensações do corpo físico, mostrando-me que agora eu já estava desperto... E aquela sensação maravilhosa, que eu havia experimentado momentos atrás, parecia-me tão distante quanto a Lua, que eu podia ver pela janela do quarto... Então, naqueles momentos, pude perceber que Deus não se mostra nos trabalhos racionais, ou mesmo em aparelhos tecnológicos, mas sim nessas sensações profundas de paz e leveza interior, pois a sua essência é essa... Assim, nos momentos em que voltava daquelas viagens espirituais, adentrando a minha alma, guiado pelo grande orientador Huberto Rohden, percebia quão distante se encontra a maior parte da humanidade, vivendo uma vida de busca incessante pelo dinheiro, pelos bens materiais, pelo poder e por tantas outras coisas mais que têm a sua origem na matéria... Rohden mostrava-me a essência divina em sentido oposto a tudo isso, que tanto atrai a humanidade e que tanto desperta a cobiça humana... Sentindo a necessidade de voltar àquela outra dimensão, toda espiritual, recolhia-me ao sono, para, no novo dia, enfrentar a minha luta habitual, para depois, logo à noite, entregar-me novamente àquela magia... Àquele encontro divino com a minha própria alma... Encontrando Deus...

*De Ti eu vim, em Ti estou, e para Ti voltarei
– fizeste-me para Ti, Senhor, e inquieto está o meu coração, até que
encontre quietação em ti.*

(Santo Agostinho)

* * *

Partindo para outra análise da divindade, voltada para o pensamento filosófico, *totalmente racional*, apresentarei agora outro trecho dos diálogos entre mim e meu amigo filósofo, que trata da questão Deus.

Geraldo: Caro primo, gostaria muito de saber: qual o seu conceito de Deus? Como você O percebe na natureza em geral e na natureza humana?

Como somos influenciados pela Sua presença? Por que devemos acreditar Nele?

Reinaldo: Caro primo Geraldo, sobre o que é Deus, como O percebemos etc., se voltarmos os olhos à Filosofia (que imagino que não seja a disciplina ideal para tratar acerca de Deus, mas talvez fosse melhor, a respeito Dele, examinar o que “diz” a Teologia), perceberemos que os filósofos necessitam, do ponto de vista argumentativo, voltar seus olhares para Deus ou alguma entidade que tenha características como as do Deus do ocidente. Em Platão, por exemplo, a figura que mais se assemelha a Deus é o Demiurgo, o artesão que confecciona o mundo. É um Deus criador. Aristóteles usa, no livro XI (lambda) da Metafísica, a palavra theos para designar Deus, o qual seria o primeiro motor. Não é um Deus criador como o dos diálogos platônicos, mas um Deus que é eterno, assim como muitas coisas no mundo, como os entes supralunares (os astros) ou então a matéria. Esse Deus aristotélico, o primeiro motor, é responsável por mover as esferas celestes, as quais serão responsáveis, de certo modo, por muitas coisas que acontecem no mundo sublunar (aqui na Terra). O Deus aristotélico, apesar de São Tomás, posteriormente, tê-lo “cristianizado”, considerando-o um Deus semelhante ao Deus cristão, muito pouco guarda de semelhança com Este. Ele não é criador, não cuida do mundo. É “bom”, não no sentido cristão, mas a partir da noção metafísica de “bem”, em Aristóteles, que, grosso modo, poderia ser dito (o “bem”) aquilo que é em ato ou que realiza bem a sua função. Se voltarmos os olhos aos medievais, como Santo Agostinho ou São Tomás, encontraremos o Deus cristão, com todos aqueles atributos que Lhe são próprios: sumamente bom, onipresente, onipotente... Se continuarmos a percorrer os filósofos, observaremos que, em alguns, como em Descartes, o deus é aquele Deus cristão, que cuida de tudo, que é responsável, diretamente, pela queda de uma folha no Brasil e pelas gotas de chuva que caem no Japão. É um Deus que cuida de tudo ao mesmo tempo. Se voltarmos os olhos para Leibniz, por exemplo, verificaremos que Deus não é, como em Descartes, onipotente, por exemplo. Mesmo Ele estaria sujeito aos princípios matemáticos (e aqui, referente aos princípios lógicos, há algumas “brincadeiras” em relação à onipotência divina: se Deus pode tudo, ele poderia criar uma pedra que não pudesse sustentar? Se não pode, não pode tudo. Se pode criar a pedra, não pode tudo também, não

podendo sustentá-la). Ademais, em Leibniz, Deus não cuidaria, a todo o momento, de tudo o que acontece na natureza. Muito embora a Ele não fosse possível percorrer o infinito (se pudesse, não seria infinito), ele poderia pensá-lo, a partir da sua razão infinita. Assim, ele poderia calcular qual o melhor dos mundos possíveis (e melhor aqui, em Leibniz, seria, grosso modo, a maior diversidade de coisas com maior sintonia de comportamento entre elas), embutindo, no momento primeiro de criação, força suficiente para todos os desdobramentos dos comportamentos das coisas no universo. Com isso, Deus não precisaria interferir, a todo o momento, no comportamento dos seres. Não precisaria, por exemplo, fazer a chuva cair. Isso já foi calculado por ele previamente e, quando criou o universo, embutiu força tal às coisas que, em certo momento, chovesse no Japão e, ao mesmo tempo, caísse uma folha no Brasil.

Ainda: se formos a Kant, verificaremos que ele não necessita, do ponto de vista argumentativo, de Deus, quando, na Crítica da razão pura, está procedendo ao exame do que chamamos de Teoria do Conhecimento. Mas o mesmo Kant precisará resgatar Deus de uma perspectiva prática, ética, o que o fará, sobretudo, na Crítica da razão prática.

Não sei o que falar sobre Deus, caro primo. O que estou tentando dizer aqui é que, salvo exceções, Deus é muito caro à Filosofia, que ela depende Dele, seja lá quais características possua para cada filósofo. Esse Deus varia de filósofo para filósofo.

Nas exceções que mencionei (quando, linhas antes, escrevi “salvo exceções”), poderíamos pensar o próprio Marx, que sustenta que Deus é uma criação humana. Ideia essa não nova, pois, se voltarmos aos pré-socráticos, perceberemos que (se não me engano) Protágoras já dizia que, se fosse aos bois possível criar deuses, teriam as características de bois. Mas, caro primo, de certa perspectiva, isso tudo é dispensável, considerando que o homem não é um robô, que ele tem uma dimensão espiritual e que, a partir desse ponto de vista, cultivar Deus ou outras entidades pode lhe fazer bem de diversas perspectivas, como a prática. Quanto mais a figura divina se enfraquece, de certo modo, acredito, mais a sociedade fica doente, pois menos os princípios que são ditos divinos são seguidos, princípios esses que ajudam a regular, a organizar a sociedade, com isso propiciando-nos maior bem-estar. Para exemplificar: se eu não mato por este ser um mandamento, um princípio divino, portanto dizendo respeito à justiça divina, se eu não mais acreditar em Deus, pode

enfraquecer, em mim, a ideia de justiça divina, com isso podendo eu ser levado mais facilmente a matar (vale, aqui, lembrar a célebre frase do Dostoiévski: se Deus está morto, tudo é permitido), o que ajudaria a tornar a sociedade mais doente e, com isso, vivermos cada vez pior. Para observar isso, basta atentar para o mal-estar que o alto índice de criminalidade provoca nos grandes centros urbanos. Acho que, independentemente das diferenças de crença, é altamente benéfico, do ponto de vista social, portanto para o indivíduo, o cultivo da dimensão espiritual e, com isso, de Deus, seja ele considerado disperso na natureza, tendo ele voz altitroante e barbas brancas, seja ele apenas um ente imaterial que está cuidando de nós.

Deus, para mim, é um enigma. Não tenho elementos para assegurar-me da sua existência. Alguns relatos sobre o que seria Deus parecem-me esdrúxulos, como: é um ente que cria tudo, é sumamente bom e cuida de tudo a todo instante, que sequer uma folha se move contrariando a sua vontade. Acho difícil conciliar essa ideia com a Aids, a miséria ou a guerra. E o expediente de que Ele escreve por linhas tortas, ou então que a nossa razão limitada é insuficiente para compreender os desígnios da razão ilimitada divina, não me parecem convincentes. Em contrapartida, também não tenho elementos para desacreditar da existência de algo criador, sem necessariamente estar cuidando a todo o momento de nós. Não tenho elementos nem para acreditar, nem para desacreditar na existência de Deus. Quanto a sentir sua presença, não a sinto. Mas isso não significa que eu não ache importante acreditarmos nele ou então que deveríamos questionar, de um ponto de vista puramente racional⁴, a sua existência. Acho que, de um modo geral, necessitamos de algumas crenças sobre coisas que não são apreendidas pela razão. Acho também que existe ganho, também de um ponto de vista sociológico, na crença em Deus. Quanto a por que devemos acreditar Nele? Não acho que devemos, mas apenas podemos. Acho que teremos ganho acreditando, mas não que deveríamos acreditar.

* * *

Com esse trecho, observando Deus sob a ótica racional, podemos perceber o quanto é desagradável *imaginar racionalmente* Deus. Sim, digo

imaginar, pois percebo que criatura alguma poderá *compreender* o ser que a criou.

Enquanto vivemos a nossa vida, aqui na Terra, muitas vezes não necessitamos da presença de Deus. Um exemplo disso é quando tudo está bem, não nos falta nada, estamos saudáveis e felizes, ou ainda quando estamos muito atarefados, sem tempo para coisa alguma além do trabalho. Nesses momentos, esquecemo-nos de Deus, muito menos pensamos se Ele está nos observando: apenas vivemos nossa vida. Mas, ao envelhecer e sentir a morte se aproximar, para nos mostrar outra realidade, começamos a buscar Deus, pois somente Ele é que pode nos receber com amor e cuidados nessa próxima realidade. Então, se durante a vida negamos a Sua existência, ou se não, mesmo a afirmando, não creditamos a Ele os atributos de bondade, justiça e amor, como podemos esperar que Ele nos receba após a morte?

É nesse momento que percebemos o quanto Deus é importante em nossas vidas, apesar de possuímos ideias diferentes a respeito Dele.

A verdade é uma só: todo ser humano quer encontrar algo bom após a morte. Mas, para isso, é preciso crer que exista vida após a morte, e principalmente, que exista um ser poderoso e bondoso “comandando” essa nova vida. Caso contrário, é bom não pensar em continuação da vida após a morte, não?

Imagino que sempre, eu e toda a raça humana, nos questionaremos sobre o que seja Deus, *sem jamais entendê-lo*, pois no dia em que isso acontecer, *seremos iguais a Ele*, ou pelo menos, estaremos no *mesmo nível racional Dele*. O que nos é permitido (assim imagino) é crer que Ele existe e que é o autor de tudo; mas a maneira como Ele dirige esse nosso Universo é algo que não nos pertence (não nos é acessível entender).⁵

Em uma reunião mediúnica, nos dias atuais, recebi uma mensagem de meu guia espiritual sobre a questão Deus. Alguns dias antes, estive me questionando sobre como os espíritos sentiriam Deus na dimensão espiritual. O que ele me disse – *mediunicamente* – foi o seguinte:

Você me pergunta, em pensamento, o que é Deus, e como nós O mentalizamos ou O sentimos aqui, desse outro lado da vida. Pois bem, eu lhe digo que, se você tem mesmo interesse em saber como deve ser a realidade da criatura que o criou e que criou o Universo, basta pensar que o chão que você pisa, a luz que ilumina o dia, a paz que lhe

proporciona o sono na hora de dormir, tudo é da mesma substância divina. Deus não é um ser, uma pessoa ou uma entidade espiritual de grande luz, como se costuma pensar quando se está encarnado. Deus é uma força atrativa de grande poder, gerando amor, e com irradiações de toda espécie que interpenetram tudo o que é possível ver, tocar ou mesmo pensar no Universo.

A matéria dos planetas; a vida dos seres; a paz dos espíritos santificados; a sabedoria dos gênios; as inspirações das obras de arte; tudo isso são manifestações da grandeza e da realidade divinas.

Ele não está (somente) em um local distante, onde estão as criaturas que alcançaram um alto nível de evolução espiritual; Ele está em toda parte que se possa imaginar. Ele (tanto) está aqui no meio de nós como também está no coração daquele que está orando; na esperança de melhora de um doente em um leito de hospital; nos cálculos matemáticos dos grandes físicos; nas mãos dos médicos que operam; na mente dos compositores, e principalmente, na vontade que um marginal, ou delinquente, sente no momento em que resolve seguir uma nova vida.

Deus é uma substância invisível, imperceptível, intocável, sem nenhum tipo de forma, ou qualquer coisa que a mente humana possa conceber. Uma leve ideia do que Ele possa ser (em sua mente ou na sua maneira de entender, meu amigo Júnior) é pensar em como você pode elaborar uma concepção do que seja a sensação do amor. Eu lhe pergunto: o que é o amor? Como você o concebe em sua mente? Se você me responder que o amor é algo que existe apenas para ser sentido, no fundo do coração, eu lhe direi que Deus está mais próximo dessa ideia (ou dessa sensação) do que qualquer outra coisa.

A única garantia que posso lhe oferecer, para a resposta às suas indagações sobre como entendemos, mentalizamos ou imaginamos Deus será pedir-lhe para olhar à sua frente: uma criança de apenas dez anos lendo uma mensagem espiritual que muitos adultos nem imaginam que exista. Essa criança, próxima de você,⁶ é a prova da existência de Deus e do que Ele é capaz quando encontra corações que sintonizam com a Sua realidade.

Para encerrar, digo-lhe apenas que, quanto mais você quiser entender ou compreender Deus, menos o compreenderá.

Mas, se você se tornar um observador atento e olhar os pequenos detalhes ao seu redor, como essa sua família toda reunida em virtude de uma busca

espiritual, entenda que você está vendo Deus diante de seus olhos. Assim, sem a necessidade de compreender, entregue-se à natureza do coração puro e cheio de amor, e cada vez mais, você entenderá Deus.

Irmão José Pedro entre vós.

Bebedouro, 01 de abril de 2009.

* * *

Antes de finalizar este capítulo, apresento mais uma expressão de um pensamento, que não é meu, apesar de estar bem próximo da maneira como vejo *nossa vida em relação ao nosso criador – DEUS.*

Neste texto de Madre Teresa de Calcutá, a sublime alma caridosa que viveu a maior parte da sua vida na Índia, recolhendo pessoas doentes e próximas da morte, que viviam nas ruas por não possuírem um lar ou alguém que por elas se interessasse, levando-as para um abrigo que ela mantinha, e assim proporcionando uma morte mais tranquila e, quando esta não acontecia, trazendo a saúde e uma nova vida para essas pessoas. Madre Teresa expõe seu pensamento e sua ideia sobre a maneira como vê o *compromisso* que assumimos perante Deus, nosso criador.

*Muitas vezes as pessoas são egocêntricas, ilógicas e insensatas.
Perdoe-as assim mesmo.*

*Se você for gentil, as pessoas poderão acusá-lo de interesseiro.
Seja gentil assim mesmo.*

*Se você for um vencedor, terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros.
Vença assim mesmo.*

*Se você for honesto e franco, as pessoas poderão enganá-lo.
Seja honesto e franco assim mesmo.*

O que você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para outra.

Construa assim mesmo.

Se você tiver paz e for feliz, as pessoas poderão sentir inveja.

Seja feliz assim mesmo.

O bem que você faz hoje poderá ser esquecido amanhã.

Faça o bem assim mesmo.

Dê ao mundo o melhor de você, mas isso poderá não ser o bastante.

Dê o melhor de você assim mesmo.

Veja você que, no final das contas, é tudo entre você e Deus.

Nunca foi entre você e os outros.

Huberto Rohden não foi um adepto do Espiritismo. Mesmo tendo uma leve aproximação de Chico Xavier, em 1936, interessado em observá-lo psicografando, não se rendeu à crença espírita. Profundo conhecedor de Teologia e Filosofia, tendo se ordenado sacerdote católico em 1920, passou toda a sua vida tentando descrever a essência humana, melhor dizendo, a alma humana, num sentido bem profundo, sendo este *uma profunda imersão interior*, sem vínculos com a vida espiritual. Assim, mesmo discordando das ideias espíritas, possuía uma grande característica como escritor: no momento em que escrevia, deixava sua alma falar, antes mesmo que o intelecto decidisse quais palavras usar. Quem já teve a oportunidade de ler alguma obra desse grande filósofo cristão me compreenderá.

Em comunhão com Deus. 4. ed. Martin Claret, 1993.

Obras de Huberto Rohden.

O destaque em *itálico* é meu, apenas para ressaltar que a análise divina que Reinaldo está fazendo é racional.

É o mesmo que acontece nos estudos da Física. Os físicos, a cada nova descoberta, entendem cada vez mais *como* é a materialidade do cosmo, mas não conseguem entender o *porquê* dela.

A criança mencionada é Letícia Sampaio Lataro. Ela é minha sobrinha, tem dez anos e, algumas vezes, frequenta as reuniões de “Evangelho no lar” que realizo em minha residência.

Alma, espírito ou consciência?

No ano de 2006 foi lançado o livro *Poeira da estrelas*, do físico e escritor brasileiro Marcelo Gleiser. Nele, é tratada a origem do cosmo, do planeta Terra e, dentre outras coisas, da origem da vida. As informações são valiosíssimas, todas extraídas das descobertas da Física nos últimos séculos, tendo como base a aprovação da comunidade científica. No momento em que é tratada a questão da origem da vida no planeta Terra, Marcelo Gleiser informa:

Para que a vida possa surgir são necessários alguns ingredientes básicos. Em um nível bastante simples, além da energia (vinda do Sol ou do interior da Terra) e de um meio em que reações químicas possam ocorrer (água, certas argilas), são necessários hidrogênio, oxigênio, carbono, nitrogênio, talvez enxofre e fósforo. Esses átomos, então, têm que se combinar em moléculas como água (H₂O), amônia (NH₃) e metano (CH₄). Após isso, são necessários os primeiros aminoácidos. E, após estes, as primeiras proteínas. Onde devemos começar? Tudo depende do que existia na Terra há cerca de 4 ou 3,8 bilhões de anos, os ingredientes da sopa “pré-biótica”, ou “pré-vida”. A origem da vida está intimamente ligada ao passado da Terra, à sua composição química e ao que ocorria na atmosfera.¹

Como provar uma tese sobre o início da vida no planeta Terra? Para que a comunidade científica aceite como verdade uma teoria, esta precisa passar pela experimentação, repetidas vezes e em locais diferentes para, somente assim, ser aceita. Isso foi o que o físico Stanley Miller descobriu, na década de 1950. Vejamos o que Gleiser tem a nos dizer a respeito:

Ao que tudo indica, a atmosfera primitiva era rica em algumas das moléculas necessárias, como água, metano e amônia. Mas como passar daí aos primeiros aminoácidos? Em 1953, Stanley Miller, então um jovem estudante de doutorado em Bioquímica, teve uma ideia genial. Por que não simular a atmosfera da Terra primitiva em laboratório e ver o que acontecia? Miller misturou alguns dos gases que, segundo se acredita, estavam presentes na atmosfera primitiva – amônia, metano, água, dióxido de carbono – em um frasco e submeteu-os a descargas elétricas (simulando os raios durante tempestades) por certo tempo. Após alguns dias, examinou a composição da mistura junto com seu orientador, o vencedor do Prêmio Nobel de Química Harold Urey. O fundo do frasco estava coberto por uma matéria alaranjada, de aparência nada agradável. Para surpresa dos cientistas, a matéria continha vários dos aminoácidos encontrados nos seres vivos! Ou seja, a passagem de eletricidade pela atmosfera da Terra primitiva produzia os ingredientes fundamentais da vida.²

Assim, Marcelo Gleiser dá continuidade às informações (que julgo não ser oportuno informar aqui, por se tratar de um livro espírita, e não de um livro científico) sobre a maneira como as moléculas orgânicas se combinam e passam a constituir um ser vivo. No final, Marcelo informa que somos “filhos das estrelas”, após a morte delas, portanto, “poeira das estrelas”, conforme o título traz. Essa conclusão baseia-se em todo o processo de morte de um astro, em sua decomposição, passando a uma nova aglutinação dos estilhaços de matéria dispersos no espaço, pelo processo gravitacional, e culminando no aparecimento de um novo planeta. Com a formação do novo astro, surgem os novos elementos químicos (assim como na Terra) que, ao se combinarem, podem propiciar um tipo de vida, ainda que unicelular (se as condições desse novo astro forem propícias), desencadeando, talvez, uma vida mais aprimorada. Assim, seguindo uma “cadeia de transformações físicas” e contando com a ajuda da água e do oxigênio, possivelmente, esse planeta poderá abrigar algum tipo de vida mais avançada, assim como na Terra. Enfim, o processo gerador de vida é longo e complicado. Somente lendo o livro, amigo leitor, você compreenderá, em detalhes, como se dá esse processo.

O livro trata do corpo físico apenas; em momento algum eu li a informação de que existe a possibilidade de esse corpo estar animado por

uma alma. Não existe nada ali que faça referências a um ser espiritual, guiando esse corpo. No que diz respeito à origem do corpo, realmente, após a leitura do livro, é difícil *não aceitar* a informação. É ciência. Mas gosto de pensar que o ser humano não se restringe ao corpo físico apenas, mas que existe um “comandante” que dirige essa “nave corpórea”. A *alma* para os filósofos e cristãos; o *espírito* para os espíritas; e posteriormente, a *consciência* para os físicos (partidários de ideias avançadas sobre Física Quântica e a interação entre *mente* e *matéria*) nada mais me aparenta ser do que uma única e mesma coisa, ou seja, aquele “algo” que não é matéria – muito menos um corpo físico; que sente, pensa, dirige o cérebro e o faz comandar o corpo, com todas as suas sensações, e que não teve o seu início a partir de um *princípio material*.

Se, do ponto de vista da Física, o ser humano é filho das estrelas (e isso não há como negar), logicamente, o ser que está “por trás” desse corpo físico, que é imaterial e imortal, só pode ser a alma ou o espírito e, conseqüentemente, filho de um Deus criador – que também é imaterial, amoroso e inteligente. Faço essa colocação alicerçando a minha afirmativa na questão de que somos dotados de *razão*, *sentimento* e *bondade* (levando em conta que a *maldade* se interpõe em nosso caminho todas as vezes que deixamos de *amar*), e se esses dons, que são inerentes ao ser humano, tiveram um início, e se esse início não se encontra na “poeira das estrelas”, onde mais ele poderia ter o seu início? Se sentimentos e processos mentais dessa natureza não fazem parte da matéria bruta, melhor dizendo, se as estrelas não são capazes de gerar *razão*, *sentimentos* e *emoções*, mas apenas matéria, pergunto: onde mais podemos buscar a fonte geradora dessas três realidades?

Matéria gera matéria, assim como *espírito gera espírito*! Isso é lógica e bom-senso. Quanto a saber o *princípio* do espírito ou ter acesso a ele, penso que isso ainda cobrará da ciência muitos séculos de pesquisas. Também acredito que a ciência, um dia, descobrirá o *princípio espiritual* – assim como encontrou o *princípio material*, de acordo com a teoria do *Big Bang*;³ é apenas uma questão de tempo e dedicação.

Voltando os olhos ao dualismo de Descartes – *mente* e *matéria*, como os dois elementos básicos existentes no Universo –, atribuo à *alma* o elemento *mente* e sinto que ela é real, e não um produto do cérebro, possuindo existência própria e independente do corpo físico (que é do elemento *matéria*). Entendo ainda que muitas coisas que sentimos têm seu início no

cérebro; até mesmo uma depressão, que tempos atrás se imaginava ser da *psique* humana, hoje é tratada com medicamentos químicos. Mas pensar que ele – o cérebro – é capaz de tudo, ou então que ele é quem comanda...

O cérebro, para mim, seria como um *software* que traz em si uma programação e que também aceita novas reprogramações à medida que vai sendo usado e observado as suas necessidades, necessitando assim de alguém para comandá-lo (no caso, o *espírito*). Poderíamos dizer que o *cérebro* seria o “piloto automático” do “avião corpóreo”, que em momentos de necessidade passa a comandar a “aeronave de carne”, sem deixar de ser comandado pelo piloto – o *Espírito*.

Sempre reflito sobre a *alma* imaginando-a como um grande edifício, no qual existem inúmeros compartimentos, cada um deles contendo *conhecimento* e *sensações*. Todas as vezes que o ser humano mantém um objetivo ou mesmo uma busca incessante, ele se *direciona* para um desses compartimentos e usa daquilo que contém naquele local, não se lembrando com precisão do que pode haver em outro, que esteja a vários andares acima ou abaixo, pelo fato de aquele departamento deixá-lo *imerso* – diria até mesmo *inebriado* – em sua realidade própria. Seria preciso que ele se deslocasse até o outro departamento (ou andar) para poder saber, com precisão, o que esse outro pode oferecer. Assim nós – os seres humanos em geral – vivemos cada período de nossa vida em um *determinado* compartimento. Quando usamos da *razão*, nos direcionamos para os andares e departamentos em que a *razão predomina*; quando buscamos *sensações* e *emoções*, temos de ir ao outro extremo do edifício para encontrá-las; e quando estamos em um deles, na maior parte das vezes, esquecemo-nos do outro, pelo fato de serem *de natureza diferente* e nos *inebriar* no momento em que estamos presentes no local. Dessa maneira, quando nos cansamos de uma busca de *natureza racional*, vamos para outro departamento com *predominância emocional*, e assim vamos descobrindo, ao longo da vida, as infinitas maneiras de *pensar* e *sentir* aquilo que é possível à criatura humana.

* * *

Dando continuidade ao tema deste capítulo, vamos refletir um pouco sobre a questão da ideia espírita de *perfeição*.

Allan Kardec informava que os espíritos superiores eram aqueles que estavam mais próximos da perfeição, ou seja, pelo fato de terem conquistado um alto nível de *inteligência* e de *moral*, estavam bem próximos daquilo que entendemos por perfeição. Assim, os espíritos superiores que o acompanhavam, durante as reuniões mediúnicas de estudo, forneciam-lhe as respostas para as suas indagações, que viriam a se tornar os “alicerces da codificação espírita”, e por serem altamente conhecedores das questões espirituais, estavam em condição de guiar essa nova Filosofia espiritualista, desenvolvida por Kardec e que, segundo ele, abriria um novo caminho de evolução para a humanidade.

Pensando como Kardec sobre a perfeição, como sinônimo de um alto grau de inteligência e moral, sou forçado a ver os físicos e cientistas em geral como “meio-perfeitos”, por estarem com apenas um dos atributos desenvolvido em larga escala. Vejo também que aqueles que se dedicaram ao humanismo e à caridade, como Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier e Madre Teresa de Calcutá seriam, segundo o conceito kardecista, “meio-perfeitos” também, pelo fato de estarem, assim como os cientistas, com apenas uma das faculdades *amplamente* desenvolvidas.

Digamos que a união das *conquistas intelectuais* de Albert Einstein, Aristóteles e Mozart com as *conquistas morais* de Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá e Chico Xavier resultariam na perfeição mostrada por Kardec. Não tenho como discordar desse ponto de vista. Realmente, um ser que possuísse todas essas conquistas seria perfeito; mas gosto de pensar ainda que a perfeição comporta outra condição: a *interiorização*.

A interiorização, ou seja, a vivência das atribuições íntimas da alma, que não busca a *ação na matéria* apenas, mas o conhecimento da realidade maior que existe na condição interna de cada ser humano, seria, para mim, também uma condição de perfeição.

Em Filosofia, estuda-se muito a questão da maneira correta como se adquire conhecimento: *a priori* – ou conhecimento puro; e *a posteriori* – por meio da experimentação.

Para Sócrates e Platão, grandes filósofos gregos, o conhecimento verdadeiro se daria *a priori*. Para eles, a alma, antes de sua encarnação em um corpo físico, adquiriria seus conhecimentos sobre as coisas ainda na *condição de contemplação*. Dessa maneira, sem o corpo físico (que “atrapalha” o ser no momento em que entra em contato com as coisas materiais, para conhecê-las) e apenas em estado de contemplação, a alma

adquiriria conhecimento seguro, e no momento em que resolvesse encarnar, traria esse conhecimento imanente a ela. Depois de encarnada, todas as vezes que fosse tomando contato com as coisas físicas, ela – a alma – iria se lembrando daquilo que já havia contemplado em outro estado de vivência, e assim, estaria apenas *relembrando* algo já conhecido. Dessa maneira, o conhecimento seguro e verdadeiro, para Sócrates e Platão, se daria sem a experiência física, apenas por meio de uma *rememorização intelectual*, o “conhecimento puro” ou *a priori*.

Para David Hume, um dos mais fecundos filósofos do movimento empirista, surgido no período do Renascimento, o conhecimento seguro somente se adquire pelo contato com os sentidos físicos, ou da experimentação, ou seja, só conhecemos verdadeiramente algo a partir do contato físico que tivermos com as coisas em geral. Numa rápida síntese, poderia expor o pensamento de Hume da seguinte maneira:

A ideia que formamos das coisas em geral surge em nossos cérebros por meio dos nossos sentidos físicos; para imaginarmos um avião, precisamos vê-lo; para imaginarmos a sensação da queimadura do fogo, precisamos colocar nossa mão sobre ele e deixá-la queimar; para termos uma ideia precisa da fragrância de um perfume, precisamos cheirá-lo; para sabermos com certeza como é o gosto de uma barra de chocolate, precisamos comer uma; e por fim, para podermos entender bem a sensação de se apreciar uma boa música, precisamos ouvi-la (de preferência, ao vivo). Em resumo: para se ter uma ideia do avião, da queimadura pelo fogo, do cheiro do perfume, do gosto do chocolate e da sensação de se ouvir música, necessariamente, precisamos passar pela experiência do contato por meio dos cinco sentidos físicos; sem esse contato, jamais teremos uma ideia precisa da maneira como as coisas são. Uma pessoa que nascesse sem qualquer um dos cinco sentidos físicos, como um cego, jamais teria uma ideia do que pudesse ser um avião, assim como nós a temos; por mais que oferecêssemos exemplos e comparações ao cego sobre o que seria o avião, ele jamais formaria a ideia do avião, em sua mente, assim como nós a temos, pelo simples fato de possuímos os olhos para ver, e ele, não.

Nessa tese, Hume apresenta a sua maneira correta de se adquirir conhecimento seguro: por meio da experimentação, ou *a posteriori*.

Voltando à *perfeição* também como uma forma de interiorização, gosto de pensá-la da seguinte maneira: quanto mais evoluímos, mais vivemos na nossa *realidade interior*, livre do mundo físico ao nosso redor, com todas as sensações experimentadas pelos sentidos. Nesse estado de interiorização, a observação *a posteriori* vai deixando de existir para dar lugar ao conhecimento puro – *a priori*. Com isso, percebo que Platão tinha razão sobre o que dizia, pois no *mundo interno* – *que é aquele em que a alma vive* –, conhecemos as coisas com mais precisão, se comparado aos sentidos físicos. Percebo também que não é muito comum pensarmos em uma vivência interna, sem ligações com a materialidade. Uma vivência no *mundo mental* – que é próxima daquela que sentimos quando estamos lendo, e viajamos na mente do autor sem sairmos do lugar – pode nos dar uma ideia do que seja a interiorização; assim como quando estamos apaixonados e *passamos a ver o mundo diferente do que é*, pelo fato de estarmos vivendo em nosso *mundo emocional* (quem já experimentou uma intensa paixão amorosa sabe que o desejo, no momento intenso da paixão, é de que o mundo pare e que todas as coisas físicas ao redor deixem de existir, para que somente os amantes possam viver, sem a necessidade do tempo e do mundo).

Essas duas condições: a *viagem mental* e a *sensação da paixão* mostram a nós o que seja a condição primeira da alma. *Nesses estados íntimos, não precisamos do mundo material* e muito menos do tempo; basta-nos o momento presente e a não cessação dele. Assim *imagino* a condição de interiorização do ser quando está próximo da perfeição: ele não mais precisa do mundo físico ou mesmo de algum lugar na imensidão do cosmo para se sentir feliz: *encontra a felicidade dentro de sua própria alma*.

Ainda nesse assunto, penso que o Universo material existe porque *ainda precisamos de coisas concretas para nos situarmos nele*. Não conseguiríamos viver apenas na nossa realidade interior – a realidade mental/emocional/espiritual. Imagino que dentro de nós exista um universo particular, e lá encontraremos Deus e a verdade total. Quando chegarmos a esse momento (creio) não experimentaremos dores – externas ou internas –, e sim *sensações boas e agradáveis*, pelo fato de estarmos lidando com a essência da alma, que é divina, assim como Deus; pois os problemas, dores, angústias, inclinações aos vícios são desvios de comportamento do ser espiritual no momento em que lida com a matéria, por meio de um corpo

físico, sofrendo todo tipo de influência das forças eletromagnética e gravitacional, inerentes ao planeta em que vive.

Em uma retrospectiva mental, voltando aos gregos antigos, mais detidamente ao momento da morte de Sócrates, em que ele recebe o convite de um de seus discípulos para fugir da prisão e evitar a morte, que era injusta, Sócrates responde ao seu pupilo que, durante toda a sua vida de filósofo, buscou a verdade – *o conhecimento real das coisas* -, e agora, justamente no momento de deixar o corpo físico e partir para a *dimensão racional*, onde a sua alma contemplaria essa *verdade*, não haveria sentido ele aceitar o convite de seu discípulo. Assim, Sócrates, por perceber que a alma, enquanto encarnada, passa por grandes dificuldades, em razão dos desejos e anseios do corpo, impossibilitando-a de se aprofundar no conhecimento real das coisas, percebe que aquele momento seria uma verdadeira libertação da transitoriedade da matéria, permitindo a ele a contemplação da verdade integral.

Para mim, esse momento dramático da morte do filósofo grego se assemelha, e muito, à questão espírita, a qual apresenta os espíritos superiores em um alto grau de evolução desvinculados das sensações e vivendo mais do seu mundo interior. É claro que essa condição não é a mesma para todos, ou seja, não basta morrer ou desencarnar para penetrar nessa realidade – assim como acredito que aquilo que Sócrates encontrou, após a sua morte, não foi o mesmo encontrado por outro grego qualquer, falecido na mesma época.

A percepção (ou o *conhecimento*) dessa realidade se adquire ao longo dos séculos, em várias encarnações, em que vamos aprimorando cada vez mais o *nosso mundo interior* (da razão e do sentimento), facilitando assim, cada vez mais, o contato com essa realidade íntima, mesmo aqui na vida terrena. Acredito ainda que a *realidade objetiva* das sensações e impressões reais nos Espíritos superiores seja algo que esteja além da compreensão humana. Imagino que entenderemos melhor isso quando também *estivermos desligados do corpo físico*. Trazer essa realidade para a vida física, ou escrever a esse respeito, com total tranquilidade, é tarefa da *ciência*, aliada à *tecnologia*, e do *futuro*. Por enquanto, o máximo que podemos fazer é filosofar a respeito disso e criar imagens mentais particulares e subjetivas para vivermos um pouco melhor essa nossa vida atribulada e cheia de inquietações. Viver apenas *da* e *na* realidade física é muito triste e pouco justo (em vários momentos da vida). Para mim, é de muita importância a

sensação, ou crença, de que tudo o que vemos e sentimos na matéria é muito pouco para o Espírito. Uma vida que não dura nem cem anos, carregada de obrigações, responsabilidades, rotinas, injustiças, doenças, e por aí vai, sem uma recompensa para tudo isso (lembrando que os momentos alegres e de prazer físico são bem menores do que aqueles outros), ou então sem uma continuidade em outras realidades mais saudáveis e felizes é um verdadeiro castigo, não acha? Por isso, gosto de pensar que existe a reencarnação e a vida após a morte.

* * *

Em outro trecho extraído dos meus “diálogos virtuais” com Reinaldo, o qual aborda a questão da alma, comento com o filósofo um fato simples e importante, acontecido comigo, e que me levou a pensar a questão da *espiritualidade interna* em nós. Vamos a ele.

Geraldo: Caro primo, hoje pela manhã eu estava olhando as minhas plantinhas, como sempre faço, e vi que uma delas, que ganhei de um tio e que plantei há uns quinze dias, estava se abrindo para me mostrar a flor que ela produz. Se alguém a observar, verá apenas o caule e as folhas – muito verdes por sinal, e sem nenhuma beleza –, mas a flor que ela produz é muito bela. Ela ainda está bem pequena, e eu até pensei que só iria produzir flores quando estivesse maior. Mas como a natureza é perfeita, ela, mesmo pequena, já começou o ciclo de produção (lembrando Aristóteles e a causa final, sobre o motivo da existência de algo) e me encantou com uma bela florzinha amarela saindo de dentro de um caule verde, rústico e sem nenhuma beleza. Até me pareceu um fenômeno de ilusionismo. Eu fiquei um bom tempo ali, contemplando aquela maravilha da natureza. Logo em seguida, fui tomar banho e comecei a refletir sobre a alma e o corpo como idênticos à planta.

Quando observamos o ser humano, no seu dia a dia, muitas vezes, vemos mais coisas ruins e feias do que boas e belas. As pessoas são egoístas, ansiosas, apressadas, grosseiras e tantas outras coisas mais. Assim somos todos nós. Mas percebo, nesses momentos em que estou em completa solidão e silêncio, que dentro de nós – de cada ser humano – existe algo belo, grandioso, dotado de grande amor por tudo, paciente, inabalável e

outras qualidades ainda, que precisa de um devido preparo para “desabrochar” ou exteriorizar essa condição divina.

Quando vejo os meus documentários em DVD sobre Física, ou mesmo quando leio livros ou revistas sobre o assunto e recebo as informações sobre o Universo e o início da humanidade, fico totalmente cético quanto a Deus e ao Espiritualismo, pois não existem lugares para eles aqui no planeta Terra ou nas outras galáxias, formadas a partir do princípio material. Mas quando sinto dentro de mim essa realidade grandiosa, sublime e divina, começo a pensar que os conceitos mundo Espiritual, Deus, e espiritualidade estão na extensão do interior de cada um, enquanto o materialismo está em sentido contrário: “para fora”. Raciocinando assim, lembro-me das palavras de Jesus:

“O Reino de Deus está dentro de vós.”

Huberto Rohden foi muito feliz quando pregou que a busca de Deus é feita para dentro de nós, e não em algum lugar do cosmo.

Seguindo essa linha de reflexões, lembro-me também do filme Amor além da vida, em que os personagens encontram, após a morte, justamente aquilo no qual pensaram e acreditaram durante a vida.

Assim, imagino que não exista um mundo espiritual concreto e igual para todos, e sim um mundo espiritual de cada um, de acordo com tudo aquilo em que acreditou e pensou durante a vida.

Para concluir, lembro-me ainda das palavras de Chico, em uma entrevista à Globo, em 1983, quando ele, ao receber uma pergunta do entrevistador sobre como seria o momento da morte, respondeu:

“O conjunto de nossas lembranças, as nossas atitudes, as nossas alegrias, as nossas tristezas, as nossas certezas, as nossas inseguranças determinarão como será o momento de nossa morte” – palavras minhas de afirmações dele – e eu complemento: “e a realidade (ou mundo) que iremos encontrar”.

Reinaldo: prezado amigo Geraldo, o momento de paz ao mencionar o episódio da planta com flor, e principalmente, essa perspectiva que você começa a apresentar entre interior e exterior, que talvez devêssemos

buscar Deus e outras coisas mais interiormente, me agradou. Estou gostando do que comecei a ler. Você parece começar a introjetar no sujeito a dimensão espiritual, das crenças, das entidades não materiais e dos seus “feitos”, e a projetar para fora todo um mundo físico, corpóreo, material, regido por causas “espirituais” (pois a matéria é inerte), mas cuja explicação é externa, científica, feita em um modelo experimental. Um mundo duro, que reflete a dureza, cada vez maior, das pessoas que nesse mundo “duro” vivem. Um mundo do qual estamos nos desacostumando a olhar a beleza, por não atentar para as suas outras camadas, ainda que de materialidade. Um mundo em que, muitas vezes, não chegamos à camada da flor.

A impressão que me fica é que você está buscando no voltar-se para si, para o interior, a paz interna, desenvolver a sensibilidade, aprender a ver a beleza das coisas, enfim, resguardar um campo onde a crença é possível, onde Deus possa viver, enfim, onde se pode encontrar a paz e uma boa vivência. Seu texto pareceu me apontar para essa distinção entre o externo e o interno, marcando dois mundos bem distintos, muito embora tenham passagem de um para o outro.

* * *

Nesse período em que estive dialogando virtualmente com Reinaldo, estava me aprofundando na leitura dos livros de Marcelo Gleiser, e com isso, sentia-me cada vez mais descrente quanto à realidade espiritual e quanto a tudo o que faz ligação com ela. Em virtude da grande quantidade de informações sobre o princípio do Universo e de toda a materialidade do cosmo, bem como do início da vida no planeta Terra, ocasionados por fenômenos da natureza, eliminando a necessidade de um Deus criador, eu começava a imaginar a *realidade espiritual, Deus*, e as *entidades imateriais* como algo existente em nosso interior, assim como na realidade subatômica.

Com essas ideias em mente, no momento em que contemplei a beleza da flor que havia brotado em meu jardim, a partir de um caule rústico e muito feio, passei a imaginar a alma e o corpo em correlato com a flor e o caule: por que não seria possível brotar de dentro de nossos corpos (feios e imperfeitos) algo divino e belo – similar à flor –, desde que fornecêssemos condições propícias para tal? Se, de acordo com a Física moderna, tudo o que existe no Universo é matéria e energia, geradas a partir de uma grande

explosão – o *Big Bang* –, sem a necessidade de um criador, e o mesmo se aplica ao início da vida no planeta Terra, onde poderiam estar Deus e os espíritos?

Influenciado pela leitura dos livros de Marcelo, passei um período de minha vida imaginando que a *espiritualidade* – e tudo aquilo que tivesse ligação com ela – estivesse no sentido interno (para dentro) de cada ser humano, enquanto a *materialidade* estaria em sentido inverso (para fora) de cada um. Não quero dizer com isso que, atualmente, ainda penso essa questão, *dessa maneira*; apenas me sinto mais confortável imaginando que ainda exista muita coisa a ser descoberta; a ciência ainda não deu a última palavra (e acredito que nunca a pronunciará).

Apesar de a Física moderna não ter, ainda, encontrado vestígios de “algo espiritual” em parte alguma do cosmo, nem por isso devo pensar que ela – a espiritualidade – não exista (pelo simples fato de os aparelhos ultramodernos não conseguirem detectá-la). As informações da Astrofísica, da Astronomia e da Cosmologia mostram que tudo o que já foi encontrado, até o momento presente, representa apenas 4% da *matéria comum* existente no cosmo; 23% é outro tipo de substância que os físicos chamam de “*matéria escura*”; enquanto a maior parte, ou seja, 73%, é chamada de “*energia escura*”. Com isso, apesar da enorme quantidade de informações a respeito das propriedades da *matéria comum* existente no Universo, a maior parte ainda é desconhecida; assim, posso pensar que o Universo que conhecemos ainda é quase desconhecido, deixando uma enorme lacuna em nossa mente para imaginarmos que, talvez, o local onde os espíritos residem ainda vá ser encontrado pela ciência.

* * *

Para concluir este capítulo, descreverei a maneira como vejo a evolução do ser espiritual e a sua ligação com Deus nesse processo evolutivo.

Pensar Deus como um ser muito inteligente é bem *lógico*, desde que observemos o Universo e a vida como produtos da sua criação. Mas todas as vezes que O pensamos como um ser *amoroso* e observamos os males que existem no mundo, atualmente, esse pensamento fica muito estranho. Como um ser *supra-amoroso* pode permitir tantos males, sendo Ele *a perfeição em justiça e bondade*? Aí entra a questão do livre-arbítrio e da reencarnação: o *livre-arbítrio* permite ao ser agir da maneira que quiser – boa ou ruim –,

mas a *reencarnação* é fator determinante para cobrar a *justiça* dos seus atos. E Deus, sendo justo e dando total liberdade aos seres que criou, permite a eles agirem da maneira que quiserem, com a diferença de que existem leis, criadas por Deus mesmo, que cobrarão a justiça dos atos praticados pelas criaturas. *Se bons*, no presente ou no futuro, a recompensa virá; *se maus*, aplicar-se-á o mesmo princípio. Com esse pensamento, Deus se enquadra perfeitamente na condição de *bom e justo*, permitindo que o mal apareça sobre a face da Terra, por *determinação* do livre-arbítrio que ele concedeu à sua criação. Ademais, não aceitando a ideia de que Ele aprove os males no mundo, que prejudicam as *peessoas boas*, ainda assim, a ideia não é totalmente desprovida de lógica, desde que a justiça venha, nesta ou em outra vida, para ressarcir aquele que sofreu por falhas de outros, forçando-o, assim, a melhorar-se cada vez mais para merecer encarnar em planetas melhores, onde o mal não tenha predominância – seria o mesmo esforço que um bom profissional faz para conseguir cargos melhores ou locais de trabalho mais saudáveis, que valorizem e reconheçam as suas qualidades.

Vivemos no planeta Terra, pois ele é o único do nosso sistema solar capaz de abrigar *vida inteligente*, apesar de imaginarmos que, em outras galáxias e sistemas solares, exista a possibilidade de vida inteligente. A ciência não se pronuncia categoricamente sobre essa questão, deixando inúmeras suposições em aberto, em razão das distâncias inimagináveis entre os sistemas solares.

Em questões de ética, percebo que o ser humano, quanto mais conhece, mais deseja; em outras palavras, o desejo *aumenta* na proporção da quantidade de *conhecimento adquirido*. Esse desejo leva-nos a agir; cada um escolhe as ações; quanto mais desenvolvida a consciência de *bem e mal, certo e errado*, mais procuramos *agir corretamente*, baseados em códigos de ética e moral, apresentados por nossa religião ou filosofia de vida; e não apenas por isso, mas também pela *satisfação* que o *bem agir* nos proporciona. Isso se sustenta na condição de sermos filhos de um ser suprainteligente e supra-amoroso que nos deixou, *gravada* na consciência, a inclinação *para o bem e o correto*, levando-nos a *sentir* que estamos errando ou *distantes do caminho correto* todas as vezes que prejudicamos alguém (ou algo), acabando por nos prejudicar também. Essas ações estão todas vinculadas ao nível de consciência adquirida, assim como a inteligência: quanto mais conhecemos, mais usamos nossa razão; quanto mais

conscientes da ética e da moral, mais nossas ações tenderão para o bem próprio e o de todos.

Concluo assim as nossas ações: temos a opção da escolha entre agir bem ou mal, mas necessariamente tudo o que fizermos *de mal* a outrem, com certeza, *um dia teremos de reparar* e agir de forma contrária, pois todas as nossas ações ficam registradas em nossa consciência, e *as levamos* para onde estivermos – seja aqui ou no local onde nos encontrarmos após a morte.

Nossas conquistas intelectuais, a noção de moral, nossas virtudes (ou defeitos), nossa fé (ou ceticismo), levaremos sempre conosco. Nada disso se perde. Assim, vamos acumulando milhões de informações e lembranças. As *negativas* estarão sempre nos cobrando (como um juiz) a correção para a boa ação; as *positivas* estarão sempre nos estimulando a seguir em frente, mostrando-nos que *vale a pena agir bem*. A cada nova encarnação, buscaremos as pessoas, o local, o trabalho etc., tudo, enfim, que esteja ligado a algumas *correções* e também às *novas conquistas*.

Esse, para mim, é o sentido da reencarnação: CORRIGIR e PROGREDIR, tendo sempre em vista que vivemos em um planeta muito *atrasado moralmente*, apesar de todas as conquistas tecnológicas e científicas, que por si, nos garantiriam ser felizes aqui mesmo na Terra; o que atrapalha essa felicidade são o egoísmo, a ambição, a maldade e os vícios que o ser humano traz em si. O que faria desse planeta um lugar feliz para se viver seria o *melhoramento interior* de cada um (coisa que a reencarnação favorece), mas como isso é uma *conquista do tempo* – aliada ao *sofrimento* –, necessitamos estar sempre em busca de algo melhor, e se esse “algo” não se encontra aqui, na Terra, que procuremos buscá-lo em uma nova encarnação, em outros planetas, onde exista vida inteligente, e iremos encontrá-lo ou saber onde está no momento em que estivermos desencarnados e livres da necessidade da *reencarnação* para a *corrigenda*.

Essa, então, é a minha visão de *finalidade* do ser humano.

Para Aristóteles, a *finalidade* da vida humana é alcançar a felicidade. Para mim, isso também se aplica, com a diferença de que vejo essa meta muito distante para uma vida apenas. Se eu não pensar na possibilidade da reencarnação como fator de *correção* e *progresso*, dificilmente concordarei com o filósofo, de que, sob o ponto de vista de *uma única vida na matéria*, seja possível alcançar essa felicidade. Nesse aspecto, eu “fecho” com Kardec sobre a possibilidade da reencarnação em mundos melhores, *onde o bem esteja acima do mal*, levando-me a crer que lá habitem apenas seres

moralmente desenvolvidos. Aqueles que ainda *não alcançaram* a noção de moral necessária para se *viver bem* necessitam ainda viver em mundos como o nosso.

Extraído do livro *Poeira das estrelas*, Editora Globo, 2006.

Extraído do livro *Poeira das estrelas*, Editora Globo, 2006.

No ano de 2008, em setembro, físicos do mundo inteiro se encontraram em Genebra, na Suíça, onde foi construído o maior acelerador de partículas, denominado LHC (*Large Hadron Collider*), para dar início ao maior experimento já realizado pela comunidade científica sobre a maneira como surgiu o Universo. Segundo os técnicos, físicos e demais cientistas que participam dos experimentos, o poderoso aparelho, com seus 27 quilômetros de circunferência, acelerará partículas elementares, como o próton, fazendo-as chocar entre si a uma velocidade 99,9% próxima à da luz (300.000 km/s), gerando uma colisão tão violenta capaz de gerar matéria, assim como a teoria do *Big Bang* defende. Se o experimento obtiver o sucesso esperado, os físicos poderão afirmar “de cabeça erguida” que descobriram o *princípio material*, dando total validade à teoria do *Big Bang*.

A reencarnação

Antes de iniciar a dissertação a respeito da reencarnação, vale citar dois trechos do Evangelho, nos quais aparece, claramente, a informação sobre a reencarnação. Vamos aos trechos:

Jesus e Nicodemos. (João 3: 1-7) Havia entre os fariseus um homem, por nome Nicodemos, um dos principais entre os judeus. Foi este ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: “Mestre, nós sabemos que vieste de Deus para ensinar; porque ninguém pode fazer essas obras poderosas que tu fazes, a não ser que Deus esteja com ele”.

Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer de novo¹ não pode ver o reino de Deus.”.

Tornou-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? Poderá, porventura, voltar ao ventre de sua mãe e tornar a nascer?”.

Replicou-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer de novo de água e de espírito não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne; mas o que nasceu do espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: É necessário nascerdes de novo.

A transfiguração. (Mateus, 17: 9-13) [...] Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem seja ressuscitado dentre os mortos.

Os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas que é mister que Elias venha primeiro? Jesus lhes respondeu: Certamente Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio², e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então entenderam os discípulos que lhes falara a respeito de João Batista.

* * *

Quando estudamos os livros de Allan Kardec (que deram origem à doutrina espírita e a tudo o que está envolvido com ela), aprendemos que, em virtude da *reencarnação*, vivemos “colhendo” o que “plantamos” em vidas passadas, ou seja, encontramos ao longo da vida a consequência dos nossos atos do passado distante. Isso se aplica às coisas boas e às ruins.

Kardec sustenta, em toda a sua obra, que o espírito encarna-se por diversas vezes, em vários corpos físicos, aqui, no planeta Terra ou em outros existentes pelo Universo afora. Ele afirma, com plena convicção, que seria inconcebível, e até injusto, uma única vida física para a alma, sabendo que o espírito traz imanente em si a potencialidade do desenvolvimento *intelectual* e *emocional* sem barreiras. Para ele, o espírito tem o seu princípio num passado muito distante, que se perde na *noite dos tempos*, e nas suas primeiras encarnações, ele se encontra em total ignorância sobre todos os assuntos (seria como um bebê, que logo nos primeiros dias de vida, não tem noção de nada). Em continuação, ele informa que o espírito, à medida que vai vivendo suas vidas nas diversas reencarnações, adquire experiência, conhecimento, virtudes, defeitos etc. com isso gerando certo grau de evolução, algumas vezes rápida e outras um tanto lentamente.

Ele costumava classificar como *espíritos superiores* aqueles que já estariam em um alto grau de *conhecimentos* e *virtudes*. Para ele, um espírito pouco evoluído seria aquele que viveu pouco (da vida do espírito), ou então, apesar de vivido bastante, teve uma *carga pesada* de falhas e erros causados em vidas passadas. Dizia ainda que todas as vezes que um espírito se prepara para reencarnar, ele, com a ajuda de outros, analisando a(s) última(s) vida(s) física(s) e observando os erros causados, pede a Deus uma oportunidade para corrigi-los,³ de preferência junto daqueles com quem errou (ou que prejudicou). Se a situação o impede de se aproximar desse ser, na reencarnação em questão, ele é direcionado a uma vida em que irá fazer o bem para outros que tenham sido prejudicados da mesma maneira, apenas com a diferença de que o causador é outro. Seria um tipo de “trabalho voluntário” que, nos dias atuais, a lei obriga algumas pessoas a fazer para pagar algum dano moral que causaram.

Com isso, a questão do princípio de *semeadura e colheita* apresentada nos livros espíritas geralmente mostra-se real, pois se a *reencarnação* existe (e tenho certeza disso) e se estamos sujeitos a errar, logicamente nos

defrontaremos com essas falhas (gravadas em nossa consciência) em reencarnações futuras.

Se pensarmos na questão de *justiça divina*, trazendo, com isso, a certeza da existência de um Deus justo e bondoso, seremos obrigados a aceitar a necessidade da “colheita” da antiga “semeadura ruim”, semeada no passado. Isso nos levará a buscar a(s) pessoa(s) com a(s) qual(is) falhamos, para tentar, na reencarnação em vista, corrigir os danos e, se possível, causar algum bem maior *além* daquele que fará parte do “ajuste de contas”. Em Kardec, isso fazia parte de um processo que ele descrevia em três etapas, a saber: o *arrependimento*, a *expição* e a *correção*. Resumindo, depois de um grande mal gerado por nossa negligência, somos levados ao *arrependimento*, pela nossa própria consciência (ou talvez fosse Deus soprando em nossos ouvidos...), nos impulsionando a uma vida de *expição – dificuldades e lutas* – pela nossa falta de prudência ou inexperiência em nossos atos, acabando por fazer a *correção* ou reparação do dano à pessoa lesada por nós. Todo esse processo se enquadra nos moldes de *resgate de falhas passadas* que é muito comum encontrarmos na obra kardecista.

Levando o pensamento reencarnacionista espírita para o pensamento filosófico, logo me vêm à mente as ideias de Pitágoras, filósofo e matemático da Grécia Antiga, o qual sustentava que a alma se reencarnava várias vezes para a sua completa depuração.

Um desvio no pensamento de Pitágoras sobre a reencarnação e que Kardec apresentou com um bom-senso superior é a questão da não possibilidade de o espírito retrogradar (ou “andar” em sentido inverso ao progresso). Para Kardec, se o espírito, em uma de suas várias encarnações, não adquirisse nenhum tipo de progresso, ele necessariamente não retrogradaria; apenas estaria “estacionado” na sua trilha de progresso.

Pitágoras, ao contrário desse pensamento, sustentava que todas as vezes que a alma não se purificasse, pelo menos um pouco, na encarnação em questão, ela – a alma – se reencarnaria em algum animal, como castigo pela encarnação anterior, a qual não havia servido para nada, no que concerne ao progresso ou à purificação. O filósofo chegava a afirmar que, algumas vezes, a alma se reencarnaria como um inseto. Essas ideias ficaram conhecidas como *metempsicose*.

Seguindo a linha filosófica sobre a possibilidade da reencarnação, vou apresentar agora outro trecho dos “diálogos virtuais” com Reinaldo, no qual apresento uma indagação ao filósofo sobre a reencarnação. Vamos a ela.

[...] Na questão da reencarnação, desde o início de nossas conversas, eu alimentava o desejo de saber se Reinaldo, com o todo o conhecimento que possuía, acreditava nessa realidade. Como ele mesmo havia dito, estava cercado de espíritas na família: seus pais são espíritas; toda a família da sua mãe também. E ele, será que não teria recebido algum tipo de influenciação a esse respeito? Será que, mesmo estudando Filosofia (que é totalmente cética), ele, talvez, houvesse herdado certa inclinação para essa crença?

Eu, àquela altura da conversa, julgava ser viável lançar a pergunta. Para mim, a reencarnação é real. Não tenho a menor dúvida a respeito. Tudo o que observo no mundo e na vida das pessoas me faz crer que ela existe e que estamos constantemente reencarnando. O ato de reencarnar não está restrito ao planeta Terra. Acredito que, em muitos outros sistemas solares, onde o homem terráqueo ainda não pisou, exista vida inteligente. Acredito ainda, como Kardec, que à medida que o ser humano evolui em conhecimentos e principalmente em moral, fazendo dele uma pessoa boa e com boas atitudes, que beneficiem o seu próximo e o meio ambiente onde vive, ele se torna merecedor de viver em um mundo melhor, onde reine a paz e a harmonia; onde as pessoas não sejam tão ávidas pelo dinheiro; um lugar onde a cobiça, o orgulho e o egoísmo não tenham tanta força como têm aqui, no planeta Terra. Assim eu penso a questão da reencarnação. Percebendo que o momento era propício para lançar a pergunta ao meu amigo filósofo, assim o fiz.

Geraldo: Caro primo, mantendo o nosso diálogo cada vez mais sólido e real, gostaria muito de saber se você acredita na reencarnação. Você acha possível voltarmos a um novo corpo, em outra época, assumindo uma nova personalidade, sem perdermos a nossa individualidade divina? O caso Mozart (aos cinco anos de idade, Mozart já se apresentava como pianista; aos sete, escrevia peças para piano; aos doze, compôs sua primeira ópera) seria um forte motivo para acreditarmos na possibilidade de já termos vivido outras vidas? O que Sócrates (não sei se foi ele ou Platão) dizia: “o conhecimento é uma forma de lembrança, e não propriamente aprendizado” não afirma a possibilidade da reencarnação, pois se já vivemos antes, por que não poderíamos viver novamente, no futuro, da mesma maneira do presente?

Reinaldo: Caro primo, uma alternativa (a que ensina o meu orientador) para não termos problemas em definir se algo é de Sócrates ou de Platão (e muitas vezes, não é possível saber de quem é alguma teoria ou algum conceito) é sermos fiéis aos textos. Podemos dizer que algumas coisas estão nos diálogos platônicos, que foram proferidos pelo personagem Sócrates, sem o comprometimento de afirmar categoricamente que tal teoria é, de fato, de Sócrates, ou então se seria de Platão.

Geraldo, você leu o Fédon (alguns o intitulam Da alma) de Platão? Há uma tradução na Coleção Os pensadores. Acho que lá você encontrará as suas respostas, ao menos no que diz respeito aos diálogos. No Fédon, Platão trata da teoria das reminiscências, que aprender, na verdade, nada mais é que rememorar aquilo que a alma, quando separada do corpo (desencarnada, na terminologia espírita?), contemplou. Ao encarnar, a alma, ao entrar em contato com o corpo, esqueceria as ideias outrora contempladas. No diálogo Mênon, Sócrates comprova essa teoria (ao menos acredita comprovar), conduzindo Mênon, outro personagem do diálogo, a deduzir um princípio matemático, o que o levaria a acreditar que Mênon já conhecia o princípio, que aquilo que ele, Sócrates, fez, foi apenas fazer Mênon rememorar-lo. Ainda sobre essa sua questão, e ainda nos diálogos platônicos, dê uma espiada no mito Er, na República, de Platão. Resumidamente: Er é conduzido ao Hades, onde encontra as almas contemplando as ideias. A elas seria possível escolher como reencarnar. Mas, antes de reencarnarem, teriam de beber um pouco de água do rio Lethe (lembrando que o termo grego para “verdade” é aletheia, sendo o alfa privativo, como em português: aletheia seria, então, o não esquecido). As almas que escolhiam riqueza, por exemplo, bebiam grande quantidade de água do rio, antes de encarnarem, levando-as a se esquecerem das ideias contempladas. As que escolhiam a sabedoria bebiam muito pouco do rio. Usando a imagem da República, Mozart teria bebido pouca água do rio Lethe antes de reencarnar.

Ainda a esse respeito, se a alma é mortal ou imortal, não podemos, valendo-nos da Crítica da razão pura, demonstrar irrefutavelmente. Se for assim, entrará, mais uma vez aqui, a crença (e aqui, vale lembrar a célebre frase de Santo Agostinho: crer para conhecer; conhecer para crer), uma vez sendo a razão insuficiente para demonstrar se a alma é finita ou infinita. Uma alternativa é apreendê-la por outra via, senti-la, como se dá

no Espiritismo, ao que parece. Nesse caso, você é quem está, aos poucos, me informando como isso se dá.

Mas, caro amigo, quanto a explicar Mozart, Pelé, Einstein e outros que se destacaram em algumas atividades, isso parece “natural”, não? As pessoas nascem com habilidades diferentes para diferentes coisas. Assim como alguns nascem sem qualquer habilidade para o futebol, e por mais que insistam, não se tornam bons jogadores. Ou então, como no caso do filme de Mozart, por mais que alguns se esforcem para se equiparar à “genialidade” dele, Mozart, a habilidade com a qual ele nasceu para a música é diferente. Daí a compreender o motivo disso, que parece ser o seu caso, isso eu não arrisco. Para tal, mencionei o mito de Er. Mas, no que diz respeito a mim, que nunca senti qualquer entidade imaterial, acho bem possível a existência de outras vidas e, com isso, certo acúmulo de experiências em vidas passadas, tornando-nos, dentre outras coisas, mais hábeis para algumas atividades.

Mas caro amigo, não acredito na reencarnação, assim como também não acredito que não seja possível reencarnar. Não tenho elementos para acreditar em qualquer um dos dois. Nunca tive qualquer experiência com os espíritos, apesar de estar circundado de espíritas (como você sabe, meus pais também são espíritas, além de muitos aí em Bebedouro). Mas gosto de pensar que talvez a alma viva mesmo separada do corpo, sustentando a crença de que, um dia, poderei encontrar pessoas que morreram. Mas trata-se apenas de um movimento de buscar acreditar. Não tenho a convicção de que haja reencarnação (assim como não acredito que não haja). Apenas acho mais confortável acreditar que ela exista.

* * *

Usando das últimas palavras do Reinaldo “[...] Apenas acho mais confortável acreditar que ela exista.”, percebo nessa frase o desejo de grande parte das pessoas: de acreditar que exista a *reencarnação* e também a *vida após a morte*; sem essas duas realidades, a vida torna-se indesejável, não?

Como você pôde perceber, amigo leitor, a Filosofia tem uma tendência fortíssima (assim como a ciência) a eliminar todo tipo de crença possível às criaturas. Como a Filosofia lida totalmente com a razão (e questões de fé não são apreensíveis pelos canais corriqueiros da razão, mas sim pelos da

intuição), ela não é forte o suficiente para preencher a alma daquele que deseja algo mais além da vida física, pois os *seus mecanismos* são todos voltados para o trabalho racional; com isso, todo aquele que segue única e exclusivamente o estudo filosófico racional fica sem “elementos” (palavras de Reinaldo) para crer em possibilidades de vida por meio do processo reencarnacionista.

A impressão que me ficou, da resposta de Reinaldo, é que ele gostaria muito que fosse possível reencarnar, mas como a Filosofia não lhe apresentou nada favorável a essa ideia, ele, por lidar apenas com ela, fica na expectativa de algo mais preciso em termos de reencarnação. Informações do tipo espírita não são suficientes para ele.

Assim, enquanto a ciência não apresentar os primeiros vestígios da possibilidade da reencarnação, as pessoas que lidam apenas com a razão terão de esperar.

Quanto a mim, mesmo sendo um estudioso de Filosofia, acredito na reencarnação e penso nela como um processo natural inerente ao ser humano. Seria uma grande frustração para a humanidade pensar em uma única vida. Cem anos de vida não representam nada para a alma, que possui a faculdade do progresso sem fim. Basta pensarmos em Mozart, Einstein, Aristóteles, dentre outros gênios, e imaginarmos que coisa mesquinha seria uma única vida para esses personagens da História.

Mozart morreu aos 35 anos de idade, deixando a marca da genialidade por meio de sua obra. Durante toda a sua vida, trabalhou incansavelmente na criação das mais diversas obras musicais, que se tornaram, nos dias atuais, um farol a guiar os novos estudantes de música. Apesar da sua genialidade, teve uma vida muito sofrida, passando por grandes necessidades financeiras. Morreu trabalhando na composição de seu *Réquiem em ré menor*, não conseguindo finalizá-lo. É duro imaginar que ele, depois de tudo o que fez pela música, não mereça uma recompensa pelo seu trabalho, pois durante a sua vida física, ele mais sofreu do que se regalou. Entretanto, se imaginarmos que exista vida em outros planetas (situados em outras galáxias), melhor que a nossa, pelo fato de seus habitantes serem melhores, com tendências ao bem e à justiça, fácil é para nós imaginarmos Mozart habitando esse local, pois, segundo Kardec, toda vez que um espírito atinge o auge do conhecimento que o planeta suporta, ele se reencarna em outros mais avançados, onde pode dar continuidade ao seu desenvolvimento intelectual.

Einstein, apesar de sua grande descoberta chamada *Teoria da Relatividade*, passou os últimos trinta anos de sua vida tentando conciliar *gravidade e força eletromagnética*, em uma nova teoria chamada de *campo unificado* que contivesse leis iguais para a realidade do *micro* e do *macro*. O cientista morreu sem conseguir essa conquista (que, até os dias atuais, ainda não foi alcançada). Reflito: que frustração para um espírito como o dele ter chegado aonde chegou, possuir uma mente brilhante, capaz de conseguir brilhantes descobertas no mundo da Física, mas que, por haver morrido, agora não lhe é possível mais agir no mundo material, para dar continuidade ao belíssimo trabalho conquistado com a personalidade Albert Einstein. Triste pensamento, não? Mas se imaginarmos que Einstein, talvez, possa estar encarnado (ou em vias de se reencarnar) em outro planeta (ou mesmo aqui na Terra), não nos parece um triste pensamento a questão da sua morte, pois ela apenas libertou o espírito Einstein daquele corpo cansado e doente para fornecer-lhe outro novo e melhor, que lhe permita dar prosseguimento às suas conquistas intelectuais. Com essa possibilidade, aquele triste pensamento passa a ser uma grande expectativa, não?

E se pensarmos em Aristóteles e observarmos o grande legado filosófico deixado por ele (que por sinal atravessou mais de dois milênios), escrito nos livros, e imaginarmos que ele não pode contemplar toda a trajetória intelectual que sua obra percorreu durante todo esse tempo? Que motivo de satisfação não seria, para ele, observar que hoje, após 2.500 anos (aproximadamente), estudantes de Filosofia defendem teses a partir de ideias suas! Quantos comentadores, especialistas em Filosofia, gastam horas e horas diárias envolvidos com suas obras! Isso tudo, acredito, seria a recompensa para o longo trabalho racional do filósofo. Mas ao pensar que, após a sua morte, ele deixou de existir...

Outro argumento a meu favor, em defesa da tese reencarnacionista, é refletir sobre a idade do Universo: segundo a Física moderna toda a *materialidade* do cosmo tem, aproximadamente, a idade de 13,7 bilhões de anos. Se pensarmos que ela não tem *razão* e nem *sentimento* e vive tanto, por que nós, seres dotados de *sentimento* e *razão*, viveríamos apenas por um século (talvez um pouco mais)? É muito estranho pensar isso, não?

No entanto, se pensarmos como Reinaldo (orientado por Platão), que menciona haver a possibilidade de outras vidas, em *outras realidades* ou *dimensões* (descartando, com isso, a reencarnação), por exemplo, um estado de *contemplação*, puramente racional, sem elos com a matéria, penso ser um

pouco estranho, considerando que, se trouxermos alguma habilidade para fazer algo, melhor do que os outros, e se isso for fruto de algumas experiências passadas, necessariamente, teremos de remontar isso a outras vidas. E se isso se verificar, teremos de dar crédito a uma vida material, pois as habilidades que teríamos trazido teriam início em outras experiências em um corpo físico. Como exemplo disso, basta pensar em Mozart e em toda a sua habilidade inata. Se ele tivesse apenas *bebido pouca água do rio do esquecimento*, como quer Reinaldo, deixando que sua sabedoria se sobrepusesse aos bens materiais (que é o que o *mito Er ensina*), realmente ele teria se encarnado com uma inteligência prodigiosa. Mas, ao pensarmos que, para fazer música, é preciso muito *treinamento e contato com os instrumentos*, e que não basta apenas o *conhecimento* (racionalização da teoria musical), e sim a *prática*, teremos de pensar Mozart executando algum instrumento musical, em outros momentos que não aquele em que era a individualidade Mozart. De duas, uma: se ele vivia apenas da contemplação antes de encarnar e veio ao mundo com muita sabedoria e inteligência (como sugere Reinaldo), realmente é possível pensá-lo um grande *músico teórico*. Porém, se pensarmos que ele, além de músico teórico, era também muito *habilidoso* (de acordo com a História da Música, aos cinco anos de idade, Mozart tocava cravo e piano e se apresentava para reis), teremos de imaginar que essa *habilidade* não vem apenas da parte racional, mas temos de aceitá-la como fruto do *treinamento*, gerando, em consequência, a ideia de que ele, pela lógica, necessariamente teve um longo tempo de *contato com instrumentos musicais*, e querendo ou não, teremos de remontar isso ao passado (outras encarnações).

A segunda hipótese seria (caso não houvesse reencarnação, mas apenas algum tipo de contemplação) imaginar que, na condição de “desencarnado”, é possível executar música em instrumentos musicais feitos de matéria-prima semelhante à nossa (nesse caso, teremos de discordar da ideia de *contemplação* apenas, para unir a essa condição a ideia de contato com algo que não seja apenas mental). Se você, amigo leitor, aceitar por bem essa hipótese, descartando com isso a reencarnação, terá de aceitar a ideia de que, além da vida física, existe não apenas a *contemplação* (pelo fato de estar sem um corpo físico), mas também o contato com “coisas concretas”, pois no caso de Mozart, que é real e está na história da humanidade, ele, ao nascer, trouxe habilidades inatas para executar música, pois é quase inconcebível imaginar uma criança de dois anos sentada ao cravo e

ensaiando os primeiros acordes, ou então pensá-lo com cinco anos de idade se apresentando para reis, mostrando com isso que, aos cinco anos de idade, já era um exímio cravista. Se isso não é uma habilidade inata, o que mais pode ser? Se for uma habilidade inata, de onde ela virá? De um estado de contemplação apenas? Mas se o ato de contemplar não sugere o contato com nada, de onde veio a *habilidade prática* de Mozart?

Seguindo essa linha de raciocínio, você terá de direcionar suas ideias para aquilo que Kardec ensinou: que, no mundo espiritual, também se vive de *sensações, emoções* e contato com coisas *semimateriais*; que lá vivemos uma vida um tanto parecida com a nossa, aqui na Terra, apenas com a diferença de que não estaremos mais lidando com a *matéria bruta*, e sim com a *energia*, levando a crer que ainda se “toca” e “sente” algo que não seja apenas de ordem *racional*.

Estendendo ainda a ideia da reencarnação para a questão da *justiça divina* ou do princípio de “semeadura e colheita”, que é aquele que se equipara à teoria Física de *causa e efeito*, vamos fazer um exercício mental: *imaginemos* um drama passionai, vivido por nós, num passado longínquo, em outras vidas, e que no desenrolar desse drama, por não conseguirmos manter um relacionamento amoroso, muito intenso, por um longo tempo, deixando-nos frustrados com a interrupção dele, acabamos por matar a pessoa amada (ou nos matar, como era comum em séculos passados), gerando um erro gravíssimo contra as leis da vida, prejudicando o ser amado e nos prejudicando (no caso do suicídio), e acabando também por prejudicar outras pessoas, como os familiares e as pessoas próximas que sofreram ao acompanhar o drama. No momento da nossa morte (de um dos envolvidos no drama passionai), em um súbito instante de reflexão, imaginemos que possamos nos arrepender do que fizemos, e nesse momento ouvirmos uma “voz interior” que nos diga que ainda existe tempo para “consertar” o estrago, sendo esse tempo uma “nova reencarnação”; qual não seria a nossa reação?

O mesmo se aplica às pessoas que possuem muito dinheiro e vivem a vida toda “esbanjando-o” consigo e esquecendo-se de que, na esquina ao lado, existem pessoas passando fome e frio, vivendo debaixo de viadutos. Digamos que esses “milionários”, ao chegarem ao final de suas vidas (imaginemos noventa anos), olhassem para trás e “vissem” que nunca pensaram na pobreza alheia e que satisfizeram todas as suas (supostas) necessidades com todo aquele dinheiro gasto sem ter feito algo por aqueles

que estavam na miséria⁴ e, por um sentimento de compaixão, resolvem ajudá-los. Mas, no momento em que tomam a decisão de compartilhar a sua fortuna, um forte abalo rompe uma veia no cérebro e põe fim à sua vida! Digamos que essa pessoa, segundos antes de morrer, sinta uma grande vontade de concluir a sua decisão caridosa, mas saiba que, em poucos segundos, estará inerte para sempre... Mas, nesse lapso de tempo, a “voz interior” lhe dita nos ouvidos que ainda é tempo: se não deu para fazer em noventa anos de vida, quem sabe em uma nova existência de cinquenta?

Apesar de vários intérpretes das passagens bíblicas traduzirem o sentido dessas palavras como um *renascimento espiritual* ou uma nova vida, a partir de uma vivência espiritual, acredito firmemente que Jesus se referia a um renascimento físico; o próprio texto deixa isso claro, e Jesus ainda faz a distinção entre aquele que nasce da carne e o que nasce do espírito.

Aqui, Jesus faz referência ao profeta Elias, que havia *reencarnado* com a personalidade de João Batista.

Nos livros de Chico Xavier/André Luiz, encontramos a informação de que um espírito “endividado” é obrigado a resgatar os erros passados por meio de uma vida de privações de toda espécie, e é, na maioria das vezes, colocado a viver junto daqueles com quem causou algum dano, sendo-lhe cobradas atitudes melhores, para um tipo de ressarcimento pelo mal causado no passado. Nessa condição, o espírito *não pede* ou *escolhe* o tipo de vida para a próxima reencarnação: ele é *forçado* a viver da maneira que o destino lhe cobrar.

Quem assistiu ao filme *A lista de Schindler* me entenderá com a cena final, em que Schindler chora nos trilhos, arrependido por não ter poupado um pouco mais de dinheiro e adquirido a posse de outras vidas.

Protetores espirituais

Nas questões que vão de 489 a 521 de *O livro dos espíritos*¹, Allan Kardec indaga aos espíritos sobre a possibilidade da existência de espíritos protetores (ou guias espirituais) que estariam ao lado de todo ser humano durante a sua jornada no corpo físico, ajudando-o, esclarecendo-o, amparando-o, enfim, dando todo tipo de ajuda para que este ser consiga viver de acordo com aquilo a que se predispôs antes de reencarnar.

É óbvio que pessoas do mal, marginais, homicidas, corruptos etc., não são auxiliados por espíritos “do bem” (que, logicamente, não lhes dariam inspirações para seus atos malévolos), pois a vida que vivem mostra nitidamente sob qual influência eles se encontram. Mas a questão que está em estudo é se existe ou não a possibilidade de sermos auxiliados constantemente por espíritos do bem, que desejam a nossa felicidade e a nossa vitória na conquista do bem agir.

Vou apresentar algumas dessas questões, levantadas por Kardec, para tornar o texto mais preciso com a codificação espírita.

*489. Há espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*²

“Há o irmão espiritual, o que chamais o bom espírito ou o bom gênio.”

491. Qual a missão do espírito protetor?

“A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

497. Pode um espírito protetor deixar o seu protegido à mercê de outro espírito que lhe queira fazer mal?

“Os maus espíritos se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor [...].”

499. *O espírito protetor está constantemente com seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?*

“Há circunstâncias em que não é necessário esteja o espírito protetor junto do seu protegido.”

501. *Por que é oculta a ação dos espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?*

“Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos, e o vosso espírito não progrediria [...]. [...] Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.”

Allan Kardec esmiúça a problemática levantada, apresentando ainda, no livro citado, uma belíssima mensagem entrecortando as perguntas, assinada por São Luís³ e Santo Agostinho, na qual esses espíritos detalham informações sobre a maneira como se dá essa proteção, mesmo estando a longas distâncias (entenda-se bem que, aqui, estamos tratando de *condições vibratórias* ou *dimensões* diferentes). São 33 questões abrangendo o assunto. Considerei adequado colocar apenas cinco, somente com o intuito de ligar-me às raízes da codificação, e sinto-me melhor desenvolvendo o tema por mim, trazendo as informações a você, amigo leitor, com minhas próprias palavras e ideias, ciente de que tudo o que escrevo teve a informação de Kardec e Chico Xavier como fonte primeira.

Se pensarmos que a vida prossegue após a morte, tanto em condições boas para aqueles que viveram no bem, quanto em má para aqueles que viveram no mal, logicamente direcionaremos o nosso pensamento para uma vida próxima àquela que vínhamos vivendo, como encarnados. Se imaginarmos que as crianças necessitam de pais (ou tutores) para as ajudarem no seu crescimento e no seu desenvolvimento físico, emocional e intelectual, e logo em seguida remetermos nosso pensamento para a questão da reencarnação, trazendo, com isso, a ideia de que essas crianças são espíritos que já viveram tanto quanto os pais, mas que, pelo fato de estarem usando um novo corpo físico, ainda em desenvolvimento, necessitam de cuidados especiais até certa idade, ficaremos presos a um pensamento de que, sempre que alguém inicia algo (no que se refere a uma nova vida), torna-se dependente

de outro, mais experiente, que o oriente (assim com um aluno e um professor).

Até aqui está bem claro; mas se estendermos nosso pensamento para a possibilidade de pessoas boas, que viveram *bem* aqui na Terra, enquanto estavam encarnadas, agora viverem no mundo espiritual uma vida ainda melhor, pelo fato de estarem sem o corpo físico, e pensarmos que esses espíritos desejam continuar a viver e a praticar o bem, talvez sejamos remetidos à ideia de que eles possam ser nossos tutores ou conselheiros espirituais.

Sei bem que isso são indagações, possibilidades... Não tenho uma “carta na manga” (como dizia Reinaldo) para resolver a questão, mas gosto de pensar que, assim como nossos pais nos amam e querem o nosso bem durante o nosso crescimento, também existam espíritos que, no que diz respeito ao *crescimento espiritual*, possam nos acompanhar por toda a nossa vida, para nos fortalecer na luta física, ajudando-nos a conseguir alcançar aquilo que nos propusemos a atingir em questões de busca espiritual.

Penso também que um espírito desencarnado talvez se cansaria de ficar ao nosso lado durante cinquenta, oitenta ou mesmo noventa anos de vida. Mas me satisfaço com a ideia de que exista uma “troca” de assistentes espirituais, que corresponda aos vários períodos e fases que passamos na vida. Por exemplo: quando eu tinha vinte anos, era uma pessoa bem diferente do que sou hoje, aos 44, e também sei que, se viver até aos oitenta, serei bem diferente do que sou hoje. O mundo muda muito rápido, e nós mudamos com ele. Se assim é, acredito que, talvez, exista uma “substituição” de espíritos que estejam nos protegendo. Entretanto, como Kardec informou, existe uma categoria diferente de protetores espirituais: são aqueles que assumem compromissos com pessoas que se tornarão médiuns enquanto estiverem encarnadas. Esses, para mim, assumem um compromisso com a pessoa encarnada que os leva a acompanhar o médium por toda a sua vida.

No ano de 2009, voltei a exercitar a mediunidade com muita assiduidade, e no passar dos meses, fui recebendo mensagens diversas sobre assuntos ligados àquilo que eu estava desenvolvendo, no livro que pretendia lançar. Acredito que eles estavam me auxiliando a desenvolver bem o meu pensamento sobre as questões que tratava, pois muitas mensagens traziam informações sobre o que eu já havia escrito e que, talvez, necessitasse de uma ajuda espiritual. Assim, apresento uma dessas mensagens, sobre os protetores espirituais.

Protetores espirituais

Todos os seres humanos, antes mesmo de escolherem uma família, um lar, uma condição de vida que lhes propicie uma nova reencarnação, são orientados por outros, mais evoluídos, mais conhecedores e mais experientes da realidade espiritual, a tentar a nova jornada da vida na Terra.

Ao ter prontas diante de si todas as condições familiares para esse novo reencarnante físico, Deus, a autoridade suprema, envia, das mais altas esferas resplandecentes de luz, paz e harmonia, seres que são chamados de protetores espirituais, aqueles que acompanharão a criatura durante toda a sua longa jornada física.

Esses seres, que já alcançaram altíssimo nível e condição espirituais, são capazes de acompanhar o seu pupilo durante toda a sua vida física; mesmo estando (em linguagem física) anos-luz distantes ou (em linguagem espiritual) em níveis vibratórios muito superiores aos dos encarnados, eles têm permissão para isso: orientam, ajudam, acompanham, protegem e, acima de tudo, AMAM o seu protegido.

Enquanto os anos vão passando, a vida vai acontecendo para a criatura encarnada; o protetor angelical está sempre conectado com o seu pupilo. O que acontece muito e se mostra como um fator com grande necessidade de superação nos dias de hoje é a falta de sintonia entre ambos. Existe uma sutil e muito complexa rede interligando o coração desses dois seres, numa tentativa de manter o encarnado firme na sua trajetória física já estipulada e escolhida por ele próprio.

Assim, a função desse protetor angelical é manter esse ser encarnado em sua trilha, assim como, grosso modo, uma locomotiva nos trilhos: durante todo o percurso de uma locomotiva, desde que siga sobre os trilhos, ela chega ao seu destino; mas todas as vezes que algum tipo de alteração ocorre nos trilhos, essa locomotiva tende a seguir outro caminho, correndo o risco, muitas vezes, de descarrilar, findando num grande acidente, que a impedirá de concluir a sua jornada previamente planejada. Assim é a ação do protetor junto da criatura encarnada: ele faz todo o possível para manter cada um de vocês andando nos trilhos, que vós mesmos marcastes e escolhestes para trilhar em vossas vidas. Se nenhum tipo de alteração for

forte o suficiente para alterar a rota já escolhida por vós, com certeza alcançarão o destino esperado.

Então, para que fique bem claro, a informação que desejo passar é a questão da sintonia entre vós e os vossos protetores espirituais. Em momento algum sentirão clara e nitidamente a ação deles em vossas vidas, mas posso garantir-vos que eles estão olhando por vós e guiando vossas vidas em todos os momentos e nos mínimos detalhes, para vos fazerem alcançar aquilo que almejais e pedistes ao vos reencarnar.

Abri o coração e a mente espiritual e procurai exercitar a ligação (ou conexão) com eles, que com toda a certeza, conseguireis manter-vos unidos em um só pensamento, agindo em conjunto para o vosso próprio benefício.

Ficai com Deus, queridos amigos, irmãos e companheiro de jornada.

Irmão Glaucus.

Bebedouro, 17 de junho de 2009.

* * *

Em mediunidade, existe um grande problema chamado “médiuns visados”, que são aqueles que despertam a atenção dos espíritos do mal, que detestam reuniões mediúnicas (as quais têm por objetivo o esclarecimento e a ajuda aos espíritos sofredores). Essas falanges espirituais fazem de tudo para afastar o médium de suas obrigações rotineiras nos momentos das reuniões. Contudo, sempre existe a ajuda do protetor espiritual, de Deus e também dos familiares desencarnados que acompanham os familiares encarnados. Entretanto, mesmo bem-amparado espiritualmente para prosseguir na jornada mediúnica e na vida pessoal, vejo que Deus nos deu um poderoso auxílio, o qual, se bem desenvolvido e bem-cuidado, pode nos ajudar a seguir nossa vida sem problemas e sem preocupações, mesmo ao lidar com reuniões mediúnicas. Estou me referindo à fé!

A fé, para mim, assemelha-se a um poderoso veículo de ligação entre as duas dimensões – física e espiritual – fortalecendo tanto o corpo quanto a alma. Existem diversos casos em que o uso da fé foi (e é) um poderoso auxílio, ajudando muitas pessoas a superarem seus problemas mais graves. Se voltarmos os olhos para períodos antigos, mais detidamente no

Evangelho, veremos um exemplo belíssimo, que vale a pena citar, mesmo recortado, que é o momento em que Lázaro morre. Ele e suas irmãs Maria e Marta eram muito amigos de Jesus, e o Mestre sempre se hospedava na residência deles, durante suas idas para Betânia. Quando Lázaro morreu, Jesus foi notificado. Como Jesus estava distante do local, ao chegar, encontrou Lázaro morto há quatro dias, e já cheirava mal. Ao chegar ao local, Marta, correndo ao encontro do Mestre, diz a ele que, se tivesse chegado antes, seu irmão não teria morrido. Dizia isso, pois sabia do Seu poder para curar. Jesus, para testá-la, diz o seguinte: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem tem fé em mim, viverá, ainda que tenha morrido; e todo aquele que em vida tem fé em mim não morrerá eternamente. *Tens fé nisto?*”⁴

Marta, ao ouvir essas palavras, recebe-as em seu coração, em sinal de fé, não duvidando delas. Logo em seguida, informa sua irmã, Maria, da presença do Mestre. Esta, ao encontrar-se com Jesus, repete as mesmas palavras, em sinal de profunda tristeza. Mas Jesus, conhecedor do coração de Maria, pede a ela que mostre o local onde Lázaro está. No momento em que chega à caverna, onde estava o corpo, pede que retirem a pedra que vedava a entrada. Marta, descrente, informa que o morto já está ali há quatro dias, cheirando mal. Jesus, observando novamente a sua falta de fé, diz o seguinte: “Não te disse eu que verás a glória de Deus, *se tiveres fé?*”.

Tiraram, pois, a pedra. Jesus levantou os olhos ao céu e disse: “Pai, graças te dou, porque me atendeste; bem sabia eu que sempre me atendes, mas por causa do povo em derredor é que o disse, para que tenham fé que tu me enviaste”.

*Dito isto, bradou: “Lázaro, vem para fora!”*⁵

Percebo que a fé é um poderoso agente de sustentação em minha vida aqui na Terra. Quando sinto faltarem forças para seguir adiante, em minha jornada evolutiva, por estar vivendo em meio a tanta violência, maldade, ambição, vícios e tantas outras fraquezas da humanidade, e principalmente na questão das abordagens maléficas por parte das falanges espirituais, que tentam me afastar do meu exercício mediúnico, elevo o meu pensamento a Jesus e solicito, por meio da oração fervorosa, a força necessária para prosseguir.

* * *

Não querendo estender muito o capítulo, desviando-o do seu tema central, vou finalizá-lo de uma maneira simples e próxima à nossa vida diária: para mim, existem espíritos protetores, designados por Deus para orientar toda criatura que se encarna. Para Deus, acredito, não existem seres bons ou maus, apenas seres desvirtuados do caminho do bem, pois, se todos são criados por Ele, e sendo Ele sumamente bom, logicamente, a sua criação deve ser boa. Imagino que Deus deseja o bem de todas as suas criaturas (assim como Jesus ensinou que, quando uma ovelha se afasta do rebanho, o pastor deixa todo o rebanho para ir em busca daquela que se perdeu) e não “economiza” trabalho e ajuda para aqueles que tentam as reencarnações. Se existem pessoas más, fazendo todo tipo de mal, imagino que são seres que optaram por esse tipo de vida, por motivos que desconheço, e que talvez justifiquem a vida que levam. Mas tenho plena certeza de que Deus olha por esses seres e aguarda o momento em que eles se cansarão de tanta maldade e escolherão um novo caminho. Livre-arbítrio é isto: fazer aquilo que nos apraz. Sabendo que todas as nossas *ações* geram *reações* e que toda a nossa sementeira, um dia, será colhida, acredito firmemente na bondade e na justiça divina, trazendo, com isso, a ideia de que existam seres espirituais, nossos protetores, nos ajudando a viver bem a nossa vida, e sempre pacientes com nossas imperfeições. No dia em que estivermos desligados desse corpo físico, após a morte, iremos contemplá-los e agradecer a bendita ajuda que recebemos e pela qual poucas vezes lhes agradecemos.

O livro dos espíritos. 1. ed. Especial. FEB, mai. 2005.

A pergunta é formulada por Allan Kardec, e a resposta é dada pelos espíritos, por meio dos médiuns.

São Luís, nos livros de Kardec, se identificou como o seu guia espiritual.

João 11: 25-26.

João 11: 40–43.

A moral espírita

Se me perguntassem qual a principal função da doutrina espírita (lembrando que Kardec classificou-a de ciência, Filosofia e religião) ou qual é aquela que a caracteriza, diria que é o seu lado ético-religioso. Menciono isso para mostrar que, em se tratando de questões *morais*, *racionais* ou mesmo *experimentais*, que estejam ligadas ao Espiritismo, percebo nas questões morais um maior destaque em relação às outras. Não quero, com isso, dizer que a Filosofia ou a ciência espírita não sejam atraentes; mas percebo que a maioria daqueles que aderem ao movimento espírita sente-se mais tocada pela *moral* que ele encerra.

Allan Kardec usava de uma máxima, formulada por ele mesmo, que dizia o seguinte: “Fora da caridade não há salvação.”. Esse pensamento estava em confronto com a ideia católica da época, que pregava o lema “Fora da Igreja não há salvação.”. Kardec, por meio dessa sentença ética, foi erigindo o edifício espírita, amparando-o na moral cristã, sobre a necessidade de se “amar o próximo tanto quanto amamos a nós mesmos” e “fazer ao próximo aquilo que gostaríamos que fosse feito a nós”. Esse ensinamento traduzia o pensamento e o ideal de Jesus sobre a maneira de se viver a vida aqui no planeta Terra.

Ainda nesse pensamento, Jesus, em muitos momentos de seus ensinamentos, referia-se a um lugar ou mesmo a uma condição íntima e espiritual, que ele nomeava de o *Reino dos Céus*, como o lugar prometido para aqueles que tivessem seguido os seus ensinamentos de amor a Deus e ao próximo, desfrutando, nesse lugar (ou condição íntima), de uma vida maravilhosa, guiada pelo amor, pela justiça e pela paz. Hoje, sabemos que o céu nada mais é do que uma camada de oxigênio, chamada de atmosfera, que circunda o planeta e que nos mostra uma tonalidade azul, mesclada pelo branco das nuvens. Acredito que, na época do Cristo, quando as pessoas olhavam para o alto e viam aquele azul, bonito, imaginavam ser lá o local do *Reino dos Céus*. Hoje, se entrarmos em uma nave espacial e, durante a sua trajetória em linha vertical, observarmos o planeta Terra, perceberemos que

esse azul bonito, claro e agradável de ver desaparece no momento em que a nave deixa a órbita terrestre e penetra na imensidão do cosmo. Lá, no espaço cósmico, contemplaremos uma profunda escuridão, sem som, sem ar e sem luz. Pergunto: onde está o Céu?

Dessa maneira, sou forçado a concluir que o *Reino dos Céus* não é um lugar físico ou espacial, mas talvez uma dimensão espiritual, onde a alma possa viver na sua condição real e primeira, livre dos problemas que o corpo físico acarreta. Nesse sentido ainda, podemos imaginar o *Reino dos Céus* como uma *condição íntima de cada um*, assim como quando sentimos muita paz interior.

Refletindo sobre a maneira como Jesus vivia – *uma vivência toda de amor ao próximo, entregando-se à morte por amor à humanidade* – e também sobre as suas palavras, de que nesse reino ele reinava, com toda a sua realeza, forçoso é imaginar que esse lugar (ou dimensão espiritual) deve ser um paraíso. Para tanto, basta refletir sobre a promessa feita ao prisioneiro que estava ao seu lado, nos seus momentos finais, quando Ele promete a este a entrada no paraíso, ainda naquele dia, ou seja, logo após a morte de ambos.¹

Voltando à questão da caridade, ensinada por Kardec na máxima “Fora da caridade não há salvação” e levando em conta que essa salvação faz alusão à entrada nas moradas divinas, é lógico que, se vivermos uma vida toda voltada à caridade e ao amor ao próximo, seremos salvos (segundo a expressão kardecista); melhor dizendo, teremos acesso às moradas espirituais de altíssimo nível.

Assim observando, vamos percebendo que uma coisa está ligada a outra, ou seja, uma vivência de amor ao próximo e de caridade remete a um desejo de se encontrar um lugar maravilhoso após a morte. Então, se para conquistar a entrada nesse lugar é necessário viver segundo os ensinamentos cristãos, parece-me ser esse o único modo. Assim, percebo que a doutrina espírita está erigida sobre alicerces poderosos, pois procura ensinar aos seus seguidores a melhor maneira de se viver de acordo com os ensinamentos de Jesus.

Trazendo essas ideias espíritas (sobre a moral), vamos refletir sobre a nossa realidade diária. Todos os dias, ao assistir aos jornais televisivos e ao ver tantas barbaridades relacionadas à violência, à corrupção, às drogas, à sexualidade, à maldade e a vários outros tipos de comportamentos do pior nível, percebo que, apesar de os homens terem chegado a um nível tão alto

de intelectualidade, produzindo tanta tecnologia e ciência, a humanidade, em questões de ética, ainda está “engatinhando”. Isso mostra que a *inteligência* e o *conhecimento* nada têm a ver com a *moral* e a *ética*.

Para Sócrates, as boas ações estavam relacionadas ao *conhecimento*, ou seja, as pessoas que não viviam de maneira correta ou boa agiam assim por falta de conhecimento sobre a sua realidade íntima (ou o conhecimento da alma). Para Platão, seguindo também essa noção de *conhecimento da alma* e sua *destinação após a morte*, levando o ser a buscar uma vida voltada para a alma, e não para o corpo, a ideia de ética e de moral parece estar ligada ao conhecimento. Para Aristóteles, o *hábito* seria o causador da ética, ou seja, aquele que se habituasse a praticar sempre a boa ação e o comportamento moderado (de acordo com a *teoria da mediania*)² seria uma pessoa boa, pois estaria vivendo de acordo com a *finalidade*³ para a qual existe. Essa ideia (de Aristóteles) me parece a mais próxima da tese de que *conhecimento* e *moral* estejam separados. Para mim, o *bem agir* está mais próximo do *hábito* do que da *razão*. Aristóteles, por pensar a alma de uma maneira diferente de Platão, queria mostrar o caminho do *bem agir*, regido por atos repetitivos, sem comprometimentos com recompensas após a morte.

Assim, vamos percebendo que Kardec acabou usando (talvez, sem mesmo se dar conta) um pouco de cada filósofo, para ensinar aos seus adeptos a melhor maneira de viver. Ele conseguiu unir a prática da caridade (portanto, o hábito) ao conhecimento da alma (como queriam Sócrates e Platão), fazendo uma ligação entre as duas situações e culminando no melhoramento da pessoa que pratica (portanto, da sociedade), levando a esta a ideia de que a recompensa após a morte seria a consequência natural dessa vivência.

Se a humanidade se mostra tão evoluída em conhecimento e tecnologia, por que não apresenta os mesmos resultados no comportamento em sociedade? Por que existem tantas corrupções, fraudes, desvio de dinheiro e, principalmente, descaso com a sociedade por parte dos governantes? Se eles são pessoas inteligentes, por que não usam dessa inteligência para seguir uma conduta próxima aos padrões da ética? Acredito que a resposta esteja num pensamento de Kardec que afirma que as maiores chagas da humanidade são o *egoísmo* e o *orgulho*.

Egoísmo e orgulho são sentimentos “irmãos” do individualismo, portanto distantes do social (ou em conjunto). Se o amor é um sentimento que *faz ligação entre os seres* e não se restringe a si (pois o amor a si próprio é egoísmo, ou egocentrismo), vou percebendo que a faculdade da alma capaz

de gerar uma boa vivência em sociedade (portanto, a ética) é a *faculdade de amar*, e não a de *conhecer*.

Para amar, não é preciso conhecer. Para isso, basta observar o cão: ele ama o seu dono sem mesmo possuir a faculdade da razão.

Outro exemplo que pode nos remeter a essa ideia é pensar sobre o amor de mãe e pai. Quando um filho nasce, logo nos primeiros momentos, os pais são invadidos por um forte sentimento de amor por aquela criança. Pergunto: e se fosse mostrada a esses pais a identidade desse espírito reencarnante? E se ele fosse um inimigo de uma antiga reencarnação? Talvez eles não o amassem. Mas como Deus é sábio, permitiu ao ser humano o esquecimento total de suas vidas passadas, deixando que o amor nasça no coração dos pais sem a ajuda do conhecimento: seria a condição de *amar por amar*.

Assim, vamos percebendo que a única saída para se viver bem em sociedade e também para se adquirir noções de ética e moral é apenas pelo amor: *somente amando* poderemos expulsar o mal da sociedade. *Somente praticando o amor* poderemos ser felizes sobre a Terra. *Somente vivenciando o amor* poderemos esperar uma boa vida após a morte. *Fora do amor*, acredito que não encontraremos outra saída para o nosso problema ético-social.

Outro fator que vem em defesa dessa tese se apresenta claro no comportamento dos marginais: ao se fazer uma investigação sobre a vida deles, durante a infância, é detectado que eles não receberam amor materno e muito menos a proteção dos pais. O amor materno, nos primeiros dez anos de vida da criança, determina de que forma ela se comportará quando adulta. Dificilmente uma pessoa que teve amor e carinho maternos durante a infância seguirá o caminho do mal quando adulta (é óbvio que, para toda regra, sempre existe uma exceção).

Assim, observando que a falta de amor e a falta de *instrução moral* durante a infância acarretam uma grande possibilidade de a criança entrar para o mundo da marginalidade, forçoso é pensar sobre a extrema necessidade dos ensinamentos de Jesus quanto ao amor ao próximo. Não basta amarmos os nossos familiares; precisamos aprender a amar aqueles que não fazem parte dos nossos laços familiares, pois muitas vezes, esses deserdados da sorte não possuem família.

Da mesma maneira que os pré-socráticos pregavam a máxima “semelhante atrai semelhante”, o Espiritismo ensina que todo aquele que trabalha constantemente as suas inclinações para o *bem agir* torna-se um espírito

melhor, atraindo para si a presença dos *bons espíritos* que o ajudarão durante a sua vida. Essa informação é valiosíssima, se pensarmos na possibilidade de termos ao nosso lado, sempre que possível, um espírito moralizado, com inclinações aos bons atos, de amor para com o nosso próximo. Sem contar que a presença de espíritos bons ao nosso lado evita a presença dos maus.

Ainda na vivência do amor ao próximo, o Espiritismo ensina que a prática do bem, motivada pelos bons pensamentos, que têm a sua origem no coração bondoso, gera uma irradiação boa naquele que a pratica, perceptível (sentida) por aqueles que com ele convivem (desde que estes possuam certo grau de sensibilidade desenvolvida). Isso é fácil de perceber; para tanto, basta atentar para as vezes em que estamos perto de uma pessoa bondosa, que se preocupa com seu semelhante: a sensação que experimentamos ao nos aproximarmos dessa pessoa é algo realmente bom.

Isso, em doutrina espírita, é chamado de *campo vibratório* ou *aura*, que é a irradiação da própria pessoa. Essa irradiação vem da sua alma, que ligada ao seu *perispírito*, irradia um campo energético de boas vibrações. Ainda nesse sentido, o *causador* dessa boa vibração nada mais é do que os *pensamentos, desejos e inclinações* que essa alma possui, por estar trabalhando o seu lado bom, durante as boas ações realizadas. Os espíritos ensinam ainda que toda boa ação ou bom pensamento gera, no *corpo energético* do ser humano, uma irradiação luminosa (belíssima, por sinal) que o distingue dentre os demais. Mas como essa visão não pertence aos olhos físicos, e sim aos olhos do corpo energético, contemplaremos e veremos as verdadeiras pessoas boas somente quando estivermos desencarnados também. Além disso, não apenas contemplaremos a beleza da luminosidade dessa pessoa, mas também veremos o local onde ela irá habitar desencarnada, por merecimento dessa boa vivência.

Trazendo ao texto, ainda, outro ponto importante nos livros mediúnicos, quero lembrar que, na série *André Luiz*, as informações ditadas pelo espírito (de mesmo nome) abordam os mais diversos assuntos, desde a realidade espiritual e a maneira como os espíritos vivem nessa dimensão (ou na espiritualidade) até a maneira como eles atuam em nossos meios, nos influenciando e sendo influenciados. Além dessas informações, o forte da série são os ensinamentos sobre moral e comportamento social. André Luiz, por meio da ajuda de seus mentores, relata os mais diversos casos sobre a maneira como as pessoas “chegam” ao mundo espiritual, logo após a morte,

e o que encontram de bom e de ruim. Esse espírito, à medida que vai relatando os fatos, apresenta a melhor maneira de agir e *assumir* as responsabilidades no momento pré-reencarnatório. Segundo André Luiz, todo ser humano assume uma responsabilidade antes de reencarnar (assim como fazemos quando vamos nos casar, ter filhos, tentar um novo trabalho etc.), e ela é direcionada às conquistas e reparações em nível espiritual, ou seja, desde um simples relacionamento até as altas conquistas científicas, morais ou governamentais; tudo se vincula aos efeitos pré-reencarnatórios, com vistas à melhoria socioespiritual da humanidade, gerando efeitos benéficos em sentido pós-morte.

Pessoas que escolhem trabalhar com a *mediunidade* assumem sérias responsabilidades que, se não desempenhadas ou se desempenhadas de maneiras diferentes daquelas prometidas antes da reencarnação, trazem graves prejuízos para o momento que se segue após a morte. André Luiz informa também que não apenas aqueles que desejam se tornar médiuns na Terra, mas também a maior parte das pessoas volta ao planeta para, na maior parte das vezes, ressarcir os danos causados a outros, em vidas passadas, e assim, após essa nova reencarnação, aliviar a consciência dos atos ruins praticados no passado.

Dessa maneira, com todas essas informações, os livros da série *André Luiz* vão apresentando as soluções para os problemas encontrados no comportamento da humanidade. Fica claro para o leitor o porquê de vários comportamentos estranhos, ou então, o porquê do sofrimento, aparentemente injusto, de várias pessoas. Enfim, são informações que geram um forte impacto sobre aquele que lê. Acredito que poucos são os que não se modificam (para o bem) ao ler a série.

Dessa maneira, Chico Xavier, por meio das informações de André Luiz, trouxe um maravilhoso código de ética e moral, próximo à nossa realidade cotidiana, chamando a nossa atenção para as responsabilidades de se pensar bem sobre tudo aquilo que formos falar ou fazer, para que, após a morte, não venhamos a nos arrepender de nossos atos.

Eis quão grandiosa é a moral espírita. Além de abrir novos horizontes espirituais para a humanidade, ela apresenta também uma moral e uma ética que ainda não foram encontradas pelos nossos legisladores e governantes. Acredito ainda que, se nossos governantes e legisladores estivessem imbuídos dessas informações, teríamos uma vida em sociedade bem melhor do que a que vivemos hoje.

* * *

Para encerrar o capítulo, apresentarei agora outra mensagem, que trata da questão do *merecimento* para se viver em um bom lugar após a morte, desde que a pessoa busque os ensinamentos cristãos, além de mostrar também a *necessidade do desenvolvimento da sensibilidade espiritual* ainda na vida física. Vamos a ela.

Primeiras impressões

Minhas primeiras impressões registradas ao penetrar o mundo imaterial não foram muito distantes daquelas que são percebidas por todos os mortais.

Como havia dito,⁴ sendo eu possuidor de uma grande capacidade intelectual e perceptiva, sobre todos os objetos que são observáveis, tive grande espanto e admiração ao perceber que o que via não era muito diferente daquilo que imaginava quando usava um corpo físico.

O mundo que se me apresentava era um tanto desconexo.

Digo francamente que agora já não mais fazia uso da razão, mas sim das minhas percepções espirituais. Essas percepções não estão distantes daquelas de uso mental, mas se estendem ao amplo mundo cognoscível da captação de tudo o que está sendo percebido por todas as propriedades do nosso corpo energético e vibratório.

O perispírito é, além de um instrumento sensitivo, um amplo catalisador de ondas e emoções de forças advindas de toda a “atmosfera espiritual”. Não conseguia me elevar sequer um palmo além do chão, pois o que percebia unicamente era que me encontrava no planeta Terra, apesar de haver deixado o corpo físico.

A sensação era de que não havia morrido, pois possuía todas as minhas faculdades de uma maneira bem clara e normal.

Via objetos e seres se movendo como formas virtuais em “terceira dimensão”, sendo estes, entes e objetos, reais nesta esfera extrafísica. O que me confundia a razão era que, ao tentar tocá-los, não conseguia. Era como se as minhas mãos os atravessassem. Eles apareciam e desapareciam em segmentos descompassados.

Depois, comecei a perceber sons que me pareciam vir de dentro de mim, apesar de saber serem vindos do exterior.

Vozes começaram a ser identificadas pela minha percepção auditiva.

Aos poucos ia percebendo que essas vozes eram conhecidas por mim, ou seja, eu percebia e identificava aqueles sons como sendo de alguns companheiros meus, que durante nossas vidas, juntos investigamos a Vida. Eram filósofos amigos, companheiros de longa data, que já haviam morrido bem antes de mim.

Minha primeira pergunta foi: será que já estamos penetrando o “mundo da Verdade”? Seremos agraciados pela posse do conhecimento incorruptível dos objetos? Será que eu estou me deparando com o mundo que Sócrates observou em seus diálogos?

De repente, como se um súbito sinal de staccato me fizesse interromper as diversas indagações, recebi a ordem para apenas ouvir. Uma voz portadora de vigor, verdade, amor e determinação ecoou em meus ouvidos: – Caríssimo amigo e companheiro de lutas, chegou o teu momento de abandonar as vestes físicas. Deixaste a Terra, que tanto te beneficiou e que tanto te dignificou como um grande pensador que foste. Agora está começando o momento de procurar compreender melhor esse momento aqui, que deixaste em segundo plano, quer seja por falta de vontade ou por desconhecimento de causa. Trabalhaste apenas a mente, meu caro, agora lidarás com o coração. Porventura, durante teus longos discursos e ensaios, não percebeste que o ser humano não é apenas dotado da faculdade da razão, mas também do coração? Sabemos que o coração é apenas um órgão próprio para receber as vibrações desta outra parte da alma, sendo ela o oposto da razão. Não te lembras da teoria dos contrários, amplamente difundida por Aristóteles? Pois bem, agora descobrirás esse contrário, esse imenso potencial que ainda está intacto e imaculado por ti. Meu amigo, neste novo mundo onde estás penetrando não farás tanto uso da razão quanto fazias, mas precisarás, em primeiro lugar, fazer uso da faculdade das emoções, quais sejam o amor e a intuição. Irás, aos poucos, descobrindo o que acontece quando deixamos nossa sensibilidade paralisada em virtude de nosso cérebro.

Logo após esse breve anúncio, eis que me vejo sobre um alto ponto de uma elevação da natureza e vejo uma cena indescritível: casas; objetos que deslizavam no ar, apesar de próximos ao chão; seres banhados de uma luz mirífica e divina, que me confundiam a razão, por nunca ter contemplado

seres assim, dotados de uma luz maravilhosa que se irradiava de seus próprios corpos. Esses seres deslizavam por sobre a superfície. Outros conseguiam se elevar bem alto, além do solo. Via claramente seres dos dois sexos; alguns deles se deslocavam de mãos dadas, deixando-me nitidamente a sensação de estar contemplando um casal de namorados. Via lagoas, alguns prédios, tudo muito diferente quanto ao aspecto luminoso, mas parecido quanto à forma.

Sentindo-me tão bem diante daquelas visões, eis que me viro para esse meu amigo – de longa data – e peço a ele que me leve até aquele lugar abençoado. Mas a contragosto meu, tive a triste notícia de que tudo aquilo que vislumbrava nada mais era que uma projeção feita por amigos de outro plano de existência, que tentavam me acordar para a realidade que eu começava a descobrir.

Então, meu grande amigo vira-se para mim e diz, com certo tom de seriedade e alegria:

– Este novo mundo que estás percebendo nada mais é que aquele que Sócrates tentou expressar como um mundo real, maior e mais verdadeiro que o mundo físico. Mas, meu caro amigo, para podermos penetrar e viver nesse local, juntos dessas pessoas que aí estão por merecimento, teremos de aprender a trancar nossas investigações mentais e começar a trabalhar a nossa condição de criaturas espirituais, muito além da condição humana, enquanto encarnados. Não desanime. Você aprenderá a conhecer Deus e Sua maravilhosa justiça. Não se lembra daquele grande ser que foi Jesus? É triste pensar que filósofo algum se lembrou de engrandecer o seu nome, pelo simples fato de Ele não fazer uso da razão, quando encarnado. Pois é, meu caro amigo, se tivéssemos tido um pouco de interesse em procurar compreender melhor o que esse ser dizia e o que tinha a apresentar, talvez você estivesse em condições de dar uma espiadela nesse local de paz e de harmonia. Mas infelizmente, terá de esperar algum tempo mais para poder se tornar cidadão desse belo condomínio espiritual. Vamos, meu amigo, vamos estudar o Evangelho, aquele livro simples, tão fácil de ler e que não contém objetos de estudos racionais; mas saiba que esse sublime livro é que dará as respostas desse novo mundo, onde você e eu habitaremos.

Terminando de falar, eis que ele me abraça afetivamente. Então pude ver o seu rosto. Não pude conter as lágrimas quando reconheci o meu amigo...

Bebedouro, 08 de novembro de 2004.

Lucas 23: 42-43.

Vide a obra aristotélica *Ética a Nicômaco*.

Vide a *Metafísica* de Aristóteles.

Nesse momento, ficou claro para nós (que estávamos presentes à reunião no momento em que psicografei a mensagem) que esse espírito comunicante era o mesmo da mensagem *O papel do médium na comunicação mediúnica*.

Conclusão

Chegamos ao final do livro. Como informei logo na Introdução, minha intenção neste trabalho era mostrar os “prós” e os “contras” de se buscar o entendimento espiritual por meio da ciência ou mesmo da Filosofia.

Ficou bem claro, no livro, que necessitamos das informações científicas e tecnológicas, pois elas nos ajudam a entender bem o mundo em que vivemos e também o corpo físico que usamos. Mas, como mostrei (ao menos imagino tê-lo feito) nas minhas experiências e também nesses anos todos em que tenho lido e estudado livros de diversas áreas do conhecimento humano, o ser humano é um composto de *matéria* e *espírito*, e a ciência lida apenas com a *matéria* e a *energia*. Portanto, se nos detivermos apenas em informações desse nível, ficar-nos-á complicado entender a dimensão espiritual, como também os elementos que se ligam a ela. Nos momentos em que experimento o contato espiritual com os seres dessa dimensão, percebo nitidamente que o caminho usado por eles é o *coração*, e não o cérebro. O raciocínio entra em uma segunda etapa, depois que as emoções (emitidas por eles) transbordam nos centros sensitivos. Com isso, a *razão fica a serviço das emoções*, para finalmente levar ao papel aquilo que foi concebido no coração.

Vejo na Filosofia um poderoso agente de introspecção humana. Ela tem mecanismos capazes de sondar as “profundezas” da nossa alma, principalmente se nos detivermos no estudo das obras clássicas dos gregos da Grécia Antiga, principalmente Platão. Entretanto, o que tenho percebido, e que falta à Filosofia, para torná-la forte o suficiente para penetrar na dimensão espiritual, é a questão da experiência: o contato com os espíritos. Como sou partidário do empirismo e necessito muito da experiência sensitiva para me certificar daquilo que estou aprendendo, percebo que se ela (a experiência) me fosse vedada, não teria tanta segurança em dissertar sobre tudo o que falei.

Como você pôde perceber, prezado leitor, sempre tive experiências muito próximas da teoria espírita (mais precisamente a kardecista), e foram elas

que me deram segurança para escrever a respeito.

Assim, encerro este livro dizendo que o momento máximo da compreensão espiritual, por parte daquele *que realmente deseja adquiri-la*, somente acontece quando abrimos as “portas” do coração e da alma, buscando, por meio da fé, aquilo que transita pelas “avenidas do coração”. Posso garantir a você, leitor amigo, que enquanto a sua mente e o seu cérebro estiverem em ação constante, não deixando “brechas” para a fé e a sensibilidade emocional agirem, acredito que muito pouco você encontrará.

Espero que você tenha apreciado a leitura deste livro e procure sempre trabalhar as emoções, a fé e a sensibilidade para penetrar na dimensão espiritual, que, por incrível que pareça, está ao nosso redor.

Para fazer contato com o autor, envie seu e-mail para bb.gsjunior@mdbrasil.com.br.